

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Camila Farias da Silva

**“ACONTECE UMA COISA QUE EU NÃO SEI EXPLICAR”:**  
um estudo sobre emoções e performances públicas de contestação

Porto Alegre

2021

Camila Farias da Silva

**“ACONTECE UMA COISA QUE EU NÃO SEI EXPLICAR”:**  
um estudo sobre emoções e performances públicas de contestação

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva.

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos André Bulhões Mendes

VICE-REITORA

Patricia Pranke

DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Hélio Ricardo do Couto Alves

VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Alex Niche Teixeira

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Márcia Montenegro Velho

COORDENADORA DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Fabiana Hennies Brigidi

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Camila Farias da  
"Acontece uma coisa que eu não sei explicar": um  
estudo sobre emoções e performances públicas de  
contestação / Camila Farias da Silva. -- 2021.  
177 f.  
Orientador: Marcelo Kunrath Silva.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,  
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Emoções. 2. Ação Coletiva. 3. Eventos de  
Protesto. 4. Engajamento Emocional. 5. Performances.  
I. Silva, Marcelo Kunrath, orient. II. Título.

Camila Farias da Silva

**“ACONTECE UMA COISA QUE EU NÃO SEI EXPLICAR”:**

um estudo sobre emoções e performances públicas de contestação

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Porto Alegre, 31 de maio de 2021

Resultado: Aprovada

---

Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva – Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristiana Losekann — UFES

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Lorena Cândido Fleury – PPGS/UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Teresa Cristina Schneider Marques — PUCRS

## AGRADECIMENTOS

Essa tese encerra meu período de cinco anos de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Durante esse período diferentes acontecimentos marcaram a minha experiência com a produção dessa pesquisa.

Após a aprovação no doutorado, ao longo do primeiro ano do curso, fiz a difícil escolha de sair de um emprego estável como servidora do estado para poder me dedicar completamente a minha formação. Agradeço a todos e a todas que me apoiaram nessa decisão (principalmente aos/as ex-colegas da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul e a minha família). No segundo ano do curso me separei, esse acontecimento teve implicações negativas na minha organização e no meu planejamento. Agradeço principalmente as minhas amigas e aos meus amigos que contribuíram para que eu conseguisse me reestruturar em uma nova casa, com novas rotinas e um novo projeto de vida.

Já na metade final do curso fui aprovada para ser professora substituta no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, da Universidade Federal de Santa Maria (CTISM/UFSM). A mudança de cidade e o fato de ser professora da área de ciências de humanas no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) trouxeram desafios que foram enfrentados com o auxílio de muitas pessoas. Meu agradecimento primeiro é para os amigos e amigas que fiz nesse período e foram os grandes responsáveis por tornarem Santa Maria, “minha cidade de trabalho”, em um lar. Agradeço aos professores e as professoras do CTISM, assim como a equipe técnica, com os/as quais muito aprendi. Finalmente aos meus alunos e alunas que fizeram desses dois anos um período especial na minha vida.

Quando eu estava me dedicando a escrita da tese ocorreu o último acontecimento que marcou a minha experiência: a pandemia de coronavírus (COVID-19). Sem dúvida esse é um acontecimento que não marca só a minha vida, mas a de todas as pessoas no mundo inteiro. Dificuldades, desafios, angústia, medo, luto, solidão, muitos são os efeitos que o contexto pandêmico trouxe para vida de cada um. Agradeço a minha companheira e a sua família que me acolheram provendo segurança e afeto tão necessários nesse momento. A pandemia também revelou por um lado a importância da ciência e por outro o quanto existe ainda um longo enfrentamento com os que a negam. Nesse sentido gostaria de agradecer aos

professores e professoras do PPGS que contribuíram para minha formação de qualidade e estão cotidianamente na luta pelo reconhecimento, investimento e fortalecimento da universidade pública. A UFRGS é parte fundamental da construção da pessoa que sou hoje. Entrei no Colégio de Aplicação (CAP/UFRGS) na então quinta-série do Ensino Fundamental, com 10 anos de idade, e lá permaneci até a conclusão do Ensino Médio; depois fiz minha graduação nas Ciências Sociais da UFRGS, fiz o mestrado no PPGS/UFRGS e agora encerro o doutorado no mesmo programa. Me orgulho de ter sido (trans)formada pela universidade pública e tenho certeza que a construção de uma sociedade menos desigual, menos violenta e mais diversa passa pelo fortalecimento das instituições públicas, em especial de uma educação pública de qualidade a todos e todas.

Nessa minha trajetória na UFRGS grande parte dela foi acompanhada pelo professor Marcelo Kunrath Silva, meu orientador durante a graduação, mestrado e doutorado. Ele é minha grande referência como profissional. Completar esse ciclo de formação não seria possível sem seus ensinamentos, a sua dedicação, seu comprometimento e a sua parceria. Por causa do professor Marcelo conheci o Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE/UFRGS) do qual faço parte desde 2011. A produção acadêmica e especialmente o desenvolvimento de uma tese pode ser um processo solitário, mas a minha experiência foi o contrário, contou com muita colaboração. Agradeço a todos e a todas que fizeram e fazem parte do GPACE, sempre contribuíram com um debate qualificado, com o desenvolvimento e a realização de projetos colaborativos (essenciais para minha formação como pesquisadora) e a produção de um espaço coletivo de aprendizagem, troca e apoio. Agradeço também a minha turma de doutorado e amigos e amigas que o PPGS me proporcionou, todos e todas importantes para minha trajetória acadêmica.

É necessário investimento para o desenvolvimento científico. Estudantes de pós-graduação são também responsáveis por produzir conhecimento que de imediato ou a longo prazo pode transformar a sociedade. Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa. Sem dinheiro não há pesquisa. Sem pesquisa não há futuro.

Agradeço aos interlocutores e as interlocutoras da pesquisa que dedicaram seu tempo, compartilharam suas experiências e seu conhecimento. Sem eles e elas não seria possível a realização da pesquisa.

## RESUMO

Pelo menos desde o período de redemocratização as cidades brasileiras são palcos frequentes de diferentes manifestações de demandas coletivas. Inclusive durante o período de pandemia vivenciamos eventos de protesto que reivindicavam desde a abertura do comércio até o *impeachment* do presidente. Os protestos, no entanto, assumem formas variadas. Escolhas táticas são realizadas, por exemplo, faremos uma passeata ou uma greve? Ainda assim, escolhida a tática, ao colocá-la “em prática” ações diversas são performatizadas. Uma passeata na qual sua principal demanda refere-se ao direito das mulheres tende a ser diferente de uma passeata na qual a principal demanda é o porte de armas, por exemplo. Independente das diferenças existem muitas preocupações que são comuns, entre elas estão: como motivar a participação das pessoas em empreender a ação coletiva contestatória? Como um protesto pode ser eficaz não necessariamente apenas em termos de resultado, mas no sentido de satisfazer expectativas diversas dos manifestantes? No que diz respeito a tais preocupações (e não somente a elas) as emoções cumprem função central. As emoções são responsáveis por grande parte das decisões. Levando esse fato em consideração, o argumento apresentado por essa tese é que existe um fenômeno chamado de engajamento emocional que é o maior nível de envolvimento entre o manifestante e a ação performatizada no protesto (performance). Ele pode ser tanto positivo (gerando aderência a performance), quanto negativo (gerando rejeição a performance). O problema sobre o qual se desenvolve a pesquisa é como ocorre o engajamento emocional dos participantes de eventos de protesto com as performances públicas de contestação que compõem tais eventos? Para avançar em uma resposta o desenho da pesquisa foi dividido em duas etapas: primeiro uma parte descritiva a fim de caracterizar o engajamento emocional positivo e negativo, e uma segunda parte para explicar o fenômeno. Para primeira etapa foram realizadas observações em eventos de protesto e aplicados questionários. No que diz respeito a segunda etapa foram realizadas entrevistas com manifestantes e esses entrevistados foram acompanhados pela pesquisadora em um protesto. Como resultado identificou-se que na interação entre manifestante e performance, o manifestante compreende a performance e age sobre ela. O que o manifestante faz a partir de sua compreensão, ou seja, sua ação, é o mecanismo causal que explica o engajamento emocional. Foram identificados três principais mecanismos (que podem ocorrer de forma combinada): enquadramento de eficácia, enquadramento de injustiça e identificação.

**Palavras-chave:** Ação coletiva. Emoções. Eventos de protesto. Engajamento emocional. Performances.

## ABSTRACT

At least since the redemocratization, Brazilian cities have been a frequent stage for different demonstrations of collective demands. Even during the pandemic period, we have experienced protest events that claimed, for example, for the reopening of the commerce and for the impeachment of the president. Protests, however, take different forms. Tactical choices are made. For example, will we march or strike? Once the tactic is chosen, when putting it “in practice”, different actions are performed. A march in which activists claim for women's rights tends to be different from a march in which they claim for the possession of weapons, for example. Regardless of the differences, there are many concerns that are common for every performance, such as: how to motivate people to participate in protest and undertake collective action? How can a protest be effective, not only in terms of its results, but also in the sense of satisfying the various expectations of the protesters? With regards to such concerns (but not only them) emotions play a central role. Emotions are responsible for a large part of decisions activists make. Considering this, this thesis argues that there is a phenomenon called “emotional engagement”, defined as the highest level of involvement between the demonstrator and the action performed in the protest (performance). Emotional engagement can be both positive (generating performance adherence), as well as negative (generating performance rejection). The problem assessed by this research is how does the emotional engagement between protest participants and the public performances that compose such events occur? To advance a response to this question, the research design was divided into two stages: first descriptive procedures sought to characterize positive and negative emotional engagement, and second it sought to explain the phenomenon. For the first stage, observations were made at protest events and questionnaires were applied. Regarding the second stage, interviews were held with protesters and these interviewees were accompanied by the researcher during the protest. The results of this investigation identified that in the interaction between protester and performance, the protester understands the performance and acts on it. What a demonstrator does from his understanding, that is, his action, is the causal mechanism that explains emotional engagement. Three main mechanisms have been identified (which can occur in a combined manner): attribution of effectiveness, injustice frame and identification.

**Keywords:** Collective action. Emotions. Protest events. Emotional engagement. Performances.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Figuras

<b>Figura 1:</b> Tabela de abordagens e métodos de pesquisa .....	48
<b>Figura 2:</b> Tipos e níveis de envolvimento .....	92
<b>Figura 3:</b> Preferência dos manifestantes .....	94
<b>Figura 4:</b> Rejeições dos manifestantes .....	95
<b>Figura 5:</b> Nuvem de palavras .....	147
<b>Figura 6:</b> Como ocorre o engajamento emocional.....	163

### Quadros

<b>Quadro 1:</b> Como as teorias abordam as emoções .....	25
<b>Quadro 2:</b> Tipologia das Emoções .....	25
<b>Quadro 3:</b> Portadores Físicos de Significados .....	42
<b>Quadro 4:</b> Portadores figurativos de significados .....	43
<b>Quadro 5:</b> Sistematização dos procedimentos metodológicos .....	52
<b>Quadro 6:</b> Categorias da entrevista.....	57
<b>Quadro 7:</b> Entrevistados.....	58
<b>Quadro 8:</b> Sistematização das interações observadas nas manifestações analisadas .....	77
<b>Quadro 9:</b> Compreensões dos manifestantes sobre as ações performatizadas caracterizadas por falas de representantes de coletividades .....	119
<b>Quadro 10:</b> Compreensões dos manifestantes sobre as ações performatizadas caracterizadas por elementos artísticos .....	128
<b>Quadro 11:</b> Compreensões dos manifestantes sobre as ações performatizadas caracterizadas por elementos de afirmação/construção de identidade.....	137
<b>Quadro 12:</b> Compreensões dos manifestantes sobre as ações performatizadas caracterizadas por elementos que afrontam a legislação .....	145

### Tabelas

<b>Tabela 1:</b> Faixa etária respondentes	82
<b>Tabela 2:</b> Motivação	84
<b>Tabela 3:</b> Ação que mais gosta	85
<b>Tabela 4:</b> Ação que menos gosta	86
<b>Tabela 5:</b> Preferência de tipo de manifestação	86
<b>Tabela 6:</b> Destaque positivo na manifestação em apoio à operação Lava Jato	87
<b>Tabela 7:</b> Destaque negativo na manifestação em apoio à operação Lava Jato	88
<b>Tabela 8:</b> Destaque positivo na manifestação Greve Geral	88
<b>Tabela 9:</b> Destaque negativo na manifestação	89
<b>Tabela 10:</b> Destaque positivo na manifestação 8M	89

<b>Tabela 11:</b> Destaque negativo na manifestação	90
<b>Tabela 12:</b> Destaque positivo na manifestação por justiça a Marielle e Anderson	90
<b>Tabela 13:</b> Destaque positivo na manifestação Marcha da Maconha	90
<b>Tabela 14:</b> Destaque negativo na manifestação Marcha da Maconha	91
<b>Tabela 15:</b> Destaque positivo na manifestação 30M	91

### **Fotos**

<b>Foto 1:</b> Manifestação em apoio à Lava Jato .....	60
<b>Foto 2:</b> Manifestação Greve Geral.....	64
<b>Foto 3:</b> Manifestação 8M .....	67
<b>Foto 4:</b> Manifestação pedindo justiça para o assassinato de Marielle e Anderson...	69
<b>Foto 5:</b> Marcha da Maconha.....	70
<b>Foto 6:</b> Manifestação “Tsunami da Educação” .....	72

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 COMO SÃO ABORDADAS AS EMOÇÕES?</b> .....	<b>18</b>
1.1 ABORDAGENS SOBRE AS EMOÇÕES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS .....	18
1.2 ABORDAGENS SOBRE AS EMOÇÕES NA LITERATURA SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS .....	23
<b>2 PERFORMANDO O PROTESTO</b> .....	<b>36</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>47</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO/DESCRIÇÃO .....	53
3.2 EXPLICAÇÃO .....	56
<b>4 UM OLHAR SOBRE OS PROTESTOS</b> .....	<b>60</b>
<b>5 PREFERÊNCIAS E REJEIÇÕES DOS MANIFESTANTES SOBRE AS AÇÕES PERFORMATIZADAS NOS PROTESTOS OBSERVADOS</b> .....	<b>82</b>
<b>6 ENGAJAMENTO EMOCIONAL: INTERAÇÃO ENTRE MANIFESTANTES E PERFORMANCES</b> .....	<b>97</b>
6.1 COMPREENSÃO DOS MANIFESTANTES SOBRE AS PERFORMANCES COM AS QUAIS INTERAGEM .....	97
6.2 MECANISMOS CAUSAIS QUE EXPLICAM O ENGAJAMENTO EMOCIONAL (NEGATIVO E POSITIVO) .....	145
6.2.1 Mecanismo causal – Enquadramento de Eficácia .....	154
6.2.2 Mecanismo causal — Enquadramento de Injustiça .....	157
6.2.3 Mecanismo causal — Identificação .....	160
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>165</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>172</b>

## INTRODUÇÃO

Julho de 2015

Estou sentada em um café no shopping Bourbon Country da avenida Ipiranga, cidade Porto Alegre, estado Rio Grande do Sul, por volta das 19h30, esperando um rapaz para ser entrevistado. O momento é de tensão. Fico lembrando das dificuldades de marcar essa entrevista. Não conhecia ninguém que participasse de uma forma mais ativa das manifestações que estavam acontecendo sobre a reivindicação do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Para atender ao meu critério, a pessoa deveria ter participado das manifestações em 2013 e se identificar com os grupos que denunciavam a corrupção e criticavam o Governo Federal. Mande mensagens no *Facebook* para todas as pessoas que apareciam como organizadores dos eventos convocados pelo coletivo “Vem pra Rua”. Depois de quase uma semana, responderam. Ele. Que já vai chegar. No primeiro contato via *Messenger* disse que aceitava me encontrar. Pedi para explicar a pesquisa e o que exatamente eu estava buscando. Expliquei. Tudo bem. Entrevista marcada. Três dias depois, outra mensagem: “você faz parte do grupo do Bloco de Lutas aqui no *Facebook*, pode explicar?”, dizia ele. Difícil explicar que as motivações pessoais não interfeririam no processo da pesquisa. Mentira. Mas é necessário um esforço para não perder essa entrevista. O perfil dele? Um homem que quer a intervenção militar. Também crio minhas representações sobre o que está por vir. Quinze minutos atrasado. Será que se arrependeu de encontrar “a comunistinha”? Acredito que seja isso que ele estava pensando ao perguntar sobre minhas convicções políticas. Chegou. Um homem normal. Não é um monstro que veio “acabar” comigo. Poderia ser meu irmão. Começa a entrevista, tudo corre bem. Descubro que ele é um dos organizadores das manifestações *pró-impeachment* a nível regional e nacional. Algo me chama atenção na fala dele:

[...] o dia da manifestação é como, pra mim, é como ir no futebol, futebol não (risos), futebol é diversão, mas digamos que é a mesma emoção, sabe, é um sentimento de patriotismo [...] então é emocionante ali, é bem emocionante, tanto que diversas vezes na manifestação, dependendo do resultado, a gente chora, a gente fica feliz, a gente fica triste [...] eu mudei, sei lá, 200% de 2013 pra cá, né, minha relação com as pessoas, minha relação com a minha família, o meu dia a dia [...] [lágrimas] [...] e no começo tu fica tão ansioso que tu quer colocar isso pra fora, tu quer mostrar pro mundo que, porra, tu sabe coisas e não é assim, tem todo um trabalho, sabe, tu despertar as pessoas, despertar o interesse delas pelas coisas, e em cada pessoa desperta de uma maneira [...] (ENTREVISTA 4)

Depois de um tempo, entendi. Repetidas vezes ele falava como o que ocorria na manifestação — as ações desenvolvidas — envolvia ele de tal forma (emocionalmente) que se sentia motivado a fazer o que fosse possível pela causa. Entendi que a interação com essas ações (que chamo de performances) tem efeitos emocionais nos manifestantes. Nesse caso, nele. Mas voltando ao dia da entrevista. Já era quase 21h quando a entrevista começou a chegar ao fim. Ele falava de uma forma, com gestos, expressões, argumentos que, quando ele me disse que eu precisava ir à próxima manifestação para entender o que ele estava tentando explicar, cheguei a me imaginar enrolada em uma bandeira do Brasil seguindo-o. Ele me envolveu na sua performance. Em determinado momento me conectei com ele emocionalmente. Mas quando, ao fim da entrevista, disse que a única saída era a intervenção militar, o balde de água fria me acordou para a situação. Eram 21h35 quando eu pagava meu café e saía do shopping pensando na experiência que havia vivenciado com essa entrevista.

Agosto de 2015

Era por volta das 18h30. Chego no prédio do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para realizar uma entrevista. A menina que estava vindo ser entrevistada já era conhecida. Estava tranquila em relação ao andamento da entrevista. Convidei ela pois era bem envolvida no Levante Popular da Juventude, grupo com participação central no Bloco de Lutas pelo Transporte Público. Ela chegou. Um pouco atrasada. Ofereço água. Começamos a entrevista. Tudo estava se passando dentro da normalidade. Opa. Algo na fala dela me faz lembrar aquele moço que entrevistei no café do shopping. Pessoas tão diferentes. O que seria?

Quando eu estou tocando na banda sinto uma energia que não sei explicar. Eu percebo que as outras pessoas estão assim como eu também. Até porque quando eu não estou tocando e só estou junto, ou em alguma outra manifestação, observando, sinto também uma coisa boa que não sei colocar em palavras. Mas tinha uma coisa ruim também, nem tudo em 2013 dava essa sensação gostosa, essa emoção sabe? [...] quando eu via aquele pessoal, os coxinhas, que hoje estão no Parcão, a única coisa que eu pensava, que chegava a me dar uma dor assim, dor mesmo, de tanta tristeza acho, é que nós perdemos os símbolos nacionais para eles. [...] também quando tinha aquele pessoal que quebrava as lojinhas dos comerciantes, bá! Eu vi até quebrarem o carrinho do cara do cachorro-quente, era um outro momento que eu não me sentia bem. Eu via que um pessoal gritava gostando, sabe? Tipo aclamando. Eu pensava, como assim gente? O cara é fodido igual a gente. E aquilo me dava uma raiva. Só que claro que eu não falava nada porque eu não queria ser igual àqueles que gritam “sem violência” e sentavam no chão, entende? Eu entendo a ação direta, mas ela tem que ser pensada direito. Coitado do cara do cachorro-quente. (ENTREVISTA 8)

Acabou a entrevista. Conversamos mais um pouco. Fui para casa. Escrevendo sobre essa experiência, me dei conta do porquê ter lembrado daquele moço. Que poderia ser meu irmão. Que não era um monstro. Que quase me levou para o Parque Moinhos de Vento (“Parcão”). Que queria a intervenção militar. As experiências dessas pessoas, tão diferentes nas manifestações, principalmente na sua relação com as performances que as compuseram, de alguma maneira as afetou. E essas entrevistas me afetaram.

...

A descrição acima chama atenção para uma dimensão importante do confronto político: as emoções constitutivas da ação coletiva, temática dessa pesquisa. As emoções integram todas as ações coletivas e fazem parte de todas as fases do protesto. Ajudam a explicar como os indivíduos se engajam nas manifestações ou em grupos específicos. As emoções também podem ser geradas durante o protesto, em relação a seus membros e as instituições presentes. Tais emoções conformam respostas, descobertas e decisões (JASPER, 1998).

Assume-se nessa pesquisa o entendimento das emoções enquanto fenômenos incorporados, situados no corpo (sem que signifique que sejam naturais ou orgânicos). As emoções são lembradas desde cedo como parte de um contexto particular (associadas a experiências que a pessoa viveu) e não são pensadas de forma isolada. Tornam-se partes de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados desde o início da infância e acionados de acordo com cada contexto. O aprendizado de como, quando

e por quem certo sentimento deve ser manifestado incluem expressões faciais, gestos e posturas (REZENDE; COELHO, 2010).

Estudar as emoções na conformação dos eventos de protesto se faz necessário para a compreensão dos processos de mobilização. Nessa pesquisa não foi realizada uma análise sobre um movimento social (enquanto ator) específico, mas sim sobre performances que conformaram eventos de protesto, no que diz respeito à interação dos participantes dos eventos (manifestantes) com tais performances.

A partir do conceito de repertório de ação coletiva, definido como “as maneiras através das quais as pessoas agem juntas em busca de interesses compartilhados” (TILLY, 1995, p. 41, tradução livre), proponho estudar as formas de ação que compõem o repertório. Tais formas de ação são compreendidas nessa pesquisa como táticas: formas de ação que são escolhidas com o objetivo de influenciar ou coagir um ou mais oponentes, o público em geral, e ativistas (DOHERTY, 2013). As táticas, que compõem o repertório, quando colocadas em prática, conformam-se de diferentes maneiras dependendo da situação específica. Ou seja, diferentes eventos de protestos que seguem uma mesma tática, não serão necessariamente iguais.

Vejamos uma passeata do Movimento Sem-Terra: a passeata enquanto tática, quando de fato performatizada pelo MST, apresenta algumas características singulares: como a disposição em filas, a cor vermelha predominante, entre outras. Já quando estamos falando em uma passeata do Movimento Brasil Livre: essa é performatizada de uma forma muito diferente, não seguindo a uniformidade das filas e as cores predominantes são outras (verde e amarelo), por exemplo. Apesar de tanto o MST quanto o MBL fazerem uso da passeata enquanto tática, quando performatizadas apresentam muitas diferenças. Ainda, eventos de protesto de um mesmo grupo podem ser diferentes. Por exemplo, uma manifestação de hoje pode ser bem diferente da de ontem, dependendo de quem aparece, se chove, como a polícia se comporta, como o governo respondeu às reivindicações anteriores etc. (McADAM; TARROW; TILLY, 2001). Portanto, performance diz respeito à interação que ocorre no evento de protesto. Ativistas performatizam suas ações, apesar de já conhecerem como devem se comportar, expressam suas reivindicações ao criarem improvisos a partir de roteiros compartilhados de ação (TILLY, 2006). A performance é o lócus do improvisado. Mesmo que em sua maioria já sejam familiares, situações inesperadas têm implicações sobre as ações.



Nos últimos anos, uma diversidade de eventos de protesto ocorreu no Brasil: o ciclo de protestos de 2013, manifestações exigindo o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, protestos “contra o golpe” (contra o processo de *impeachment*), os eventos chamados “Fora Temer” reivindicando a saída do ex-presidente Michel Temer e contra as reformas de seu governo, manifestações contra o atual governo do presidente Jair Bolsonaro. Em nível de estado e município, manifestações contra a perda de direitos trabalhistas, privatizações, fechamento de programas e instituições. Ainda, ocorreram manifestações estudantis como as ocupações das escolas e das universidades federais, manifestações com temáticas identitárias/culturais como a Marcha das Vadias, Parada Livre LGBT, Marcha da Maconha, entre outras. Alguns eventos performatizam suas causas de forma similar e um mesmo evento também é, geralmente, composto por ações performatizadas de diferentes tipos.

Foram analisadas as manifestações em defesa da Operação Lava Jato, 8M (manifestações do 8 de março: Dia Internacional da Mulher), Marcha da Maconha, protesto reivindicando justiça para morte de Marielle Franco e Anderson Gomes, Greve Geral (protesto contra as reformas trabalhista e da previdência), e 30M (chamado de tsunami da educação, contra os cortes de verbas destinadas à educação). Todas ocorridas no período de 2017 a 2019. Tais casos foram escolhidos devido à diversidade de suas composições, ou seja, trataram de objetos de reivindicação distintos e foram efetivados por ações variadas.

Os relatos apresentados no início dessa seção exemplificam efeitos da interação entre manifestantes e performances públicas de contestação. A performance, em sua definição, tem a função de “inspirar”, de influenciar outros participantes (ALEXANDER, 2011; GOFFMAN, 2013). Essa influência e inspiração apresentam-se, nos relatos, a partir das suas descrições sobre as emoções. Na entrevista 4, o entrevistado afirma que diversas vezes durante a manifestação as pessoas choram, ficam felizes, tristes etc. Já na entrevista 8, a entrevistada diz que ficava triste quando percebia pessoas de outra orientação ideológica utilizando os símbolos nacionais e com raiva quando alguns manifestantes quebravam pequenos comércios. O que está em jogo aqui são os efeitos das interações entre os manifestantes e as performances, ou seja, o que possibilitou uma passagem de “observadores” da situação, para um estado de “engajamento emocional”. O engajamento emocional diz respeito, portanto, à transformação da identificação com

a causa no geral para um envolvimento maior com o que está sendo performado, a um nível que produz uma conexão mais profunda entre manifestante e performance.

Tendo em vista que performances têm intencionalidade, efeitos que, na interação, podem (ou não), a partir da (re)ação dos manifestantes, produzir engajamento emocional de tais manifestantes com a performance, o problema dessa pesquisa se traduz na seguinte pergunta: como ocorre o engajamento emocional dos participantes de eventos de protestos com as performances públicas de contestação que compõem tais eventos? Assim, seguindo a problematização proposta, confere-se centralidade aos mecanismos que tornam possíveis o engajamento emocional dos participantes, não as estratégias desempenhadas pelos ativistas para construção das performances, ou sua intencionalidade, mas a agência daqueles que as recebem, ou seja, dos manifestantes que interagem com as performances.

A literatura especializada aborda, principalmente, como os movimentos sociais mobilizam emoções para construção de suas ações, identidades, enquadramentos etc. (FLAM, 2005). A proposta dessa pesquisa é deslocar a centralidade para a interação. O foco da análise não é, portanto, um movimento social específico, ou causas e ativistas, mas as interações que ocorrem nos eventos de protesto entre manifestantes e performances que os constituem. Em tais interações busca-se a compreensão do processo de engajamento emocional. Tal processo não é tratado também na literatura especializada. No geral, fala-se em engajamento emocional em outras áreas do conhecimento, mas, quando relacionado à ação coletiva, não estão sistematizadas as respostas dos manifestantes na interação. Objetiva-se, assim, a construção de um modelo explicativo do processo de engajamento emocional.

Portanto, existem dois pilares que sustentam essa pesquisa: emoções e performances. Eles se relacionam a partir dos chamados portadores de significados, que são as formas físicas e figurativas que os significados assumem (JASPER, 2017). As performances têm um conteúdo afetivo e efeitos afetivos (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990), que são comunicados através dos portadores. A resposta dos participantes às performances, por sua vez, em estado de engajamento emocional, é identificada pelas emoções. As emoções — como parte do social, cultural e contextual — são expressas discursivamente através desses portadores de significados (corpo, símbolos etc.). Não é possível separar as emoções da forma como as expressamos.

A tese está dividida em seis partes: (1) primeiro é apresentada uma revisão sobre como foi abordada a temática das emoções nas ciências sociais e, especificamente, no campo de estudos em movimentos sociais; (2) em seguida, desenvolve-se o conceito de performance. (3) Na terceira parte demonstra-se como a pesquisa foi realizada, (4) a quarta parte diz respeito à caracterização do engajamento emocional a partir das observações realizadas, também (5) a quinta parte diz respeito à caracterização, no entanto, a partir de questionários aplicados nas manifestações. Por fim, (6) a última parte diz respeito à explicação do fenômeno: os mecanismos causais do engajamento emocional.

## **1 COMO SÃO ABORDADAS AS EMOÇÕES?**

Na história das ciências sociais, diversos autores demonstram como as emoções são socialmente construídas e não apenas respostas automáticas do corpo humano. Especificamente no campo de estudos sobre movimentos sociais, assumiu-se o papel das emoções nos processos contestatórios com diferente qualidade e centralidade. A seguir será demonstrado como foram tratadas as emoções nas ciências sociais de forma geral e, especificamente, na literatura especializada. Por fim, é apresentado como essa pesquisa se insere no diálogo, com as variadas abordagens sobre as emoções.

### **1.1 ABORDAGENS SOBRE AS EMOÇÕES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Os clássicos da sociologia Durkheim (1996) e Simmel (1993), ainda que entendam as emoções enquanto estados subjetivos e não sociais, argumentam que parte das emoções são produtos de relações sociais e seus efeitos têm importantes consequências para a coletividade.

Simmel (1971), em sua separação entre forma e motivação, na qual a forma seria a unidade de análise da sociologia, a princípio, separa para fins analíticos processos psicológicos do campo de estudo sociológico. No entanto, demonstra em seu trabalho que a dimensão afetiva é essencial à estabilidade das formas sociais, quando refere-se à coesão social (1964). Durkheim (1984), como Simmel, também caracteriza os limites do campo sociológico, principalmente devido ao período de afirmação e construção da sociologia enquanto uma disciplina. Assim, a sociologia

deveria ocupar-se do estudo do que chamou de “fatos sociais”. Ao analisar rituais religiosos, desenvolve a noção de “efervescência”, um estado psíquico que se produz quando o indivíduo está imerso em uma coletividade, na qual a principal característica é a intensidade. Demonstrando, então, que fenômenos coletivos são capazes de produzir estados psíquicos (DURKHEIM, 1996).

Norbert Elias (1993) aborda as formas de controle dos afetos nas sociedades ocidentais durante o processo civilizador. O medo, por exemplo, segundo o autor, ocupa um lugar fundamental nas formas de controle social. A partir dele seria possível entender como as estruturas sociais se relacionam com a psicologia individual. Também a partir de uma perspectiva histórica, Giddens (1993) desenvolve o que chama de “relacionamento puro”, enquanto um tipo ideal de relacionamento:

[...] concentro-me em uma ordem emocional em que as mulheres [...] foram pioneiras em mudanças de grande e ampla importância. Estas dizem respeito essencialmente à uma exploração das potencialidades do “relacionamento puro”, um relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes do poder do sexo. A ascensão do amor romântico proporciona um estudo de caso das origens do relacionamento puro. Durante muito tempo os ideais do amor romântico afetaram mais as aspirações das mulheres que dos homens, embora, é claro, os homens também tenham sido influenciados por elas. O *ethos* do amor romântico teve um duplo impacto sobre a situação das mulheres. Por um lado, ajudou a colocar as mulheres “em seu lugar”— o lar. Por outro, entretanto, o amor romântico pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o “machismo” da sociedade moderna. O amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo. É o precursor do relacionamento puro, embora também permaneça em tensão em relação a ele. (GIDDENS, 1993, p. 10)

Já no campo da sociologia das emoções, Barbalet (2002) demonstra a importância de estudar as emoções, principalmente porque possibilita a ligação entre agência e estrutura, problema crucial para a sociologia. O autor propõe que as emoções são significantes na construção das relações entre processos sociais e instituições, sendo ainda uma variável explicativa para o comportamento humano. Para o autor, se por um lado “emoção” é uma categoria abstrata, por outro são as emoções particulares que decorrem as experiências. Essa particularidade está localizada nas suas causas e consequências sociais.

A socióloga americana Arlie Russell Hochschild (1979) estudou as formas pelas quais questões culturais e sociais condicionam a experiência e manifestação das emoções na sociedade capitalista. Para a autora, as emoções são tanto externas,

ou seja, presentes nas interações entre indivíduos e grupos, como sujeitas à autogestão. Ela apresenta as categorias de “trabalho da emoção” (*emotion work*), na qual descreve como as pessoas alteram e intensificam determinados sentimentos ao mesmo tempo que tentam esconder outros, e “regras de sentimento” (*feeling rules*), que se referem às normas socialmente e culturalmente aprendidas sobre as quais as pessoas baseiam-se para expressar e experienciar as emoções. A autora demonstra como os padrões são determinados pela ideologia dominante em um processo de permanente disputa.

Kemper (1978), por outro lado, apresenta as categorias de poder e *status* para explicar o peso da estrutura sobre o indivíduo. A posição que se ocupa na estrutura determina padrões de comportamento (e papéis), os quais implicam em emoções (universais) de acordo com a disposição de poder e *status*.

Na antropologia, Mauss, através do estudo de rituais funerários australianos, demonstra que muitas expressões de sentimentos não são apenas fatores psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, “marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação” (1979, p. 147). Segundo o autor (1979), a expressão dos sentimentos é uma linguagem na qual o indivíduo comunica o que sente em um código comum, comunicando inclusive a si mesmo suas emoções. Outros antropólogos também demonstraram as regras e formas coletivas de expressão dos sentimentos: Radcliffe-Brown (1973) sobre as relações jocosas; Ruth Benedict (2002) sobre os japoneses; Margareth Mead (2000), em como são moldadas as personalidades dos Arapesh. Geertz, ao analisar a briga de galos dos balineses, diz que

[...] tratar a briga de galos como texto é salientar um aspecto dela (na minha opinião, o aspecto principal) que, tratando-a como um rito ou um passatempo, as duas alternativas mais óbvias, se tenderia a obscurecer: sua utilização da emoção para fins cognitivos. O que a briga de galos diz, ela o faz num vocabulário de sentimento — a excitação do risco, o desespero da derrota, o prazer do triunfo. Entretanto, o que ela diz não é apenas que o risco é excitante, que a derrota é deprimente ou que o triunfo é gratificante, tautologias banais do afeto, mas que é com essas emoções, assim exemplificadas, que a sociedade é construída e que os indivíduos são reunidos. Assistir a brigas de galos e delas participar é, para o balinês, uma espécie de educação sentimental. Lá, o que ele aprende, é qual a aparência que têm o *ethos* de sua cultura e sua sensibilidade privada (ou, pelo menos, certos aspectos dela) quando soletradas externamente, num texto coletivo; que os dois são tão parecidos que podem ser articulados no simbolismo de um único desses textos; e — a parte inquietante — que o texto no qual se faz essa revelação consiste num frango rasgando o outro em pedaços, inconscientemente. (GEERTZ, 2008, p. 210)

Apesar de nos anos 1970 o estudo das emoções ganhar força na antropologia a partir de pesquisas interpretativistas (REZENDE; COELHO, 2010), foi a partir dos anos 1980 que a antropologia das emoções apresentou um forte desenvolvimento (COELHO, 2006), mudando inclusive a forma de conceber as emoções. Rosaldo (1984), a partir do seu estudo etnográfico sobre os Ilongot, propõe o entendimento das emoções enquanto pensamentos incorporados (*embodied thoughts*). Assim, “o que pensamos e sentimos são produtos dos modos sociais organizados de ação e fala” (ROSALDO, 1984, p. 147, tradução própria).

Na década seguinte, as antropólogas Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod (1990) realizaram um mapeamento no qual categorizam as principais vertentes teóricas que compõem o campo da antropologia das emoções. Sugerem, então, três diferentes abordagens: essencialistas, historicistas e relativistas. Na abordagem essencialista referenciam teorias que reificam as emoções, colocando-as como “anteriores” ao social. Tais abordagens demarcariam (e reforçariam) oposições como corpo/mente e razão/emoção. Quanto aos historicistas, seriam aqueles teóricos que demonstraram como historicamente as emoções foram socialmente moldadas, opondo-se à visão das emoções enquanto estados naturais, presente na abordagem descrita anteriormente. As relativistas, semelhante à vertente historicista, enfatiza o argumento da construção social das emoções. No entanto, conferem centralidade à comparação entre culturas no estudo sobre as emoções.

A partir desta revisão, Lutz e Abu-Lughod (1990) propõem uma nova abordagem para o campo que chamam de contextualista. Nessa abordagem o mais importante é estudar as emoções a partir da noção de discurso (no sentido foucaultiano do conceito). Segundo as autoras, “a abordagem analítica mais produtiva para o estudo cultural das emoções é examinar os discursos sobre a emoção e os discursos emocionais como práticas sociais em contextos etnográficos diversos” (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990, p. 1, tradução própria)<sup>1</sup>. As emoções, então, não são apenas construções históricas (e culturais), mas só existem em um contexto:

A emoção não deve ser vista, como nossa perspectiva cotidiana pode sugerir, como uma substância transportada pelo veículo do discurso, expressamente como meio de discurso, ou “espremida” e, portanto, talvez distorcida nas formas da linguagem ou discurso. Em vez disso, devemos ver o discurso

---

<sup>1</sup> Trecho original: “the most productive analytical approach to the cross-cultural study of emotion is to examine discourses on emotion and emotional discourses as social practices within diverse ethnographic contexts” (Lutz; Abu-Lughod, 1990, p. 1).

emocional como uma forma de ação social que cria efeitos no mundo, efeitos que são lidos de uma forma culturalmente informada pelo público para falar sobre emoção. Pode-se dizer que a emoção é criada em, em vez de moldada pela fala, no sentido de que é postulada como uma entidade na linguagem onde seu significado para os atores sociais também é elaborado para dizer que isso não é para reduzir o conceito de emoção ao conceito de fala, mesmo que uma abordagem centrada no discurso possa ser interpretada como uma rejeição ou obscurecimento do corpo. (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990, p. 12, tradução própria)<sup>2</sup>

Essa abordagem também difere, portanto, no que diz respeito ao corpo. Enquanto outras perspectivas estudavam as emoções como construções históricas e culturais que moldam sua expressão e, em certa medida, até produzem determinadas formas de sentir, ainda situavam questões fisiológicas em outro plano (biológico), que teriam implicações culturais (e sociais) na forma como as emoções seriam evocadas. A abordagem contextualista, no entanto, corporifica as emoções; ou seja, as emoções são discursos corporificados. As emoções são reproduzidas nos indivíduos como experiências corporificadas, ações fisiológicas também não podem ser entendidas fora do contexto e separadas da produção discursiva das emoções (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990).

O sociólogo James Jasper afirma que, ainda que exista dentro da visão construcionista das emoções um modelo mais radical (em que situa-se, por exemplo o trabalho de Lutz e Abu-Lughod) — no qual inclusive as reações fisiológicas do corpo também estão associadas a construções culturais, não existindo processos universais — e um modelo mais “fraco”, no qual distingue-se processos básicos comuns universais (JASPER, 1998, p. 400), a discussão sobre a oposição entre as emoções serem biológicas ou culturais já foi superada, assumindo-se, então, o estudo das emoções a partir de uma abordagem cultural (JASPER, 2007). Para o autor, as emoções, para além de simples sensações, são ações ou estados da mente que só fazem sentido em determinadas circunstâncias (JASPER, 1998, p. 400). As emoções são mais uma construção de significados sociais compartilhados, do que estados psicológicos automáticos. As emoções têm objetos (nós temos medo de alguma coisa)

---

<sup>2</sup> Trecho original: Emotion should not be viewed, as our quotidian perspective might suggest, as a substance carried by the vehicle of discourse, expressedly means of discourse, or “squeezed through” and thereby perhaps distorted in, the shapes of language or speech. Rather, we should view emotional discourse as a form of social action that creates effects in the world, effects that are read in a culturally informed way by the audience for emotion talk. Emotion can be said to be created in, rather than shaped by speech in the sense that it is postulated as an entity in language where its meaning to social actors is also elaborated to say this is not to reduce the concept of emotion to the concept of speech, even though a discourse-centered approach might be construed is a rejection or obscuring of the body (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990, p. 12).

e, assim, dependem de entendimentos cognitivos. Isso permite um processo de aprendizado e adaptação. São, então, condicionadas por nossas expectativas, que derivam do conhecimento sobre o mundo (JASPER, 1998; GOODWIN; JASPER; POLLETA; 2007).

Adota-se, portanto, para os fins dessa pesquisa, uma abordagem cultural para a compreensão das emoções. Entende-se que não é possível seu entendimento fora do contexto ao qual se manifestam. Estando associadas, principalmente, aos sentidos que conferimos à realidade que por nós é experienciada.

## 1.2 ABORDAGENS SOBRE AS EMOÇÕES NA LITERATURA SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS

As emoções estão presentes em todas as ações sociais. Por outro lado, apenas recentemente passaram a ocupar centralidade nas análises dos processos de mobilização. Até então faziam parte de forma periférica ou não apareciam nas teorias (JASPER, 2011; GOODWIN; JASPER; POLLETA; 2007).

Até os anos 1960, a literatura sobre movimentos sociais conferia centralidade às emoções. Porém, o entendimento acerca do papel das emoções nas manifestações era compreendido de forma negativa. Os pesquisadores baseavam-se principalmente na teoria das multidões (*Crowd Theories*). Gustave Le Bon (1980) caracteriza as multidões a partir da irracionalidade. Para o autor, elas expressam emoções exageradas e o indivíduo na multidão não consegue controlar os impulsos, perdendo capacidade de raciocínio e bom senso. Além disso, pela grande quantidade de pessoas, apresenta-se a sensação de que nada é impossível. Assim, argumentava-se que os manifestantes eram imaturos e indevidamente emocionais. Essa associação das emoções com a irracionalidade continuou apresentando implicações nas ciências sociais.

Como resposta a esses estudos surgem novas vertentes teóricas, as quais colocam sob a lente da racionalidade os processos de mobilização. Assim, esses processos partiriam de escolhas racionais, levando em conta os custos e ganhos para a ação, deixando de lado as emoções. Dentre elas estão a Teoria de Mobilização de Recursos (TMR) e a Teoria do Processo Político (TTP), que se destacam a partir dos anos 1970 nos Estados Unidos. Mancur Olson (1999) argumenta que as pessoas não investem na ação coletiva, quando diz respeito à reivindicação relativa a bem público,



pois poderiam de qualquer forma usufruir de tal bem comum sem necessariamente ter que arcar com os custos inerentes à organização coletiva. Assim, segundo o autor, tende-se à adoção do que chama de *free-riding*, sendo a não contribuição uma estratégia dominante no processo da ação coletiva. Já que os indivíduos não se envolvem com a realização dos objetivos do grupo, pois mesmo se não participarem são igualmente privilegiados (*free-riding*). Para que exista o engajamento de fato na ação coletiva, os grupos devem ser capazes de oferecer incentivos seletivos aos indivíduos. Os argumentos de Olson serviram de base para os teóricos da mobilização de recursos (TMR). Além de afirmarem que o cálculo racional entre benefícios e custos seria a motivação da ação, a ação coletiva só é possível com determinados recursos, tanto humanos quanto materiais. McCarthy e Zald (1977) fazem uma analogia dos movimentos sociais a uma empresa, que criam normas, hierarquias e dividem o trabalho, administram seus recursos e coordenam suas ações.

Seguindo a base argumentativa da racionalidade dos atores, a teoria do processo político (TPP), no entanto, faz um enquadramento macro-histórico do fenômeno, que contesta a lógica racional-utilitarista como a chave explicativa (ALONSO, 2009). As emoções, portanto, seguem fora do quadro teórico. Mobilizando conceitos como “repertório”, “estrutura de mobilização” e “estrutura de oportunidade política”, os teóricos da TPP enfatizam correlações entre a política institucional e extra institucional (MCADAM; TARROW; TILLY, 2001; TARROW, 2009; TILLY; TARROW, 2006).

Críticos à restrição da análise baseada exclusivamente na racionalidade, no final dos anos 1980, pesquisadores destacaram a importância dos aspectos culturais no estudo dos movimentos sociais. Enfatizaram principalmente fatores cognitivos, permanecendo as emoções de forma periférica nas análises. A teoria dos novos movimentos sociais (TNMS) conferiu centralidade à identificação coletiva como chave explicativa dos processos contestatórios. Melucci (1988) argumenta que a identidade coletiva é produzida por muitos indivíduos de forma interativa e compartilhada. Segundo o autor, os indivíduos definem em termos cognitivos o campo de possibilidades e limites possíveis para a ação coletiva, enquanto, ao mesmo tempo, ativam suas relações para dar sentido aos objetivos que buscam e o “estar junto”.

Tais argumentos são sintetizados no seguinte quadro:

**Quadro 1:** Como as teorias abordam as emoções

Principais teorias	Teoria das Multidões	Teoria da mobilização de recursos e teoria do processo político;	Teoria dos Novos Movimentos Sociais
Principais ideias	Relação direta entre estados psicológicos internos e esforços políticos; em uma multidão os indivíduos fazem coisas que geralmente não fariam.	Escolhas racionais, levando em conta os custos e ganhos para a ação; correlações entre a política institucional e extra institucional.	Identificação coletiva como chave explicativa dos processos contestatórios.
Emoções	Irrracionalidade	Negação ou deixadas de lado	Periféricas

Fonte: autoria própria.

Segundo Jasper (2007), o maior obstáculo para entender as emoções na política é que são classificados vários fenômenos sobre o mesmo termo. As tradições sobre multidões, segundo o autor, favoreceram momentos de raiva como um modelo sobre todas as outras emoções. Por outro lado, psicanalistas adicionaram ao modelo ansiedades e outras “neuroses comportamentais”. O construtivismo cultural trabalha com emoções do tipo moral, mais complexas (o autor cita o exemplo da compaixão ou ciúmes). Como uma possibilidade para escapar dessa limitação, Jasper (2007) sugere distinguir diferentes tipos de emoção.

Para o autor, uma emoção é um rótulo verbal que aplicamos a um conjunto de sentimentos conhecidos. Há centenas de processos subjacentes que afetam nossos sentimentos, que processam informações sobre o que se passa e nos ajudam a lidar com o mundo. São chamados de processos de sentir-pensar (JASPER, 2016, p. 89). O autor apresenta cinco tipos de emoções, a partir do argumento de que “uma tipologia sobre as emoções oferece vantagens analíticas, na qual nós não precisamos mais colocar muitos processos diferentes juntos simplesmente como ‘emoções’: nenhuma teoria vai explicar todas (JASPER, 2007, p. 82).

**Quadro 2:** Tipologia das Emoções

Impulsos	Necessidades corporais urgentes que superam outros sentimentos e atrações até serem satisfeitas: fome, vícios, necessidade de urinar ou defecar, exaustão, dor, desejos etc.
Emoções reflexas	Respostas automáticas, bastante rápidas, a eventos e informações: raiva, medo, alegria, surpresa, choque, desprezo etc.

Estados de espírito	Sentimentos estimulantes e desestimulantes que persistem em diferentes ambientes e normalmente não sofrem objeções diretas. Podem ser alteradas por emoções reflexas.
Lealdades ou compromissos afetivos	Sentimentos relativamente estáveis, positivos ou negativos, sobre pessoas ou objetos, como amar e odiar, gostar e desgostar, confiar ou desconfiar, respeitar ou desprezar.
Emoções morais	Sentimentos de aprovação ou desaprovação (inclusive em relação a nós mesmos e nossas ações) com base em intuições ou princípios morais, como vergonha, culpa, orgulho, indignação, afronta e compaixão.

Fonte: Jasper, 2016, p. 88.

Sobre os impulsos, segundo o autor, a cultura teria um papel menor (JASPER, 2007). Em geral, não têm muita relevância na política. No entanto, podem ser responsáveis por alguns obstáculos à mobilização, como por exemplo quando os ativistas ficam bêbados ou quando precisam ir ao banheiro ou comer durante uma manifestação.

Goodwin, Jasper e Polletta (2000, p. 416) dizem que as emoções reflexas parecem emergir de repente, sem um processo cognitivo consciente, ou seja, involuntariamente. Por causa dessas emoções, segundo os autores, realizam-se ações sem pensar sobre elas; ou seja, têm potencial de causar ações não refletidas e, assim, os atores podem fazer coisas das quais depois se arrependem. No entanto, a preocupação não deve ser em ligar emoções reflexas à irracionalidade. Além do fato de envolver um complexo processo de avaliação, elas deixam as pessoas mais focadas e alertas ao problema. Os autores afirmam que, usando ou não o quadro da racionalidade, é possível analisar emoções reflexas como ferramentas estratégicas. As expressões das emoções reflexas podem ser similares entre as culturas, mas suas causas e efeitos não são. Assim, estão sujeitas à manipulação. A raiva, por exemplo, está sempre em disputa, provocada por opositores ou pelo movimento, pois pode deslegitimar a ação política de seu alvo, seja movimento ou opositores (JASPER, 2007, p. 84).

Quanto às emoções do tipo afetivas, essas persistem por um longo período de tempo. São comprometimentos ou investimentos positivos e negativos que são colocados em pessoas, lugares, ideias e coisas. Comprometimento com um grupo ou

causa também se baseia em afetos. Eles oferecem orientações básicas sobre o mundo, especialmente definindo preocupações. São, em geral, essenciais ao engajamento. As identidades coletivas, por exemplo, são também lealdades afetivas: protesta-se para proteger algo que se ama, ou a honra de uma nação ou grupo ao qual se é leal. O respeito e a confiança são fatores cruciais na política. No nível cognitivo, tende-se a acreditar nos discursos daqueles indivíduos e organizações aos quais, no nível emocional, se apresentam afetos positivos: confia-se em quem se concorda e concorda-se em quem se confia (afetos vêm primeiro). Os laços afetivos também podem reforçar movimentos sociais, bem como terminar com eles, por exemplo quando alguém se apaixona dentro do movimento e muda, então, suas prioridades. Ou quando o laço afetivo é com uma determinada parte do movimento e não com todos que o compõe (GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2000, p. 418-419). Lembrando que apesar de falar em (o) movimento (seja enquanto ator, espaço ou rede), esse não é homogêneo, mas, ao contrário, múltiplo e diverso.

As emoções categorizadas como estados de espírito geralmente duram mais que as emoções reflexas, mas não mais que as emoções afetivas (JASPER, 2007, p. 82). Enquanto a maioria das emoções têm um objeto direto, esse tipo de emoção, não. Essas são emoções modulares ou transportáveis: geralmente carrega-se um humor de uma situação para outra. Quando um humor se forma em um contexto, pode afetar o pensamento e a ação em outro. O bom humor, por exemplo, torna as pessoas mais otimistas e confere sentimentos positivos sobre os outros; já o mau humor, o efeito seria oposto. Líderes de movimentos frequentemente tentam provocar nos participantes sentimentos de esperança ou otimismo, um senso de que eles podem ter um efeito transformador pela sua ação coletiva. Essa categoria influencia quem o movimento vai atacar e como vão operar (GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2000, p. 420).

Por fim, as emoções morais são aquelas que emergem de entendimentos cognitivos complexos e consciência moral: refletindo a compreensão das pessoas sobre o mundo e, às vezes, o seu lugar nele. A compaixão, por exemplo, leva as pessoas a preocuparem-se com os outros. A indignação, por outro lado, é um componente dos choques morais que frequentemente levam indivíduos a procurar grupos de protesto. Os organizadores de um protesto trabalham duro, segundo os autores, para inspirar e espalhar emoções morais que frequentemente definem um movimento (GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2000, p. 421).

Essa abordagem sobre as emoções e movimentos sociais está preocupada em demonstrar que aqueles processos que sempre foram explicados através da ação estratégica racional, também são emocionais. Segundo Jasper (2016), apesar das emoções parecerem muito distantes do cálculo estratégico, desempenham um papel central em todas as escolhas.

Helena Flam (2005; 2015) demonstra as maneiras pelas quais os movimentos sociais redefinem as “regras de sentimentos” dominantes sobre seus membros, oponentes e outros aspectos relevantes da realidade. A ênfase é no que chama de “reenquadramento emocional” da realidade, que, segundo a autora, muitas vezes antecede e inevitavelmente acompanha o seu reenquadramento cognitivo-normativo. Flam (2005) afirma que, como desafiadores, os movimentos sociais reinterpretam aspectos específicos da realidade social, exigem novas (e obrigatórias) emoções e, assim, desejam recorrer a elas para mobilizar indivíduos para a ação coletiva — cujo objetivo é alcançar a mudança social.

A proposta da autora começa com a distribuição rotineira do que chama de *cementing emotions* na sociedade (lealdade, raiva, vergonha e medo), que sustentam estruturas sociais e relações de dominação em regimes democráticos e repressivos, mas diferem em seu peso. Destas, é possível derivar as contra emoções subversivas (*subversive counter-emotions*) que os movimentos devem produzir para serem persuasivos e, assim, recrutarem novos membros:

[...] o novo enquadramento identifica gratidão e lealdade como as *cementing emotions* mais importantes. Estas são reforçadas pela *sanctioning emotion* da raiva. Apoiadas no medo e na vergonha, essas emoções mantêm unidas a sociedade e suas relações de dominação. As *subversive counter-emotions* propostas pelo movimento são aquelas que os movimentos sociais atribuem aos seus próprios membros e dirigem aos seus oponentes. As mais importantes entre as dirigidas ao oponente não é apenas o ódio, como muitas vezes se presume, mas também a desconfiança e o desprezo. Essas emoções muito subversivas causam insatisfação com o sistema. (FLAM, 2005, p. 20, tradução própria)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Trecho original: the new framework identifies gratitude and loyalty as the most important *cementing emotions*. These are reinforced by the *sanctioning emotion* of anger. Underpinned by fear and shame, these emotions hold society and its relations of domination together. The movement-proposed *subversive counter-emotions* are those which social movements attach to their own members and direct towards their opponents. Most important among those directed towards the opponent is not only hate, as is often assumed, but also distrust and contempt. These very subversive emotions cause disaffection from the system (FLAM, 2005, p. 20).

A autora enfatiza em sua abordagem o contexto emocional-institucional no qual os movimentos atuam. Confere centralidade a dois processos: como os movimentos constroem esse reenquadramento emocional e quais as pré-condições estruturais que levam ao que chama de libertação emocional individual (quando o indivíduo transforma suas ligações emocionais anteriores). Enfatiza, ainda, um duplo movimento causal das emoções: um dirigido aos opositores e outro sobre o próprio movimento (FLAM, 2005).

Segundo Flam, as pesquisas sobre movimentos sociais e emoções tendem a focar na mobilização do movimento em si e pouco nas reações do público à mobilização (2005, p. 11). A autora cita alguns exemplos demonstrando que os movimentos sociais desenvolvem uma variedade de formas de protesto em uma tentativa de desprender ou chocar os espectadores da rotina diária:

Eles recorrem à ironia e ao humor, ao drama ou ao grotesco. Contando com esses diferentes instrumentos, eles esperam ganhar não só a atenção, mas também o engajamento emocional dos espectadores. A exploração dessas diferentes formas de protesto e sua dependência de várias características do movimento e do contexto emocional-institucional em que emergem promete não apenas constituir uma área de pesquisa estimulante, mas também contribuir para a nossa compreensão da eficácia do movimento. (FLAM, 2005, p. 11, tradução própria, grifo da autora)<sup>4</sup>

A proposta desta pesquisa segue a sugestão de Helena Flam no que diz respeito a deslocar o olhar para como participantes de eventos de protesto recebem as ações promovidas. Especialmente no que se refere à produção do engajamento emocional, quais são os mecanismos que o possibilita. Diferentemente do que, em geral, as pesquisas costumam abordar: como os movimentos sociais mobilizam as emoções na configuração de suas ações.

Esse é o caso dos artigos publicados na revista *Mobilization: An International Quarterly*<sup>5</sup>, considerada uma das principais revistas internacionais da área. Em geral, as pesquisas publicadas na *Mobilization* abordam como as emoções operam na formação/manutenção da identidade coletiva, problematizando questões sobre o

---

<sup>4</sup> Trecho original: they resort to irony and humor, drama or the grotesque. Relying on these different instruments, they hope to gain not only the attention, but also the **emotional engagement** of the onlookers. The exploration of these different protest forms and their dependence on various movement characteristics and the emotional-institutional context in which they emerge promises not only to constitute an exciting research area but would also contribute to our understanding of movement effectiveness (FLAM, 2005, p. 11, grifo da autora).

<sup>5</sup> Disponível em: <http://mobilizationjournal.org/?code=hjdm-site>. Acesso em 2 jul. 2017.

surgimento, a duração e o fim de movimentos sociais. O objeto dessas pesquisas é o próprio movimento e, em sua maioria, estudam movimentos sociais específicos e as implicações de suas ações para o problema mencionado.

É importante chamar atenção que foram publicados apenas 13 artigos sobre a temática de 1996 a 2017, sendo 6 desses, parte de um dossiê temático (2002). O primeiro artigo foi publicado no ano 2000 e o último em 2014. Revelando uma baixa produção nesse período.

Debora B. Gould (2002) trabalha com a ideia de *emotion work* para compreender como o movimento social permanece ao longo do tempo. A autora estudou o caso do movimento ACT UP (*AIDS Coalition To Unleash Power*) nos Estados Unidos. Demonstra as formas com que o ACT UP mobilizou as emoções para seus objetivos e como tal fato permitiu sua permanência ao longo do tempo. De forma similar, Perry (2002) também utiliza a ideia de *emotion work* em sua análise da Revolução Chinesa. Segundo a autora,

As sessões de luta da Revolução Cultural representaram a apoteose do trabalho emocional que alimentou a revolução comunista desde seus primeiros dias. Embora os comunistas tenham se baseado em tradições pré-existentes de protesto popular, eles sistematizaram tais práticas como parte de uma estratégia consciente de engenharia política e psicológica. A ligação entre atos violentos e liberação emocional foi claramente reconhecida no início do processo revolucionário. (PERRY, 2002, p. 122, tradução própria)<sup>6</sup>

Verta Taylor e Leila J. Rupp (2002) utilizam o conceito de *emotion culture* para entender como as mulheres, do final do século XIX até a Segunda Guerra Mundial, construíram uma rede de solidariedade, transpassando fronteiras nacionais para um trabalho pelos direitos das mulheres e pela paz. Mais especificamente, analisam como a *gendered emotion culture* do movimento internacional das mulheres promoveu uma comunidade de amor que transcendeu rivalidades nacionais.

O que esses trabalhos têm em comum é a proposta de entender como os movimentos “trabalham” as emoções com o objetivo de sustentar uma identidade coletiva e assim sua formação e permanência ao longo do tempo. No entanto, a

---

<sup>6</sup> Trecho original: The struggle sessions of the Cultural Revolution represented the apotheosis of the emotion work that had fueled the Communists' revolution from its earliest days. While the Communists had built upon pre-existing traditions of popular protest, they systematized such practices as part of a conscious strategy of political and psychological engineering. The link between violent acts and emotional liberation had been clearly recognized at the outset of the revolutionary process (PERRY, 2002, p. 122).

proposta da pesquisa apresentada nessa tese tem como foco não o trabalho do movimento, mas a recepção das performances pelos participantes dos eventos de protesto. Uma pesquisa que se aproxima dessa proposta é a do autor Jorge Cadena-Roa (2002), na qual analisa como um “humor de festa” que, segundo o autor, prevalece na organização do movimento social da cidade do México, a *Asamblea de Barrios*, criou condições para a emergência do *Superbarrio*: um personagem mascarado (lutador de luta livre) e justiceiro, que usa o humor e o drama para ajudar os pobres da cidade no confronto com a corrupção e má administração do México. Similar à proposta dessa pesquisa, o autor estuda a relação entre performance e emoção,

Usarei o papel de Superbarrio nos movimentos urbanos da Cidade do México para ilustrar a importância da performance e da emoção em certas formas de política contenciosa. [...] Usando a Asamblea de Barrios na Cidade do México como um estudo de caso, argumento que a resposta do público ao enquadramento e a capacidade de um movimento de provocar reações em diferentes públicos-alvo são mediadas pelas emoções que as representações dramáticas do conflito podem despertar. (CADENA-ROA, 2002, p. 202, tradução própria)<sup>7</sup>

Segundo o autor, a performance do Superbarrio provoca tanto emoções naquele que realiza a dramatização quanto em sua audiência. No que diz respeito à audiência, interesse dessa pesquisa, associa seus efeitos a partir da construção de um enquadramento (*frame*) com base no simbolismo da luta livre (prática tradicional da cultura mexicana). Nas palavras do autor,

O simbolismo da luta livre é responsável pela ressonância emocional de Superbarrio no público. O motivo? A luta livre retrata uma situação injusta para que o público não possa deixar de ter empatia com o personagem e reagir contra a injustiça e o abuso. A experiência cotidiana das pessoas pobres e dominadas é que o trabalho duro raramente fornece o suficiente para viver uma vida decente. O simbolismo da luta livre fornece uma chave para entender os obstáculos “sistêmicos” que funcionam em sua desvantagem. O traje de árbitro é um disfarce que esconde a cumplicidade com os opressores. Os pressupostos idealizados de justiça e igualdade perante a lei ocultam as distinções de classe, gênero e raça que produzem diferentes conjuntos de restrições e oportunidades para diferentes grupos. Na prática, as mulheres não são iguais aos homens, heterossexuais aos gays, negros aos brancos, índios aos mestiços, ricos aos pobres e assim por diante.

---

<sup>7</sup> Trecho original: I will use the role of Superbarrio in Mexico City's urban movements to illustrate the importance of performance and emotion in certain forms of contentious politics. [...] Using the Asamblea de Barrios in Mexico City as a case study, I argue that the public's response to framing, and a movement's capacity to provoke reactions in different target publics are mediated by the emotions that dramatic representations of conflict can arouse (CADENA-ROA, 2002, p. 202).



[...] Os mecanismos que criam uma lacuna entre a realidade e o princípio são transparentes, mas governam como uma lei de ferro. A experiência cotidiana no contexto de desigualdade econômica em um estado autoritário corrupto conferia ressonância ao simbolismo da luta livre. O povo, o bom movimento, foi representado como sendo martirizado por um sistema mau e corrompido. (CADENA-ROA, 2002, p. 212, tradução própria)<sup>8</sup>

No entanto, o foco da pesquisa de Cadena-Roa são as estratégias do movimento. A centralidade da sua análise encontra-se em como foi criado tal personagem, o que ele significa e que emoções pretende mobilizar, e não exatamente a recepção da performance (apesar de trabalhá-la de forma periférica).

Se na revista *Mobilization* apenas um trabalho aproxima-se da proposta dessa pesquisa, no livro *Emotions and Social Movements* (2005), organizado por Helena Flam e Debra King, três trabalhos têm como objeto a recepção/reação do público<sup>9</sup>. Tova Benski (2005) estudou a vigília realizada pelo movimento *Women in Black*, que acontece uma vez ao mês em Haifa, Israel. Segundo a autora, tal vigília tem como objetivo relacionar o militarismo e o patriarcado aos protestos contra a ocupação de Israel em território palestino. Benski entende a vigília enquanto “*breaching events*”, conceito que é definido como um ato de desafio realizado em público, composto de violações, reais e/ou simbólicas, de práticas socialmente aceitas. A autora analisa cinco elementos visuais do “*breaching event*”: a localização, a vestimenta, os sinais mantidos, os corpos das mulheres e o contexto do evento. Ela mostra que cada elemento transmite uma mensagem de violação específica e provoca um conjunto específico de reações no público (o público do evento são em sua maioria os motoristas que passam pelo parque). Em geral, as reações são respostas emocionais negativas: expressam ansiedade, frustração e indignação quando suas definições culturais e políticas da realidade são desrespeitadas.

---

<sup>8</sup> Trecho original: Wrestling symbolism accounts for Superbarrio’s emotional resonance on the audiences. The reason? Wrestling portrays an unfair situation so that the audience cannot help but empathize with the babyface and react against injustice and abuse. The everyday experience of poor and dominated people is that hard work seldom provides enough to live decent lives. Wrestling symbolism provides a key to understand the “systemic” hurdles that work to their disadvantage. The referee costume is a disguise that hides his complicity with the heels. Idealized assumptions of fairness and equality before the law hide class, gender, and race distinctions that produce different sets of constraints and opportunities for different groups. In practice, women are not equal to men, straights to gays, blacks to whites, Indians to mestizos, rich to poor, and so. [...]. The mechanisms that create a gap between reality and principle are transparent but rule like iron law. Everyday experience in the context of economic inequality in a corrupt authoritarian state granted resonance to wrestling symbolism. The people, the good movement, was represented as being martyred by an evil and corrupted system (CADENA-ROA, 2002, p. 212).

<sup>9</sup> Nesses artigos são utilizadas as palavras *public* e *audience*, traduzidos pela autora enquanto “público”.

Guobin Yang (2005) analisa o movimento estudantil chinês de 1989 a partir do que chama de “*critical emotional events*”, construídos por um movimento. Tem como objeto empírico três eventos específicos: um violento confronto com a polícia em Xinhuaamen, uma manifestação de rua em Pequim que apresentou grande apoio da população e uma greve de fome. Esses eventos, segundo o autor, teriam transformado o curso da ação coletiva, afetando assim o futuro:

A análise mostra que eventos emocionais críticos podem transformar a dinâmica dos movimentos sociais e da ação coletiva. Em todos os três casos, os eventos trouxeram desafiantes, oponentes e público em relacionamentos intensificados. Os desafiantes usaram “técnicas dramáticas” e narrativas emocionais para envergonhar e desafiar os oponentes e comover o público. As respostas dos oponentes ou a falta delas incorreram em respostas emocionais e ações dos adversários. Os públicos próximos e distantes contribuíram para o drama emocional de suas próprias maneiras. Os espaços simbólicos onde esses eventos aconteceram e os esquemas emocionais latentes e subjacentes na cultura chinesa adicionaram significado e intensidade aos eventos dramáticos. Cada um desses eventos emocionais moldou decididamente o curso do movimento, levando a um nível mais alto de mobilização. (YANG, 2005, p. 93, tradução própria)<sup>10</sup>

Em seu caso, uma das dimensões analisadas é a recepção do público. Segundo o autor, os eventos críticos emocionais conformados pelo movimento trabalham com símbolos e significados que promovem a simpatia do público e, principalmente, seu apoio. A narrativa da tragédia e do drama heroico são recursos acionados que mobilizam o público para as causas do movimento.

Por fim, Åsa Wettergren (2005) estuda as ações do *Adbusters Media Foundation* (AMF), uma organização de *culture jamming* fundada em 1989. *Culture jamming* é uma forma simbólica de ação contestatória contra o capitalismo, comercial e não democrático, que “bombardeia” as pessoas de mensagens visuais para reforçar o consumo. O AMF subverte os logos corporativos e propagandas de grandes marcas para mobilizar o público. A autora analisa o discurso da organização centrado-se no processo emocional que envolve tal mobilização. Wettergren demonstra como

---

<sup>10</sup> Trecho original: The analysis shows that critical emotional events can transform the dynamics of social movements and collective action. In all three cases, the events brought challengers, opponents, and audience into heightened relationships. Challengers used “dramatic techniques” and emotional narratives to shame and challenge opponents and move audiences. Opponents’ responses or lack thereof incurred emotional responses and actions from challengers. Proximal and distal audiences contributed to the emotional drama in their own ways. The symbolic spaces where these events took place and the latent, underlying emotional schemas in Chinese culture added meaning and intensity to the dramatic events. These emotional events each decidedly shaped the course of the movement by leading to a higher level of mobilization (YANG, 2005, p. 93).

utilização da ironia e de momentos de surpresa destinam-se a evocar emoções de prazer, culpa, vergonha, raiva e medo no público.

Por um lado, os estudos do campo de movimentos sociais tendem a não tratar da interação dos manifestantes com performances, no sentido de deslocar o olhar para aqueles que a “recebem” — ao contrário de ter como foco as estratégias daqueles que performatizam a ação. Por outro lado, existe ainda uma lacuna na literatura especializada mobilizada por essa pesquisa no que diz respeito ao processo de engajamento emocional. Como vimos, a revisão desenvolvida demonstra tendência à (re)afirmação das emoções como parte importante da ação coletiva contestatória e oferece recursos para nomeá-las, classificá-las e caracterizá-las. No entanto, tende a não tratar do engajamento emocional e, portanto, NÃO oferece modelos que expliquem o processo de como ocorre tal tipo de engajamento.

O conceito de engajamento emocional é utilizado principalmente nas áreas relacionadas ao marketing (HARDAKER; FILL, 2005; HEAT, 2009), à educação (WANG; CHOW; HOFKENS; SALMELA-ARO, 2014; ECCLESTONE, 2007; VALLE; STELKO-PEREIRA; SA; WILLIAMS, 2015) e à neurociência (GRENEE; SOMMERVILLE; NYSTROM; DARLEY; COHEN, 2012; M. D, 2006). No que diz respeito ao marketing, tende-se a pesquisar o engajamento emocional dos consumidores e trabalhadores a uma marca; no caso da educação a tendência são as pesquisas sobre engajamento emocional escolar (EEE), e quanto a questões relacionadas a neurociência tende-se a pesquisar sobre quais processos ocorrem no sistema nervoso quando se há engajamento emocional a diferentes objetos empíricos.

O que se tem em comum nesses estudos das diferentes áreas é como compreendem o conceito de engajamento emocional: no geral, tendem a associar a (1) atenção, (2) comprometimento e (3) intensidade. Assim, quando uma pessoa está engajada emocionalmente quer dizer que ela está com toda atenção voltada ao objeto do engajamento; também, a pessoa tende a comprometer-se com tal objeto; e por fim, tanto a atenção, quanto o comprometimento, se dão de forma intensa. Ainda, tais estudos também apresentam similaridades no que diz respeito aos efeitos do engajamento emocional que dizem respeito à (1) apreciação, (2) motivação e (3) dedicação. Ou seja, quando ocorre o engajamento emocional a pessoa tende a apreciar o objeto do engajamento, também se motiva a interagir com tal objeto e, por fim, dedica-se à atividade que o objeto pressupõe. Por fim, no geral, tendem a indicar que quando ocorre o engajamento emocional é porque o que se pretendia com o

objeto ocorreu de maneira eficaz; por exemplo, se houve engajamento emocional com a marca, logo, sua propaganda é eficaz, ou ainda, se há engajamento emocional escolar, a escola está desenvolvendo suas atividades de maneira eficaz.

No entanto, quando estamos tratando de engajamento emocional especificamente relacionado à ação coletiva contestatória, não há na literatura revisada uma sistematização quanto à definição do conceito, ou como ocorre tal engajamento. Helena Flam (2005) chama atenção para as diferentes formas de ação pelas quais os ativistas tentam produzir engajamento emocional dos demais participantes do protesto, no entanto, não explica sistematicamente o que seria tal engajamento emocional, nem como ele se produz, e ainda seu foco está nas estratégias de quem pensa a ação — e não em como ela é recebida. Assim, o objetivo dessa pesquisa é contribuir no sentido de preencher tal lacuna, ou seja, construir um modelo que contribua na explicação do engajamento emocional<sup>11</sup>.

A definição mais objetiva do conceito de engajamento emocional, no que diz respeito ao contexto específico das ações coletivas contestatórias e a explicação de como ocorre o processo, foi construída a partir dos dados coletados do campo, ou seja, de forma indutiva. Não existiu um modelo pré-concebido de forma abstrata, a construção ocorreu a partir dos casos empíricos.

...

Essa seção apresentou como as emoções foram tratadas nas ciências sociais e, especificamente, no campo de movimentos sociais. A partir dessa revisão, foi demonstrado como serão abordadas nessa pesquisa. Entende-se, portanto, as emoções como parte da cultura, assume-se a classificação proposta por Jasper (2016) — impulsos, emoções reflexas, de espírito, afetivas e morais. Diferentemente do que a maior parte da produção do campo tende a enfatizar — ou seja, como os movimentos sociais mobilizam as emoções para atingir seus objetivos — segue-se a proposta de Helena Flam (2005) de deslocar o olhar para a recepção dos participantes dos eventos de protesto. Por fim, a proposta dessa tese é contribuir com a lacuna teórica do campo de pesquisa especializado em movimentos sociais no que diz respeito à compreensão do engajamento emocional.

---

<sup>11</sup> Reconhece-se que o engajamento emocional tem dimensões também psicológicas e fisiológicas que não são abordadas no modelo explicativo proposto. Essa pesquisa busca identificar e analisar mecanismos sociologicamente pertinentes/relevantes.

## 2 PERFORMANDO O PROTESTO

O problema da pesquisa diz respeito à interação dos participantes<sup>12</sup> do evento de protesto<sup>13</sup> com as performances que o constroem. Um protesto, de uma forma geral, pode ser entendido “como a expressão pública de desacordo ou crítica que é geralmente combinada com a apresentação de reivindicações que, se realizadas, afetariam os interesses de grupos particulares da sociedade” (RUCHT; KOOPMANS; NEIDHARDT, 1999, p. 9). Geralmente são realizados por grupos organizados, em sua maioria movimentos sociais, que buscam expressar suas demandas em “arenas de contestação nas quais corpos, símbolos, identidades, práticas e discursos são usados para buscar ou prevenir mudanças nas relações de poder institucionais” (TAYLOR; VAN DYKE, 2004, p. 68).

O conceito de “evento de protesto” foi desenvolvido sobretudo para enfatizar um objeto empírico específico: o evento, que apresenta as características do que se configura um protesto, descrito anteriormente, e que é situacional, podendo ou não estar relacionado com outros eventos. Um evento de protesto não é, portanto, um movimento social específico, uma organização, uma causa, ou mesmo os próprios ativistas, ainda que tenha implicações sobre esses outros objetos empíricos. Tais eventos de protesto tendem a alimentar mecanismos de mudança social: as redes entre os grupos organizados se desenvolvem; os quadros interpretativos são interligados; os vínculos pessoais promovem a confiança. Ainda, nos eventos de protesto as experiências coletivas se desenvolvem por meio das interações de diferentes atores, individuais e coletivos (DELLA PORTA, 2016, p. 20). Assim, a análise proposta nessa pesquisa centra-se em eventos de protesto, ou seja, o foco não são os movimentos sociais específicos e como constroem suas causas, mas as interações entre os manifestantes e as performances que constituem tais eventos.

Os movimentos sociais promovem suas causas em diferentes arenas, tais arenas oferecem aberturas para certos tipos de protesto e desestimulam outros (JASPER, 2016, p. 39). Fazer um protesto, segundo Jasper, seria fácil “se sempre houvesse uma coisa certa a fazer em qualquer situação. Mas há sempre muitas coisas

---

<sup>12</sup> É utilizado ao longo do texto os termos “participante”, “manifestante” e “ativista” de forma correspondente.

<sup>13</sup> É utilizado ao longo do texto os termos “evento de protesto”, “protesto”, “ato” e “manifestação” de forma correspondente.

a fazer, e com frequência nenhuma delas é especialmente boa” (2016, p. 59). Há diferentes formas de se protestar,

[...] as mais variadas pessoas usam o protesto todos os dias, ainda é um tipo de evento que tende a produzir efeitos, não só no poder público ou na opinião pública, mas também (possivelmente e principalmente) nos próprios atores do movimento. Esses efeitos são ainda mais visíveis em algumas formas específicas de protesto que requerem longos processos preparatórios, nos quais diferentes grupos se reúnem (por exemplo, campanhas transnacionais), enfatizam a relevância da comunicação (por exemplo, fóruns sociais), e são particularmente intensos do ponto de vista emocional (por exemplo, lutas simbólicas e físicas em torno dos locais ocupados). Esses tipos de protesto são especialmente “eventos”, ou seja, têm um impacto cognitivo, relacional e emocional muito relevante nos participantes e além deles. Eventos de longa duração (ou cadeias de eventos, como campanhas), arenas comunicativas inclusivas e espaços livres são formas de protesto que parecem particularmente aptas a criar efeitos relacionais, cognitivos e emocionais nos manifestantes. (DELLA PORTA, 2006, p. 21, tradução própria)<sup>14</sup>

Quando falamos em formas de protesto logo nos remetemos a como os atores expressam suas demandas, ou seja, o que fazem os ativistas para comunicar seus interesses? Em 2019, por exemplo, estudantes e professores foram às ruas protestar contra os cortes na educação; já em 2018, caminhoneiros de todo país pararam as estradas brasileiras; 2017 foi o ano em que manifestações em diversas cidades aconteceram contra a reforma trabalhista e da previdência; 2016 ocorreram as ocupações de universidades e escolas. Diversas são as possibilidades de como se manifestar, mas seriam elas por um lado infinitas, totalmente distintas e aleatórias ou por outro lado limitadas, idênticas e determinadas? James Jasper (1997) sugere que

[...] para explicar o que ativistas fazem, nós precisamos responder três perguntas sucessivamente. Primeiro, por que eles têm um determinado repertório de táticas possíveis? De todas as formas concebíveis de protesto, por que apenas algumas são utilizadas ou até mesmo consideradas em um determinado ponto da história em uma determinada sociedade? [...] Em segundo lugar, dado um repertório de possibilidades, por que ativistas

---

<sup>14</sup> Trecho original: the most varied people use protest every day, it is still a type of event that tends to produce effects, not only on the public authorities or public opinion, but also (possibly mainly) on the movement actors themselves. These effects are all the more visible in some specific forms of protest that require long preparatory processes, in which different groups come together (e.g., transnational campaigns), stress the relevance of communication (e.g., social forums), and are particularly intense from the emotional point of view (e.g., symbolic and physical struggles around the occupied sites). These kinds of protest are especially “eventful”, that is, they have a very relevant cognitive, relational, and emotional impact on participants and beyond participants. Long-lasting events (or chains of events, such as campaigns), inclusive communicative arenas, and free spaces are forms of protest that seem particularly apt to create relational, cognitive, and emotional effects on protesters (DELLA PORTA, 2016, p. 21).

escolhem determinadas linhas táticas de ação? Por que bombas em vez de marchas ou marchas em vez de uma campanha de envio de cartas? Em terceiro lugar, uma vez escolhida determinada tática, como eles a aplicam? Como eles decidem onde e quando plantar uma bomba e se uma segunda bomba será plantada? (JASPER, 1997, p. 234, tradução livre)

Os três pontos elencados por Jasper (1997) indicam a possibilidade de trabalhar com três conceitos articulados: repertório, tática e performance<sup>15</sup>. O primeiro conjunto refere-se ao repertório, ou seja, as formas concebíveis de protesto em determinada sociedade e período histórico; o segundo conjunto, às táticas, ou seja, escolhas entre fazer marchas ou uma campanha de envio de cartas, por exemplo; por fim, como aplicam-se as táticas, refere-se às performances, ou seja, se a tática é um ataque a bomba, esse pode se dar de diversas formas no que tange a sua aplicação.

#### Segundo Tarrow (2009)

[...] as pessoas não “agem coletivamente” apenas. Elas pedem, se reúnem, fazem greves e passeatas, ocupam recintos, interrompem o trânsito, põe fogo e atacam os outros com intenção de ferir. Não menos do que no caso dos rituais religiosos e celebrações civis, o confronto político não nasce da cabeça dos organizadores, mas está culturalmente inscrito e é socialmente comunicado. As convenções aprendidas do confronto fazem parte de uma cultura pública da sociedade. (p. 39)

Essas convenções aprendidas dizem respeito ao repertório da ação coletiva (TILLY, 1995). Tais formas, no entanto, são historicamente limitadas, Tilly (1978) faz uma associação à linguagem, ou seja, línguas são (re)conhecidas por aqueles que compartilham um mesmo espaço/tempo. Dentre os três conceitos, repertório apresenta maior repercussão na literatura brasileira sobre movimentos sociais (PEREIRA; SILVA, 2020). Tal conceito foi utilizado para problemáticas variadas, inclusive, sendo adaptado para outros objetos como, por exemplo, repertórios organizacionais (CLEMENS, 2010) e repertório de interação (ABERS; SERAFIM; TATAGIBA, 2014). O primeiro diz respeito a um conjunto de modelos organizacionais disponíveis historicamente; o segundo, para caracterizar os padrões de interação entre sociedade e Estado (PEREIRA; SILVA, 2020).

O conceito de repertório refere-se, portanto, a um conjunto de formas de ação. Tais formas podem ser chamadas de táticas dos movimentos/ativistas (DOHERTY, 2013). Existe um repertório diverso, porém limitado, de táticas disponíveis para a

---

<sup>15</sup> Ver sobre em Pereira; Silva (2020).

escolha. Tal escolha pode se dar a partir de considerações estratégicas. No entanto, ressalta-se também a importância da cultura interna dos movimentos/organizações; ou seja, muitas vezes a escolha se dá por uma série de outras questões relacionadas a valores, crenças e emoções, na medida em que a própria noção de estratégia que envolveria processos racionais não pode ser separada dessa dimensão cultural (JASPER, 1997; POLLETTA 2005).

As escolhas táticas também podem estar sujeitas a uma seleção que leva em conta diferentes testes; ou seja, o grupo vai utilizando a tática escolhida e interpretando se ela de fato funcionou no que diz respeito aos seus objetivos. Em alguns casos se ignora uma opção por ela ser custosa; além do mais, é sempre mais fácil se basear em táticas que já são amplamente conhecidas e utilizadas pelo grupo (JASPER, 2016, p. 59).

Ainda que a tática seja escolhida, quando colocada em prática de fato, pode se dar de diferentes formas. Uma manifestação nunca é idêntica a outra (McADAM; TARROW; TILLY, 2001). Ativistas performatizam suas ações criando improvisos a partir de roteiros compartilhados (TILLY, 2006). Segundo Tilly (2008), os participantes improvisam de duas maneiras: adaptando rotinas disponíveis para comunicar suas reivindicações e respondendo às reações de outras pessoas.

Se, por um lado, as performances são o que, durante a interação, permitem a emergência da novidade, por outro, são o meio pelo qual se comunica as demandas, por exemplo, “marchas, hoje em dia, são aceitas como formas de ação política [...]”. No entanto, marchas não falam por si só, elas [...] devem ser ensaiadas e colocadas em prática, bem como serem vistas e interpretadas (EYERMAN, 2006, p. 197, tradução própria). Ao comunicar suas demandas através das performances, ativistas representam de forma dramática narrativas conhecidas e criam laços emocionais (EYERMAN, 2006; 2005). A manifestação constitui uma cena à medida que os atores atuam diante de um público. Isso ocorre principalmente porque narrativas e tradições associadas a táticas de ação já existentes recebem vida quando são atuadas. Tais narrativas não são apenas histórias com *scripts* determinados, mas, principalmente, quadros interpretativos codificados nos quais o drama social carregado de emoção se desenrola (EYERMAN, 2005). A performance, portanto, configura-se como o lócus da inovação e por onde os significados das demandas coletivas são expressados.

As performances, no entanto, não ocuparam o centro das preocupações dos teóricos do campo de movimentos sociais especificamente. Em função disso, Ron



Eyerman (2006; 2005) propõe combinar a *performance theory* ao campo de estudos de movimentos sociais. Segundo o autor (2006), essa apropriação oferece uma nova dimensão de estudo ao conectar enquadramentos cognitivos, narrativas e discurso com a prática da mobilização. A *performance theory* chama atenção para a corporalidade e a presença, ação e encenação, ao papel do drama e do simbólico na atividade do movimento. Também implica em conferir centralidade à performance de oposição e ao caráter estético do movimento, à coreografia do protesto, assim como à moral e ao emocional na mobilização.

Ron Eyerman (2005) afirma ainda que a *performance theory* confere centralidade às emoções: tanto os atores quanto o público devem ser “movidos” pelas performances. Segundo o autor, os movimentos agem a partir de “performances políticas que envolvem representação de forma dramática, na medida em que envolvem emoções dentro e fora de seus limites ao tentar comunicar sua mensagem. Tal atuação é sempre pública, pois requer um público dirigido” (EYERMAN, 2005, p. 43, tradução própria)<sup>16</sup>.

Os atores colocam poderosas emoções em suas ações, representando narrativas conhecidas através do uso de símbolos (EYERMAN, 2006, p. 199). Além disso, criar laços emocionais é importante para construção da identidade coletiva. As performances, segundo Eyerman, criam a possibilidade desse laço acontecer (2005, p. 50).

As performances não só expressam o que um movimento acredita e o que está contra (representando e demarcando a si mesmo), mas também criam uma ponte emocional que produz uma difusão da zona de empatia para aqueles que não estão presentes, representando-os como vítimas de seus opositores. É um movimento emocional que alarga o “nós” para além do limite da situação presente, pois representa aqueles que não estão aqui fisicamente, mas estão simbolicamente (EYERMAN, 2005, p. 51).

Segundo Eyerman,

Embora uma metodologia sociologicamente informada sobre performance possa nos ajudar a entender como os atores invocam narrativas e imagens na performance da vida social, as emoções são o que dão essa força, proporcionando energia para a performance e a reação/resposta por parte

---

<sup>16</sup> Trecho original: Political performances which involve representation in dramatic form, as they engage emotions inside and outside their bounds while attempting to communicate their message. Such performance is always public, as it requires an audience which is addressed (EYERMAN, 2005, p. 43).

dos observadores. Pode-se falar da força da emoção na performance, tanto no teatro quanto na vida real. Na performance da oposição, a manifestação proporciona uma cena, um espaço, que é transformado em um lugar onde atores atuam diante de uma plateia. Isso ocorre porque as narrativas e tradições já existentes de oposição e protesto são dadas à vida à medida que são realizadas. Tais narrativas não são simplesmente histórias roteirizadas, mas são poderosamente codificadas e contestadas em quadros interpretativos dos quais o drama social emocionalmente carregado se desenrola. (EYERMAN, 2005, p. 55)<sup>17</sup>

A relação entre performances e emoções, portanto, é uma chave analítica para a compreensão dos processos de contestação, a qual chama a atenção para elementos como narrativas, enquadramentos, dramaticidade, corporalidade etc. No entanto, essa relação é percebida a partir dos significados mobilizados e expressos na ação.

Entendendo as emoções enquanto construções culturais e as performances como um processo corporificado que traz para a “cena” representações culturalmente compartilhadas, o estudo proposto nessa pesquisa implica em chamar atenção aos significados presentes nas interações que compõem os eventos de protesto. Para tal, é necessária uma abordagem cultural para o estudo dos processos de contestação, pois possibilita a apreensão dos sentidos, motivações, ou seja, aspectos cognitivos e emocionais, centrais às análises do campo de estudo de movimentos sociais.

Analiticamente, pode-se distinguir cultura de recursos psicológicos, a própria lógica da interação estratégica e “idiosincrasias” individuais; ou seja, cada uma dessas dimensões pode ter um impacto distinto sobre os significados compartilhados. No entanto, a cultura permeia todos esses fatores: usam-se recursos de acordo como estes são entendidos, as pessoas se engajam em projetos estratégicos com objetivos e fins que são culturalmente moldados e as próprias biografias são resultados do entorno cultural. A escolha por uma abordagem cultural não implica em uma negação de um paradigma estrutural. Variáveis importantes de uma abordagem estruturalista — como regras, arenas e recursos — podem ser pensadas como parte da cultura, em um movimento relacional (GOODWIN; JASPER; POLLETA; 2007).

---

<sup>17</sup> Trecho original: While a sociologically informed performance methodology can help us understand how actors call upon narratives and images in the performance of social life, emotions are what give this force, providing the energy for the performance and the reaction/response on the part of observers. One could speak of the force of emotion in performance, both in theatre and in real life. In the performance of opposition, the demonstration provides a scene, a space, which is turned into a place as actors act out before an audience. This occurs because already existing narratives and traditions of opposition and protest are given life as they are acted played out. Such narratives are not simply scripted stories, but powerfully coded and contested interpretive frames out of which emotionally charged social drama unfolds (EYERMAN, 2005, p. 55).

Cultura é significado, como entendemos o mundo, incluindo a compreensão de nossos próprios motivos e ações. Não podemos entender de que forma se tomam decisões estratégicas senão pelos significados culturais que estão disponíveis ou inventados. As decisões são filtradas pela cultura. A cultura é composta de pensamentos, sentimentos e princípios morais comuns, juntamente com as representações físicas que criamos para expressá-los ou moldá-los (JASPER, 2016, p. 25). É por meio de processos culturais que conferimos significado ao mundo, que compreendemos a nós mesmos e aos outros (GOODWIN; JASPER; POLLETA; 2007).

Os significados culturais são expressos, principalmente, através de ações (JASPER, POLLETA, 2011; JASPER, 2016). É necessário examinar as formas pelas quais a ação é corporificada: como ela é percebida por alguém, como aparece a outras pessoas, os limites do que o corpo pode fazer e como dois indivíduos fazem a mesma coisa de maneiras diferentes. Agimos em determinados lugares; ou seja, esses lugares tornam-se arenas quando realizamos atividades políticas, mas eles já trazem consigo expectativas e tradições, possibilidades e impossibilidades físicas. A ação se baseia em significados: nós entendemos o que estamos fazendo e também atribuímos significados àquilo que os outros fazem (JASPER, 2016, p. 51).

Assim, é necessário identificar como esses significados se tornam compreensões sobre o mundo assumindo formas na vida cotidiana. Os significados assumem formas físicas.

**Quadro 3:** Portadores Físicos de Significados

Palavra	Portadores mais comuns, articuladas a conversas íntimas. Palavras escritas permitem que sejam salvas ao longo do tempo e transportadas a lugares distantes. Nomear é um uso das palavras que permite enxergarmos um fenômeno até então não percebido.
Imagem	Tem sua própria iconografia.
Livros	Incluem palavras e imagens. Podem ser transportados e reúnem muitos detalhes (provas com argumentos). Tem um propósito simbólico para além da difusão de informações: trazem respeitabilidade intelectual, provas para sustentar suas afirmações.
Grafites	Vantagem anônima de utilizar espaços públicos visíveis para transmitir uma mensagem breve.
Música	Papel central no protesto, ao transmitir mensagens por meio de letras, concisos resumos de visões políticas. Absorve o corpo inteiro.

Artes performáticas	Como dança e teatro, utilizam um outro tipo de vocabulário no qual corpos e movimento expressam vários significados.
Corpo Humano	Nossas posturas, gestos, olhares, falam com nossos públicos.
Ambiente construído	Prédios, rodovias, jardins, parques, aeroportos, estações de trem, monumentos, memoriais, cemitérios etc., moldam a forma como nos sentimos e pensamos a respeito do mundo.

Fonte: Jasper, 2016

Por outro lado, as mensagens que os portadores físicos de significados transmitem são reunidas em diferentes formas figurativas. Essas têm como objetivo atrair a atenção e provocar um impacto sobre os públicos.

**Quadro 4:** Portadores figurativos de significados

Máximas e provérbios	Formulações concisas moldam nosso senso comum.
Piadas	Um tom agressivo pode ser usado contra os poderosos.
Hinos e Slogans	Tão curtos quanto máximas, costumam ser criados para apresentar um diagnóstico político.
Enquadramentos	Um tipo de metáfora subjacente que inclui o diagnóstico de um problema, sugere soluções e, com sorte, motiva a ação.
Identidades coletivas	Passamos a nos sentir parte de um grupo em termos cognitivos, emocionais e morais, e estamos dispostos a agir em favor dele.
Personagens	Heróis, vilões, vítimas são componentes identitários que portam avaliações morais e sugerem as emoções que devemos sentir em relação a esses atores.
Narrativas	As histórias têm personagens que fazem coisas uns aos outros, um enredo que combina essas ações, um sentido de tempo que liga ações sucessivas, começo, meio e fim, e algum tipo de moral ou avaliação.
Fatos	Afirmações supostamente simples sobre a realidade que são incorporadas as narrativas, enquadramentos e desempenho dos personagens, dando-lhes maior plausibilidade.
Regras e leis	Instruções sobre como agir também são declarações simbólicas sobre o que é normal e moral.

Ideologias	Sistemas elaborados de ideias, identidades, narrativas, enquadramentos, slogans, fatos e outros elementos que se destinam a explicar o mundo e sugerir ações.
------------	---

Fonte: Jasper, 2016

Esses portadores de significados (físicos e figurativos) não dizem respeito apenas a questões cognitivas,

Os portadores da cultura [...] são tão importantes pelos sentimentos que despertam quanto pelos significados cognitivos que transmitem. Personagens como heróis despertam admiração e amor, vilões nojo e ódio. A identidade coletiva, como vimos, é uma solidariedade emocional tanto quanto uma fronteira cognitiva. Enquadramentos e retórica exercem sua influência por meio das emoções que fazem com que o público preste atenção porque algo é importante para eles. (JASPER, 2007, p. 81)<sup>18</sup>

Para Ron Eyerman (2005), os movimentos sociais articulam os *frames* usando-os inclusive como recursos na mobilização, nos quais os ativistas conferem sentido aos seus próprios protestos através de quadros narrativos já existentes. A performance, diz o autor, por outro lado, é o que dá vida às narrativas; ou seja, acrescenta drama e ativa a emoção. Então, se os movimentos sociais articulam os *frames* de compreensão, as performances do protesto os atualizam. A performance se concentra na corporalidade e na presença, é o que faz um movimento se mover e ajuda a mover os outros. A performance dramatiza e exprime um movimento através de atos projetados e estilizados, comunicando o protesto para além do próprio movimento (EYERMAN, 2006, p. 198).

Sobre a noção de identidade coletiva, por exemplo, Eyerman (2006) diz que geralmente é utilizada para pontuar uma fronteira que demarca o “nós e o eles”, deixando o emocional de fora desse processo. A inclusão da noção de performance, conferindo centralidade para presença corporal, que move e evoca o emocional, é uma forma de corrigir esse erro. Segundo o autor, a solidariedade do grupo é também uma experiência emocional, ou seja, criar um laço emocional entre os atores é o que se propõe a identidade coletiva e, assim, os movimentos sociais devem conectar

<sup>18</sup> Trecho original: The carriers of culture [...] are as important for the feelings they arouse as for the cognitive meanings they convey. Characters such as heroes simulate admiration and love, villains disgust and hatred. Collective identity, we saw, is an emotional solidarity as much as cognitive boundary. Frames and rhetoric exert their influence through the emotions that cause audience members to pay attention because something matters to them (JASPER, 2007, p. 81).

indivíduos que a princípio estão dispersos através de um caminho emocional. Uma performance cria a possibilidade dessa ligação, tornando visíveis e “reais” as fronteiras entre o “nós e o eles”. Esse processo ocorre através de ações como cantar, apresentar *slogans*, a vestimenta etc. Ainda,

[...] criar e evocar empatia moral é parte do que faz um “movimento”. É parte de demarcar “nós” e demarcar “eles”. [...] A empatia é criada antes de tudo pela presença, por estar lá, quando a participação é uma expressão de tomar partido e, portanto, pertencer. “Nós” estamos todos juntos nesta ocasião contra “eles”. A empatia, assim como o pertencimento, também pode ser representada e reforçada por meio de marcadores e símbolos, *bottons*, peças de roupa, bandeiras, cartazes e assim por diante, impregnados de valor simbólico. Estes representam “nós” para os participantes, bem como marcam este grupo a favor e contra “outros”. Nesse sentido, as manifestações são processos de formação de identidade e empatia reencenando dramas narrativos, como práticas públicas, uma forma de teatro ritual de rua. Isso se relaciona tanto com a manifestação como uma prática coletiva em si mesma, quanto com as peças e cenas performatizadas mais conscientemente arranjadas e executadas que ocorrem dentro delas. Nessa dramatização expressiva, os valores, imagens e desejos do movimento são revelados e a adesão solidificada. (EYERMAN, 2005, p. 209, tradução própria)<sup>19</sup>

Portanto, as performances fazem parte de um processo que possibilita a compreensão de questões cognitivas e emocionais enfatizando a corporalidade e a narrativa. Se as performances comunicam o protesto, construindo a conexão entre os atores e a proposta, são as emoções que fazem com que essa conexão seja possível. É especificamente sobre essa particularidade que se desdobra essa pesquisa.

A pesquisa aqui desenvolvida propõe a análise de como ocorre o engajamento emocional dos manifestantes com as performances públicas de contestação que compõem os eventos de protesto. Ou seja, a análise confere centralidade às interações que constroem os protestos, não especificamente em movimentos, causas e ativistas. Ainda que as emoções estejam presentes em todos os elementos que compõem a ação coletiva contestatória, não serão analisadas, por exemplo, as emoções presentes no engajamento militante (que diz respeito a

---

<sup>19</sup> Trecho original: Creating and evoking moral empathy is part of what makes a “movement”. It is part of demarcating “we” and marking off “them” [...] Empathy is first of all created through presence, through being there, when participation is an expression of side-taking and thus belonging. “We” are all together on this occasion against “them”. Empathy, as well as belonging, can also be represented and reinforced through markers and symbols, buttons, pieces of clothing, flags, placards, and so on, infused with symbolic value. These represent “us”, to participants, as well as marking off this group for and against “others”. In this sense, demonstrations are processes of identity and empathy formation re-enacting narrative dramas, as public practices, a form of ritual street theatre. This relates both to the demonstration as a collective practice in itself and to the more consciously arranged and performed plays and pieces which occur within them. In this expressive dramatization, the values, images, and desires of the movement are revealed and membership solidified (EYERMAN, 2005, p. 209).

participação em movimentos/organizações), ou ainda, as trocas afetivas entre ativistas e o engajamento relacionado a determinadas causas, mas sim um tipo específico de engajamento (emocional) que diz respeito, portanto, às performances constitutivas dos eventos de protesto.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nas seções anteriores foi desenvolvido o argumento de que as emoções são, sobretudo, socialmente construídas, são elementos importantes para análise do confronto político e as performances são elementos centrais para entender como as emoções operam em tal confronto. No entanto, existem diversos desafios sobre como fazer o tratamento metodológico de tais emoções. Um conjunto principal desses desafios, senão um dos mais abordados, diz respeito às diferenças entre a expressão das emoções (como são comunicadas) e a experiência dessas (o que de fato o ator está sentindo) (FLAM, 2015). Diferentes abordagens surgem, de certa forma, decorrente de tais diferenças.

Essas abordagens podem ser classificadas conforme Helena Flam (2015) sugere (Figura 1), as quais ora conferem centralidade à expressão; ora conferem centralidade à experiência: no caso dessa pesquisa assume-se a proposta de uma abordagem interacionista (dentro do conjunto daquelas que conferem centralidade à expressão). Assim, o problema de pesquisa diz respeito à interação entre os manifestantes e as performances, questionando como ocorre o engajamento emocional de tais manifestantes. A questão, no entanto, não diz respeito a problematizar de onde viriam as emoções, mas o que tais emoções revelam sobre a interação entre manifestante e performance.



**Figura 1:** Tabela de abordagens e métodos de pesquisa

Abordagens e métodos de pesquisa para explorar as emoções

Positivista-expressionista dramaturgíca (não ortodoxa)	Observa/nota quais emoções o ator expressa. Trata as expressões como dado (registros de observação e análise textual/visual, categorização, "checagem" com a opinião de especialistas, com obras de ficção e com a teoria).
Atribucionista dramaturgíca	Observa/nota quais emoções são atribuídas ao/aos ator/atores por outros atores (registros de observação e análise textual/visual, categorização, "checagem" com a opinião de especialistas, com obras de ficção e com a teoria).
Interacionista dramaturgíca	Observa/nota quais emoções são expressas e atribuídas entre os atores uns aos outros, a própria atribuição do ator para si e quando emergem emoções compartilhadas (registros de observação e análise textual/visual complementadas com entrevistas e outros documentos, comparação com a opinião de especialistas, com outras definições, com obras de ficção e com a teoria).
Regime emocional: regras de sentimentos e os custos da conformação de tais regras assim como os custos de negá-las	Triangulação para revelar as regras obrigatórias de sentimentos (como os atores devem obrigatoriamente se sentir em determinadas situações) com atenção a como os atores posicionam e modelam seus corpos no espaço, assim como os custos de ir contra a tais regras e ainda o sofrimento causado na tentativa de conformarem-se a elas.
Ambivalência emocional	Triangulação e, quando possível, "checagem" com a teoria para entender sob quais circunstâncias emoções ambivalentes são geradas e transformadas, e algumas se tornam dominantes. Começando por observar os exageros, as hesitações, metáforas, ironias, a face de Janus <sup>20</sup> de cada emoção.
Emoções tabu e afetos	Elucidando respostas a cenários, músicas, metáforas, anedotas; perguntando exemplos de sonhos, fazendo entrevistas narrativas autobiográfica e grupos focais. Na análise de texto buscar metáforas, anedotas, quebras e viradas nas narrativas etc.

Fonte: Flam, 2015, p. 14 (tradução própria)

Dentro da abordagem interacionista (ou seja, os atores atribuem, expressam e compartilham emoções em interação) nessa pesquisa foram utilizadas de forma adaptada as categorias de análise que Tamar Katriel (2015)<sup>20</sup> apresenta sobre as emoções: (1) *discourses on emotion*, (2) *emotional discourses* e (3) *discourses as strategic tool in evoking audiences*. A primeira diz respeito às interpretações construídas (sobre a expressão das emoções dos atores), a segunda, às formas verbais e não verbais de expressão das emoções, e a terceira categoria diz respeito às estratégias que os atores constroem de evocar respostas emocionais para afetar atitudes e ações dos demais envolvidos na interação (KATRIEL, 2015, p. 58). Nesta pesquisa tais categorias são entendidas da seguinte forma: durante a situação de interação entre manifestante e performance (3) existe uma intencionalidade dos autores da performance de evocar respostas emocionais para afetar as atitudes e ações dos demais manifestantes (geralmente estimular o manifestante à contestação associada ao objeto da manifestação); (2) os manifestantes, por sua vez, expressam suas emoções em formas verbais e não verbais; e (1) os próprios manifestantes

<sup>20</sup> A autora tem como ponto de partida a perspectiva da antropologia sobre discurso e emoção, a partir das autoras Lutz e Abu-Lughud (KATRIEL, 2015, p. 57).

constroem interpretações sobre o que sentiram durante a interação. O foco da pesquisa está voltado aos manifestantes em interação com a performance, ou seja, não é abordada a intencionalidade da performance.

Por exemplo, uma ação performatizada em um protesto na qual consiste em um representante sindicalista falando sobre um carro de som referindo-se ao corte salarial de uma determinada categoria tende a ter como intenção promover na sua audiência (os demais manifestantes que estão escutando) a vontade de agir de alguma forma contra o responsável por tal corte salarial (o empresário ou o governo, dependendo da situação). Nesse caso alguns manifestantes estariam expressando a partir de formas verbais e não verbais (gestos, gritos, cartazes etc.) descontentamento (raiva, indignação, tristeza etc.) com a situação narrada pela ação performatizada. A pergunta que se faz não é se a expressão desses manifestantes se refere realmente ao que estariam sentindo no momento (que teria sido interpretada pela pesquisadora como raiva, indignação, tristeza etc.), ou seja, será que o manifestante que estava gritando “fora prefeito”, de fato ele estava descontente ou estaria gritando por outros motivos? Segundo Czarniaswska (2015), não é possível responder uma pergunta com essa característica (sobre a intencionalidade ou o real sentimento do manifestante), se estabeleceria um *looping ad infinitum*, pois caso o manifestante “confirmasse”, qual seria a validade dessa confirmação? Repete-se a questão, ou seja, será que ele de fato está sendo verdadeiro quando diz que estava com raiva durante aquela situação? Segundo a autora, deve-se atentar à expressão das emoções no seu próprio valor, como um dado, de fato.

Assumindo, portanto, a interpretação sobre a expressão das emoções como um dado, o que fazer com esse dado? Desloca-se a atenção do ator para a interação (a situação e ações que estão acontecendo naquele espaço/tempo) para entender o que isso que está sendo descrito como expressão da raiva, por exemplo, diz sobre essa interação, ou seja, ela revela e descreve o quê da situação na qual estão envolvidos manifestante e performance?

A resposta a essa questão irá elucidar, portanto, como o manifestante compreende a performance e age sobre ela. Na situação descrita anteriormente, por exemplo, o que foi interpretado pela pesquisadora como raiva revela da interação com aquela performance que o que está sendo dito pelo sindicalista é compreendido pelo manifestante como uma situação nociva. A partir dessa compreensão o manifestante age sobre a performance, de sua ação resulta a rejeição (o que seria um engajamento

emocional negativo) ou aderência (o que seria um engajamento emocional positivo) ao que foi performado. Na agência do manifestante é onde se encontra o mecanismo explicativo da produção de engajamento emocional.

A agência diz respeito à capacidade de agir: “não se refere às intenções que as pessoas têm ao fazer as coisas, mas à capacidade delas para realizar essas coisas” (GIDDENS, 1989, p. 7). O mecanismo causal é o que os atores fazem em função de sua agência. Nesse caso, por exemplo, o manifestante atribui o significado de injustiça, o que explicaria a adesão à performance. O engajamento emocional está relacionado causalmente ao significado atribuído pelo manifestante.

Nota-se que a expressão inicial interpretada e rotulada como raiva é o indicativo de que há engajamento emocional — nesse caso positivo (há aderência ao que é performado) — ou seja, indica que existe um envolvimento (que não é de indiferença ou apenas observação) com a performance. A pergunta que se faz é o que torna esse envolvimento possível? (como ocorre o engajamento emocional do manifestante com a performance?). Nesse caso é o significado atribuído de injustiça pelo manifestante, ou seja, essa interpretação sobre a ação performada que torna o envolvimento possível.

É importante ressaltar que compreensão e interpretação são diferentes:

A compreensão [...] não é uma ação consciente [...] é uma experiência que se vive abaixo da superfície da consciência, pela sua complexidade e pela rapidez com que acontece. A compreensão não só se desdobra em vários níveis, do processamento do código ao conhecimento de mundo, mas precisa também processar todos esses níveis de modo instantâneo. A consciência humana, dentro dos limites impostos pela atenção, não tem condições de apreender todos esses elementos no momento em que eles acontecem. Daí a natureza necessariamente inconsciente da compreensão. [...] vê-se a interpretação como uma atividade consciente. [...] A interpretação é construída sobre o alicerce da compreensão. [...] Usando uma metáfora, podemos dizer que a compreensão, embora esteja situada abaixo do nível da consciência, reúne a força, a energia e a fertilidade do húmus que faz brotar a atividade consciente da interpretação. (LEFFA, 2012, p. 266-267).

Na compreensão se decodifica o texto, já na interpretação se atribui significado a ele. O manifestante, então, primeiro compreende a performance, em seguida age interpretando-a, ou seja, atribuindo um significado com base no que foi compreendido. Essa ação é o que irá explicar o engajamento emocional.

A explicação de como ocorre o engajamento emocional dos manifestantes com as performances públicas de contestação (objetivo dessa pesquisa) se dará a

partir da identificação de mecanismos causais. No caso da situação descrita acima, o mecanismo identificado que explica o fenômeno é a produção de um quadro de injustiça. Mecanismo, em geral, pode ser entendido como “uma categoria determinada de acontecimentos que altera as relações entre conjuntos específicos de elementos de forma idêntica ou muito similar em uma variedade de situações” (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 24). Tais acontecimentos são ações que produzem mudanças regulares de condições iniciais a condições finais (MACHAMER; DARDEN; CRAVER, 2000). Nota-se que o manifestante não é passivo na interação com a performance, é a partir de uma ação sua que se produz a condição final de aderência ou rejeição à performance. Ação, nesse caso, não é necessariamente uma ação física, por exemplo, na situação apresentada, pode-se dizer que a ação desempenhada pelo manifestante é uma ação de caráter cognitivo (a atribuição do significado de injustiça).

Uma das principais vantagens da explicação por mecanismos causais diz respeito à possibilidade da distinção entre causalidade e coincidências e a potencialidade da explicação, reduzindo o risco de explicações superficiais e, no limite, falaciosas (HERITIER, 2008). Por outro lado, existe uma limitação metodológica, os mecanismos causais muitas vezes não operam de forma isolada, ou seja, diferentes mecanismos tendem a se combinar e, a depender da combinação, podem produzir resultados diversos. Assim, não é possível, a partir da identificação de mecanismos causais, construir leis gerais explicativas: as explicações são sempre contextuais, mesmo que os mecanismos causais sejam recorrentes (McADAM; TARROW; TILLY, 2001). Logo, é necessária uma comparação em diferentes casos e a análise de seus efeitos diversos.

A pesquisa foi desenvolvida, principalmente, a partir do método indutivo, ou seja, parte-se dos casos empíricos para então buscar a formulação de um possível modelo que contribua para explicação do processo de engajamento emocional: “o método indutivo procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares” (GIL, 2008, p. 10). As categorias construídas derivam, portanto, dos dados provenientes do campo. Na indução, “a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos” (GIL, 2008, p. 28). Assim, busca-se construir e sustentar um modelo que explique o processo a partir da pesquisa empírica, sem que haja previamente um modelo hipotético que guie a coleta de dados.

O desenho da pesquisa foi dividido em duas partes. A primeira é principalmente descritiva, buscando características importantes para o desenvolvimento da segunda parte, que tem como foco a explicação do processo. Para cada parte foram realizados procedimentos distintos. Na primeira parte são caracterizadas as interações entre manifestantes e performances, para identificar como o engajamento emocional se manifesta. Já a segunda etapa da pesquisa desenvolve a explicação de como ocorre, de fato, tal engajamento emocional.

**Quadro 5:** Sistematização dos procedimentos metodológicos

Desenho da pesquisa	Objetivos	Procedimentos	Técnica de coleta de dados
Etapa 1	Caracterização das interações entre manifestantes e performances a fim de indicar manifestações de engajamento emocional	Descrição geral de diferentes ações performatizadas	Observação
		Descrição geral sobre diferentes expressões das emoções	
		Categorização de tipos de emoções a partir das expressões descritas	
		Identificação de características recorrentes das performances a partir da descrição das ações	
	Descrição de preferências e rejeições gerais de manifestantes sobre diferentes ações performatizadas a fim de indicar possíveis tendências a tipos negativos ou positivos de engajamento emocional	Identificação de características das performances que manifestantes tendem a gostar	Questionário
		Identificação de características das performances que manifestantes tendem a não gostar	
Sistematização das motivações que tendem a fazer os manifestantes irem a uma manifestação			
Etapa 2	Explicar como ocorre o engajamento emocional	Identificação e sistematização das principais compreensões dos manifestantes sobre as performances com as quais interagem	Entrevista
			Acompanhamento na manifestação
		Identificação dos mecanismos causais	Entrevista
			Acompanhamento na manifestação

Fonte: autoria própria

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO/DESCRIÇÃO

A primeira etapa da pesquisa foi desenvolvida de modo a identificar diferentes manifestações do engajamento emocional a partir das interações entre manifestantes e performances. Nessa primeira parte foram observados seis eventos de protesto e foram aplicados 223 questionários em tais eventos.

Durante o período de 2017 a 2019, foram observados dois eventos de protesto por ano em Porto Alegre: manifestação em defesa da Operação Lava Jato, 8M (manifestações do 8 de março, Dia Internacional da Mulher), Marcha da Maconha, protesto reivindicando justiça para os assassinatos de Marielle Franco e Anderson Gomes, Greve Geral (protesto contra as reformas trabalhista e da previdência), e 30M (chamado de tsunami da educação, contra os cortes na educação). A escolha se deu principalmente pela diversidade de temáticas, de performances, do público e dos espaços utilizados na cidade. O foco das observações foram as interações entre manifestantes e performances. As seguintes questões guiaram a observação: (1) no geral, como se organizava o protesto? (2) Que tipo de ações foram performatizadas? (3) Como as pessoas participantes dos protestos agiram nas interações com as performances?<sup>21</sup>

A partir da observação guiada por tais questões foi realizado um registro etnográfico, descrevendo de forma detalhada as impressões da pesquisadora. Quanto à primeira questão foram descritos os protestos no sentido de elucidar a sua estrutura: como se dividiam no espaço e uma descrição geral do público (manifestantes) quanto à sua distribuição (quantidade, gênero, raça, idade etc.). A segunda questão orientou a descrição das performances, ou seja, quais ações foram desempenhadas, sua duração e os portadores de significados (físicos e figurativos). Já referente à terceira questão foram descritas as expressões verbais e não verbais dos manifestantes durante a interação com as performances.

A partir das observações foi possível identificar como as pessoas interagem com as diferentes ações que performatizavam os protestos. Foram sistematizadas as interações agrupando características diferentes de performances a partir das

---

<sup>21</sup> Destaca-se que o objeto dessa pesquisa é o engajamento emocional dos participantes dos protestos (chamados também de manifestantes). É reconhecido que existem outros públicos que se relacionam nos eventos de protestos, por exemplo os transeuntes de onde está ocorrendo a manifestação.

recorrências identificadas e tipos de emoções a partir da interpretação sobre as expressões dos manifestantes.

No que diz respeito aos questionários, foram aplicados os 223 com a seguinte distribuição: 34 na manifestação em apoio à operação Lava Jato, 55 na manifestação Greve Geral, 45 na manifestação 8M, 19 na manifestação por justiça a Marielle e Anderson, 19 na manifestação Marcha da Maconha, 51 na manifestação 30M (Tsunami da Educação). O objetivo do questionário foi, principalmente, identificar as preferências e rejeições dos manifestantes. No entanto, não tem a pretensão de ser representativo das manifestações observadas, apenas trazer algumas aproximações para contribuir para o entendimento de expressões possíveis do engajamento emocional quando positivo e quando negativo.

Os questionários foram divididos em dois blocos, o primeiro de questões mais gerais sobre motivações dos manifestantes e o segundo de questões específicas sobre a experiência do entrevistado naquela manifestação. Os dados foram analisados no software SPSS.

No que diz respeito à aplicação dos questionários, em pesquisas com manifestantes em protestos com deslocamento (passeatas, por exemplo) ou estáticos (manifestações em praças públicas, por exemplo), existem estratégias para construir uma amostra aleatória que tenha potencialidade de representar o universo da população que realmente está participando do protesto (ANDRETTA; DELLA PORTA; 2014). Apesar dessa pesquisa não ter a pretensão de ser representativa dos protestos analisados, buscou-se ter um cuidado no que diz respeito à diversidade da população respondente. Para uma amostragem representativa deve-se levar em consideração as dimensões simbólicas dos protestos, que se traduzem sobretudo em divisões espaciais, assim como nos hábitos dos manifestantes (ANDRETTA; DELLA PORTA; 2014); por exemplo, existem manifestações que seguem ritos determinados por seus organizadores, enquanto outras têm uma menor “premeditação”, existem ainda diferentes “blocos” de atores representando diferentes coletividades, algumas manifestações têm pontos de encontro específicos onde acontecem diferentes atividades, enquanto outras têm um final estruturado com atividades diversas.

Assim, foram adaptados os procedimentos do *protest of survey method* (WALGRAVE; VERHULST, 2011) que foram utilizados e sugeridos também no projeto *Caught in the Act of Protest: Contextualizing Contestation* (STEKELENBURG *et al.*, 2012). O método pressupõe uma equipe para aplicação dividida entre entrevistadores

(aqueles que fazem a aplicação dos questionários) e os “apontadores” (aqueles que indicam quem o entrevistador deve abordar). Outra questão importante é conseguir cobrir toda manifestação, assim, existem procedimentos distintos para quando há deslocamento e quando é um protesto estático. Resumidamente, quando o protesto tem deslocamento, como uma passeata, um par ou pares de entrevistadores e apontadores partem do início da passeata e um par ou pares de entrevistadores partem do final da passeata, seguindo em linhas de uma sistemática. Quando o protesto é estático, como uma manifestação em uma praça pública, dependendo do formato da praça será dividido o espaço, caso seja próximo a um formato circular dividem-se seções circulares e parte-se do centro, enquanto quando o formato aproxima-se de um retângulo, divide-se em barras partindo das extremidades esquerda/direita.

Como a pesquisadora não dispôs de uma equipe para o trabalho de campo, assim como a pesquisa não pretendia uma amostra representativa da totalidade da população, adotaram-se os seguintes procedimentos: (1) quando a manifestação era estática, como no caso da manifestação em apoio a Lava Jato que ocorreu no Parque Moinhos de Vento (chamado pelos habitantes da cidade de “Parcão”) em Porto Alegre<sup>22</sup>, seguiu-se a indicação de dividir em setores circulares ou em barras dependendo do formato, e iniciando ou do centro ou por uma das extremidades quando em barras (esquerda ou direita); (2) quando a manifestação foi com deslocamento, (por exemplo, a manifestação por justiça aos assassinatos de Marielle e Anderson, uma passeata que percorreu o bairro central de Porto Alegre), como não havia condições de seguir nem minimamente a indicação do método, foram adaptados os procedimentos do método para manifestações estáticas, ou seja, durante os momentos do protesto que não havia deslocamento, seguiram-se as indicações descritas no ponto anterior. Assim, os questionários foram aplicados geralmente nos momentos de “concentração” (o momento anterior ao deslocamento, no início da manifestação) e de “dispersão” (momento em que termina o deslocamento, no final da manifestação); (3) em ambos os casos, como não havia a possibilidade de ter um “apontador”, assim como não havia condições de aplicar os questionários em uma amostra que fosse representativa, levou-se em conta alguns critérios para a seleção do manifestante respondente, na ordem: levar em consideração as diferentes

---

<sup>22</sup> Sobre o Parque Moinhos de Vento, ver sobre em: SMAM ([portoalegre.rs.gov.br](http://portoalegre.rs.gov.br)).



organizações, a tendência assim foi escolher um por coletividade representada e levar em consideração questões geracionais e de gênero.

Ainda, a partir dos questionários foram selecionados participantes para a segunda parte da pesquisa. O resultado dos questionários e a sistematização produzida sobre as observações também contribuíram para a construção do roteiro de entrevista, principal procedimento da segunda etapa da pesquisa. Entrou-se em contato com as pessoas que responderam ao questionário, aproximadamente 40 deixaram identificação, dessas, 21 responderam ao convite de participar do processo de entrevista e, por fim, 13 aceitaram os termos da participação na pesquisa.

### 3.2 EXPLICAÇÃO

Nessa etapa da pesquisa busca-se compreender o processo de engajamento emocional dos manifestantes com as performances públicas de contestação, a partir da identificação dos mecanismos causais que explicam tal engajamento. Para isso, problematiza-se o que as emoções expressas revelam do contexto de interação entre manifestante e performance, identificando como os manifestantes compreendem a performance e, logo, agem sobre ela. Ou seja, não se trata de buscar as origens das emoções, por exemplo, de onde vem a felicidade do manifestante, mas o que tal felicidade do manifestante diz sobre sua interação com a performance.

Assim, foram realizadas 13 entrevistas semiestruturadas com pessoas que participaram das manifestações observadas. Além disso, a pesquisadora acompanhou os entrevistados em protestos que aconteceram após a realização da entrevista.

O roteiro foi construído com base nos resultados da etapa anterior. As perguntas foram divididas em quatro categorias. Cada uma dessas categorias foi dividida em subcategorias que representam o interesse da pesquisa, ou seja, o que se quer saber de fato (conforme Quadro 6). As perguntas foram elaboradas a partir dessas subcategorias.

**Quadro 6:** Categorias da entrevista

<b>CATEGORIAS</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>
Vida pessoal	Trajetória de vida pessoal/profissional
	Gostos pessoais
	Com quem/o que se identifica
	Trajetória política
Mobilização	Participação em manifestações
	Motivação para ir às manifestações
	Preparação para manifestações
Performances	Identificação/desidentificação com as performances
	Experiências “marcantes”
Emoções	Sentimento em relação à manifestação como um todo
	Sentimento em relação às performances
	Associações com outros tipos de eventos

Fonte: autoria própria

O primeiro grupo de questões que diz respeito à “vida pessoal” do entrevistado é, principalmente, sobre suas origens, trabalho, estudos, sua família, suas preferências quanto a lazer, pessoas que admira e a origem do envolvimento com a política. Essa parte da entrevista tem como objetivo conhecer a trajetória do entrevistado para depois problematizar quais suas implicações no processo de engajamento emocional.

O segundo grupo de questões que faz parte da categoria “mobilização” é sobre a experiência do entrevistado em manifestações. Especificamente as questões abordam como é sua participação nas manifestações e o que lhe motiva a participar. O objetivo é entender o envolvimento do entrevistado com os protestos.

Sobre as “performances” é o terceiro grupo de questões. Essa categoria diz respeito às preferências e rejeições quanto às ações que performatizam o protesto. Busca-se também que o entrevistado relate algumas experiências que o marcaram. Nessa parte o objetivo é explorar a relação do entrevistado com as performances, o

que chega nele, o que não faz sentido, quais as implicações disso para a presença dele no protesto etc.

Por fim, o último grupo de questões é sobre as emoções, nesse grupo o entrevistado é estimulado a contar sobre seus sentimentos em relação às ações desenvolvidas nos protestos. Imagens são utilizadas como recurso para esse momento. Ainda, sugere-se ao entrevistado associar o que sente nos protestos com outras experiências de sua vida. As entrevistas foram analisadas com o auxílio do software de análise qualitativa NVivo.

Os entrevistados foram acompanhados em protestos posteriormente à entrevista para que a pesquisadora tivesse a possibilidade de ouvi-los e observá-los enquanto a interação de fato ocorria. Dos 21 que primeiramente concordaram em participar da pesquisa, 13 aceitaram participar dessa etapa, os outros 8 não concordaram em ter a companhia da pesquisadora durante um protesto. Portanto, foram realizadas as 13 entrevistas<sup>23</sup> com esse acompanhamento posteriormente.

**Quadro 7: Entrevistados**

ENTREVISTADO	FAIXA-ETÁRIA	REFERÊNCIA	MANIFESTAÇÃO
Luísa	18-25	Estudante, não organizada	Cortes na educação (30 de maio, 2019)
Gabriela	35-45	Professora, não organizada	Cortes na educação (30 de maio, 2019)
Marta	25-35	Professora, filiada ao PSOL	8M (8 de março, 2019)
Joana	25-35	Professora, jornalista, não organizada	Trabalhista (14 de junho, 2019)
Carolina	45-55	Pedagoga, não organizada	Municipários (7 de agosto, 2018)
Maria	35-45	Socióloga, filiada ao PT	Marcha da Maconha (8 de maio, 2019)
Carla	45-55	Desempregada, filiada ao PT	8M (8 de março, 2018)
Laura	55-65	Advogada, filiada ao PDT	Trabalhista (14 de junho, 2019)
João	55-65	Assistente Administrativo, não organizado	Municipários (7 de agosto, 2018)
Lucas	18-25	Estudante, Federação	Cortes na educação

<sup>23</sup> Os nomes dos entrevistados foram modificados para resguardar suas identidades.

		Anarquista Gaúcha	(30 de maio)
Marcos	25-35	Estudante, não organizado	Marcha da Maconha (8 de maio, 2019)
Osmar	25-35	Porteiro, filiado ao PSOL	Trabalhista (14 de junho, 2019)
Alexandre	45-55	Corretor de imóveis, não organizado	“Lula na cadeia” (3 de abril, 2018)

Fonte: autoria própria

Diferente dos procedimentos da etapa anterior, não houve uma sistematização prévia sobre o que seria observado durante o acompanhamento. Apenas duas questões foram definidas previamente: a pesquisadora não faria nenhuma interferência intencional, ou seja, as conversas, comentários e decisões, seriam todos iniciativas do manifestante acompanhado, e a pesquisadora apenas registraria o que diria respeito às interações do manifestante com a performance.

Os entrevistados foram acompanhados nas manifestações identificadas na última coluna do quadro. Até três manifestantes foram acompanhados por manifestação, ou seja, a pesquisadora não passava o tempo integral do protesto com os manifestantes. Geralmente o acompanhamento durava até uma hora com cada manifestante. Durante a concentração (início da manifestação) encontrava-se com um manifestante, depois a pesquisadora gravava suas impressões que não havia anotado durante o acompanhamento, após o registro, encontrava-se com o segundo manifestante a ser acompanhado, novamente encaminhava-se a um espaço menos movimentado para o registro e por fim, caso acompanhasse um terceiro manifestante, repetia o procedimento.

## 4 UM OLHAR SOBRE OS PROTESTOS

Muitas manifestações ocorreram nos últimos três anos a nível municipal, estadual e nacional. Observar tais manifestações contribui na identificação de possíveis expressões dos manifestantes relacionadas a suas interações com as performances públicas de contestação. Assim, possibilitam responder se há engajamento emocional e, caso haja, se é do tipo positivo ou negativo. Foram observadas ao todo seis manifestações, duas a cada ano: Apoio à operação Lava Jato, Greve Geral, 8M, Justiça para Marielle e Anderson, Marcha da Maconha e 30M.

### a) Manifestação 26.03.2017 – Apoio a operação Lava Jato

Foto 1: Manifestação em apoio à Lava Jato



Fonte: Jornal do Comércio<sup>24</sup>

Por volta das 15h15, a pista do lado esquerdo da avenida Goethe estava fechada. Um carro de som amarelo com faixas penduradas (exaltando o juiz Sérgio Moro, dizendo “não ao voto em lista”, “armas pela vida” e “Lula na cadeia”) cercado de pessoas que, em grande parte, vestiam as cores da bandeira do Brasil — quando não a própria bandeira — ocupavam a pista. Possivelmente umas 200 pessoas já se encontravam no local. Aqueles que não estavam na pista, concentravam-se sentados

<sup>24</sup> Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/2017/03/politica/554052-manifestantes-vao-a-rua-apoiar-a-lava-jato.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/03/politica/554052-manifestantes-vao-a-rua-apoiar-a-lava-jato.html). Acesso em: 22 nov. 2020.

na grama do parque, ou, no ponto mais elevado do início do Parque Moinhos de Vento (Parcão).

Muitas eram as referências ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), todas o representando preso. Foram distribuídos “pixulecos” (bonecos infláveis) do Lula como presidiário (a roupa dele tinha os números 13 171). Também foi possível ver em destaque uma gaiola — como uma cela — com Lula e Dilma presos, com o título de “suíte presidencial”. No carro de som um grande boneco inflável do Lula idêntico aos “pixulecos” distribuídos.

No outro lado da rua havia um grupo de pessoas com uma “tenda” armada, com aparelhos de som, microfones e faixas sobre a grama, pedindo a intervenção militar. Estavam nitidamente “separados” da manifestação, inclusive tocavam outras músicas, faziam discursos paralelos, sempre nos momentos de silêncio do carro de som ou em volume mais baixo, e interagiam com os carros que passavam na rua ao lado.

Enquanto não começava de fato a programação do evento, as pessoas estavam tranquilas, conversando sobre diversos assuntos, como se estivessem em qualquer outro lugar à espera de algo acontecer. Alguns com chimarrão, outros com cerveja, movimentavam suas bandeiras, cartazes, tiravam fotos, cantarolavam etc. Até o momento que começaram as falas no carro de som.

As músicas eram variadas: Engenheiros do Havaí, logo após foi a vez de Legião Urbana (“Que país é esse”), também tocou Gabriel O Pensador (a letra dizia: “até quando você vai ficar levando, porrada, porrada”), músicas gaúchas como “Querência amada”, o hino do Rio Grande do Sul, e algumas do estilo de torcidas organizadas de futebol.

A música durante a “concentração” aparentemente conectava o público ao que viria a ser o evento. A impressão é que as pessoas ficam cantarolando e as letras construíam um clima, que ao mesmo tempo festivo — no sentido de cantar a música com os amigos, bebendo, conversando, dançando — configuravam uma ponte aos discursos que seriam proferidos no carro. No sentido de provocar nas pessoas um envolvimento com a temática da manifestação: as músicas nacionais com letras de denúncia — algumas pessoas cantavam com veemência letras como “que país é esse: é a porra do Brasil!” — pareciam servir para provocar um estado de indignação coletiva, que viria ser instigada nas falas a seguir. Já as músicas “gaúchas” construíam um momento “patriótico”, de reverência à cultura tradicionalista e principalmente uma

provocação ao “orgulho de ser gaúcho”. Foram as músicas nas quais o público mais se envolvia cantando. As músicas estilo de futebol provocavam uma exaltação coletiva. Um fenômeno que indicava: em vez de “paixão — e torcida — pelo time” uma “paixão — e torcida — por um país melhor” (ou algo assim).

No carro de som a “Banda Loka Liberal”, um grupo de homens com instrumentos de bateria de escola de samba, tocavam e cantavam letras próprias relacionadas ao tema entre as falas, todas ao estilo “torcida de futebol”. Quando a banda tocava era um momento de descontração que fazia com que o público ficasse atento às atividades do carro de som. A banda construía um clima festivo e ao mesmo tempo centralizava o protesto, sem espaço para “atrações paralelas”.

Também algo importante para a dinâmica da manifestação era uma espécie de animador — semelhante a um mestre de cerimônia. Uma pessoa que envolvia o público. Entre tantas atividades, essa pessoa lia os cartazes, fazia piadas e apresentava os convidados. Por exemplo, uma de suas brincadeiras foi dizer que todos deveriam cuidar onde colocariam o “pixuleco” nas suas casas. Aconselhou a não deixar perto de objetos de valor, deveriam prender no banheiro, e até mesmo quando levantassem ele durante o protesto que o fizessem na mão que não está o relógio, pois o Lula — representado no “pixuleco” — é ladrão.

Algumas partes desse evento parecia similar ao que apresenta Mauss em seu trabalho “Expressão Obrigatória dos Sentimentos” (1979): os gritos (e vaias) eram muitas vezes obrigatórios. As pessoas sabem que devem gritar (ou expressar de alguma forma a euforia) em momentos específicos como: após cantar o hino, quando a banda acaba de tocar, quando o discurso toca em um ponto crucial ao evento, por exemplo. Se elas não sabem que nesse momento devem expressar euforia, vão saber, e na próxima vez estarão preparadas. Fazer com que saibam também é papel do “animador”. Esse animador funcionava, então, também como uma ferramenta de “ajuste de temperatura”. Caso algo estivesse fora do lugar, ou seja, as pessoas não gritassem, ou não vaiassem quando deveriam, ele as cobrava: “não estou ouvindo”, “vamos sacudir bem esses “pixulecos”, “vaia neles” etc.

A Banda Loka Liberal também colaborava nesse sentido, pois quando cantavam e tocavam faziam como em um show de música — “é com vocês”, “vamos lá” — como um incentivo para que as pessoas se envolvessem com a música e, principalmente, com as letras.

Muitas pessoas passaram pelo carro de som, darei destaque para o então deputado estadual Marcel van Hattem (atualmente deputado federal), para um dos organizadores do evento, e para uma das líderes da campanha “Armas pela vida”. Marcelo van Hattem fez uma fala mais geral atacando o Partido dos Trabalhadores, apoiando o juiz Sérgio Moro e apresentando referências nacionalistas: “entre todas as pautas, a nossa pauta principal é o Brasil”. A introdução à fala de Van Hatten e os comentários seguintes construíam sua figura como herói, por outro lado, sempre se caracterizava um vilão, o qual tal herói deveria combater, no caso, políticos relacionados à esquerda.

Um dos organizadores do evento fez uma fala criticando a homenagem que a então deputada Manuela D’Ávila fez a Jean Wyllys (na época deputado federal) indicando-o a receber medalha ao mérito Farroupilha. Nesse momento, foi realizada uma premiação simbólica a um homem que ficou conhecido por correr de policiais nos espelhos d’água do Planalto, com a vestimenta típica gaúcha em uma das manifestações pró-*impeachment*. Ele ganhou a medalha da “Banda Loka Liberal”. Após o momento da premiação a banda tocou uma música criticando a então deputada Manuela D’Ávila. Tal premiação seguida da música produziu forte envolvimento do público: muitas risadas e uma exaltação respondiam aos estímulos dos organizadores.

Por fim, outra fala que chamou atenção foi de uma das líderes da campanha “armas pela vida”. Foi explicada a importância do porte de arma para os envolvidos. O ponto que mais produziu engajamento do público foi sobre empoderamento da mulher, ela incentivou o público a proferir: “mulher empoderada é mulher armada”. Nesse momento, todos acompanharam. Interessante que o discurso de empoderamento tradicionalmente associado a feministas de esquerda, serviu como estratégia a um grupo identificado com a direita.



**b) Manifestação 28.04.2017 — Greve Geral: contra a reforma trabalhista/previdência**

**Foto 2: Manifestação Greve Geral**



Fonte: Sul 21<sup>25</sup>

Na “Esquina Democrática” (cruzamento da rua dos Andradas com a avenida Borges de Medeiros, no centro de Porto Alegre)<sup>26</sup>, um grupo de pessoas encontrava-se assistindo uma intervenção (peça) do grupo “Ói Nós Aqui Traveiz”. No Mercado Público<sup>27</sup> havia um carro de som (pequeno) e um grupo de pessoas (em geral parte de sindicatos) não muito numeroso.

O carro de som havia “deslocado” a manifestação para o “Paço Municipal” (onde encontra-se a sede da prefeitura, no centro de Porto Alegre)<sup>28</sup> devido à repressão policial (da Guarda Municipal) que levou 11 manifestantes (professores municipais) para o hospital durante a manhã. Aos poucos começaram a chegar mais grupos de sindicatos, enquanto no carro de som ocorriam diversas falas de representantes das organizações presentes.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.sul21.com.br/tv-sul21/2017/04/em-porto-alegre-milhares-vao-ruas-em-apoio-greve-geral/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

<sup>26</sup> Sobre a “Esquina Democrática”, ver sobre: Viva o Centro ([procempa.com.br](http://procempa.com.br)).

<sup>27</sup> Sobre o Mercado Público, ver sobre: Início | Telefone da Associação do Mercado Público ([mercadopublico.com.br](http://mercadopublico.com.br)).

<sup>28</sup> Sobre o Paço Municipal, ver sobre: Viva o Centro ([portoalegre.rs.gov.br](http://portoalegre.rs.gov.br)).

O ato por um tempo ficou dividido, alguns grupos na Esquina Democrática e os demais no Paço Municipal, entretanto, em um determinado momento, aqueles da Esquina Democrática desceram e uniram-se no Paço. Muitos perceberam a movimentação, e foram se posicionar para ver a chegada. Entre os manifestantes que vinham descendo a rua estavam estudantes secundaristas que, com gritos de ordem e músicas na bateria, chegaram abafando as falas do carro de som. Uma senhora que se encontrava assistindo falou: “agora sim, é disso que eu gosto”.

Pouco antes da saída, o ato estava tão grande que não havia mais separação entre a Esquina Democrática e o Paço Municipal. Havia ainda 3 carros de som ao longo desse percurso: um com as falas dos sindicalistas, outro passando o Largo Glênio Peres (localizado no centro de Porto Alegre, em frente ao Mercado Público)<sup>29</sup>, com músicas e o último na Esquina Democrática com um “telão”.

O som ecoava pelas ruas vazias do centro. As falas dos representantes das organizações presentes eram intercaladas por uma espécie de mediador. Esse mediador não parecia ter a mesma função que o “animador” da manifestação do dia 26 de março (descrita anteriormente): ele informava, falava sobre o próximo a subir no caminhão, e só por vezes convidava o público a balançar suas bandeiras. Esse (pequeno) carro de som tinha a função de unificar a manifestação. O único recurso utilizado para centralizar o foco dos participantes era a fala dos representantes.

Observando o público, aqueles próximos ao carro de som estavam mais atentos às falas. No entanto, muitas pessoas encontravam-se principalmente em pequenos grupos, conversando sobre assuntos do cotidiano. Pessoas caminhavam pela extensão da manifestação aparentemente observando o movimento — como uma caminhada na beira da praia, ou em um parque — outras comiam e bebiam o que compravam de vendedores ambulantes, por vezes a manifestação parecia funcionar mais como um momento de sociabilidade. Não existia uma centralidade em um evento comum, mas em situações diversas que ocorriam simultaneamente.

Em geral, as falas dos representantes das organizações versavam sobre os ataques do Governo Federal aos direitos trabalhistas. No entanto, muitas vezes, misturava-se às esferas municipais e estaduais, criticando as políticas do governo Sartori e Marchezan (governador do Rio Grande do Sul e prefeito de Porto Alegre, respectivamente, na época em que foi realizado o campo). As falas também

---

<sup>29</sup> Ver sobre o Largo Glênio Peres em: Viva o Centro ([portoalegre.rs.gov.br](http://portoalegre.rs.gov.br)).

lembravam a repressão aos municipais na manhã, incentivando um sentimento de revolta dos presentes. A mídia foi outro alvo dos representantes.

Um momento interessante foi quando apresentaram Olívio Dutra<sup>30</sup>, que estava presente na manifestação. O público tirou fotos, e demonstrou a alegria de contar com a presença do ex-governador. Existiu na manifestação uma construção do “herói” na figura de Olívio. No entanto, o público demonstrava descontentamento (com “caretas”, expressões mais abusivas com os braços e até alguns comentários possíveis de serem ouvidos) com alguns representantes que falaram no carro de som. Como foi o caso da Juliana Brizola (deputada estadual — PDT/RS), da Luciana Genro (deputada estadual — PSOL/RS) e do presidente do sindicato dos jornalistas.

O único momento em que houve um elemento lúdico no protesto foi devido às baterias e músicas puxadas por elas: “a perda de direitos é uma coisa séria” — essa é uma manifestação séria, segundo os organizadores, ou seja, sem muito espaço para a “diversão”. No carro de som principal não havia música, funcionava como um “palanque”.

Muitas bandeiras e cartazes caracterizavam o ato. A maioria identificada com algum tipo de organização, inclusive a bandeira vermelha e preta estava presente (mesmo estando marcado um ato ao final da tarde dos autonomistas). O ato saiu pela avenida Mauá, chegando na Rodoviária, passando pelo túnel da Conceição, seguindo pela Avenida Loureiro da Silva<sup>31</sup>, até chegar em seu fim no Largo da Epatur (chamado de Largo Zumbi dos Palmares)<sup>32</sup>.

Durante a caminhada o carro de som não proferia muitas falas, os gritos, em geral, quem puxava era o pessoal com bateria. A predominância eram as bandeiras dos sindicatos, que se organizavam em pequenos blocos. A manifestação dividia-se em “alas”, conforme sua organização.

O que tem a se destacar na marcha, além do apoio das pessoas que estavam acompanhando na rua, foi o momento de passagem do túnel da Conceição. Algo acontece dentro do túnel que as pessoas ficam eufóricas. Acenderam um sinalizador. Os gritos não param.

---

<sup>30</sup> Ele foi prefeito de Porto Alegre (1989-1993), governador do Rio Grande do Sul (1999-2003), deputado federal (1986-1989) e ministro (2003-2005).

<sup>31</sup> Para saber mais sobre as ruas do centro da cidade de Porto Alegre, ver em: Viva o Centro (procempa.com.br).

<sup>32</sup> Sobre o Largo Zumbi dos Palmares: Largo Zumbi dos Palmares: Uma história de resistência | Nonada.

### c) Manifestação 08.03.018 – 8M

Foto 3: Manifestação 8M



Fonte: Sul 21<sup>33</sup>

A marcha do 8M em Porto Alegre inicia quando o sol está nascendo. Grupos ligados à Via Campesina chegam ao centro da cidade para começar a caminhada. A concentração é ao lado da Estação Rodoviária. Aos poucos juntam-se organizações sindicais, partidos políticos e coletivos de percussão.

Muitas mulheres com a vestimenta do Movimento Sem-Terra e bandeiras de diversas entidades tomam conta do estacionamento ao lado da Estação Rodoviária. Chama atenção a quantidade de crianças<sup>34</sup>. Após algumas falas no caminhão de som e algumas músicas da bateria, a marcha começa seu deslocamento.

A organização separa duas filas. Não pode sair da fila. Quem sai da fila logo é chamado atenção para que volte. Percebe-se um descontentamento por parte de pessoas que não estão acostumadas a tal organização. Algumas reclamam, inclusive chegando a discutir com quem chama atenção.

Um mar vermelho preenche a avenida Mauá; ao som da bateria e gritos do carro de som, a marcha segue. A primeira parada é no Paço Municipal de Porto

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.sul21.com.br/areazero/2018/03/no-8m-de-porto-alegre-mulheres-vaao-as-ruas-contra-violencia-de-genero-reformas-e-por-direitos/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

<sup>34</sup> Mais tarde, ouço a porta-voz da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no estado, Sílvia Reis Marques, dizer que as crianças estão lá em função do fechamento das escolas e da falta de transporte nos assentamentos e acampamentos.

Alegre. Um grupo de mulheres deita no chão enquanto sua silhueta é marcada no asfalto para denunciar os feminicídios. Percebe-se nesse momento uma atenção maior à intervenção artística. Quem não consegue enxergar tenta se aproximar, esforçando-se para não perder os detalhes. Após a intervenção, muitas pessoas seguem paradas observando os desenhos no chão. Algumas comentam o quanto essas imagens chocam.

A marcha segue para uma segunda parada, o Palácio Piratini<sup>35</sup>, sede do Poder Executivo do estado. Na rua de acesso à Praça Marechal Deodoro (chamada pelos habitantes de Praça da Matriz)<sup>36</sup>, Jerônimo Coelho, uma rua estreita, sem saídas laterais, o caminhão de som coloca a música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, e todos cantam, ecoando nas paredes da rua. Nesse momento percebem-se pessoas chorando e outras cantando de forma entusiasmada, balançando suas bandeiras. Ao chegar em frente ao Palácio Piratini, seguem palavras de ordem e músicas da bateria. Nesse momento me despeço do ato, pois à tarde tem a segunda parte da manifestação.

À tarde, a concentração foi no Largo Glênio Peres. Diversos grupos participaram da manifestação. Entre eles sindicatos, partidos políticos, grupos/coletivos feministas, autonomistas, grupos ligados à Via Campesina, estudantes, entre outros. Na concentração, mulheres tocavam instrumentos de percussão, palavras de ordem eram proferidas, e intervenções cênicas aconteciam.

Uma intervenção especificamente chamou atenção, representando o feminicídio: mulheres ficaram cobertas de sangue e ao final se abraçaram. Uma senhora que assistia comentou: “nossa, isso é muito forte, nos deixa muito mal, nem sei se era bom fazer isso aqui, parece que nos tira a energia”.

A marcha seguiu pela Estação Rodoviária, Túnel da Conceição, até chegar ao Largo Zumbi dos Palmares. Com duração de aproximadamente três horas. Durante a passagem pelo Túnel, os gritos ficavam mais altos, as pessoas não paravam de pular. Ao final da passagem um grupo de mulheres comentava: “nossa! A melhor parte da passeata é passar pelo túnel, não sei o que acontece, parece que todo mundo enlouquece e tem milhões de pessoas, incrível”.

---

<sup>35</sup> Sobre o Palácio Piratini: Viva o Centro (procempa.com.br).

<sup>36</sup> Sobre a Praça da Matriz: Viva o Centro (procempa.com.br).



Ao final, as pessoas seguiam conversando, bebendo, com seus cartazes, em pequenos grupos. Esse “clima” de sociabilidade seguiu durante toda manifestação, até o seu fim.

#### d) Manifestação 15.03.2018 — Justiça Marielle Franco e Anderson Gomes

**Foto 4:** Manifestação pedindo justiça para o assassinato de Marielle e Anderson



Fonte: Gaúcha Zero Hora (GZH)<sup>37</sup>

No entardecer de Porto Alegre, milhares se juntam na Esquina Democrática de Porto Alegre para pedir justiça à morte de Marielle Franco e Anderson Gomes. O verso “Quantas mulheres negras vão precisar morrer até que mude alguma coisa?”, do *slam* que uma menina, ao meio de lágrimas, apresentou ainda no início da manifestação, já conferia o tom do que seria essa noite.

Todas as falas apresentavam um discurso de denúncia e justiça. Sindicalistas, membros do PSOL, movimento negro, coletivos feministas, jovens do *slam*, entre outros, todos que assumiam o microfone, provocavam lágrimas naqueles que ouviam. A tristeza e a raiva eram os sentimentos que as pessoas associavam ao momento.

Grande parte do momento da concentração as pessoas ficavam atentas às intervenções no microfone. Muitos lá presentes possivelmente nem sabiam quem era

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2018/03/ato-no-centro-de-porto-alegre-homenageia-vereadora-marielle-franco-cjeszqu1803g301r45lvmitl9.html>. Acesso em: 21 nov. 2020.

Marielle Franco antes do assassinato, mas ainda assim escorriam lágrimas de seus olhos.

A caminhada desceu a avenida Borges de Medeiros, seguindo até o Largo Zumbi dos Palmares. Durante a descida os gritos de “Marielle, presente” ecoavam pelo centro da capital. Um pequeno carro de som conduzia a multidão. No carro continuavam as denúncias, sempre conferindo centralidade à associação da morte de Marielle com o fato de ser mulher e a sua negritude.

Ao chegar no Largo, um círculo se formou em torno da faixa que dizia “Justiça para Marielle Anderson Gomes”. Aos poucos, muitas pessoas começaram a acender velas. Nesse momento já eram muitos que apresentavam lágrimas nos olhos. As velas foram colocadas no chão em volta da faixa. O minuto de silêncio é invadido pelas palmas e gritos de “Marielle e Anderson, presentes”.

A dispersão foi silenciosa. Uma senhora dizia: “estou mal, nossa!”. Alguns continuaram no largo em pequenos grupos conversando, observando as velas apagarem com o vento.

#### e) Manifestação 04.05.2019 — Marcha da Maconha

Foto 5: Marcha da Maconha



Fonte: Nah Brisa<sup>38</sup>

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m5upWkTIQgk>. Acesso em: 21 nov. 2020.

A Marcha da Maconha aconteceu em um domingo à tarde no Parque Farroupilha, popularmente chamado de Redenção<sup>39</sup>. Na concentração as pessoas ficaram em círculo na frente do Monumento Expedicionário. Músicas tocavam, pessoas conversavam e muitos fumavam. O público no geral era diferente daquele presente nas outras manifestações analisadas, aparentemente mais gente negra e poucas bandeiras de partidos (o que se destacava era o PSOL). A maior parte das intervenções no microfone durante o período de concentração versavam sobre o uso medicinal do canabidiol.

Algumas famílias davam seus depoimentos de como foi o uso do canabidiol e quais efeitos no combate à doença que estavam enfrentando. O caso mais conhecido é o da menina Carol<sup>40</sup>, sua mãe Liane Maria Pereira demonstrou a melhora de sua filha após o uso e narrou a batalha para conseguir a liberação<sup>41</sup>.

Após a concentração a marcha saiu do Monumento Expedicionário, atravessando a Redenção, passando pelo Auditório Araújo Vianna<sup>42</sup> e seguindo pela avenida Oswaldo Aranha. Na frente, abrindo a marcha, estava o “bloco da maconha terapêutica”, seguido pelos organizadores e a bateria. Muitos fumavam ao longo da marcha.

O “bloco da maconha terapêutica” chama atenção das pessoas que observam a marcha. Ao sair da Redenção, o “bloco da maconha terapêutica” deixou de seguir. Aplausos e gritos de despedida. A polícia acompanha de longe aqueles que seguem pela avenida Oswaldo Aranha. No geral, a caminhada ocorreu com alguns gritos de ordem sobre a legalização da maconha, músicas na bateria, as pessoas conversando, bebendo e fumando.

---

<sup>39</sup> Sobre o Parque Farroupilha (Redenção), ver sobre em: SMAM ([portoalegre.rs.gov.br](http://portoalegre.rs.gov.br)).

<sup>40</sup> Carolina Pereira da Silva tem a Síndrome de Dravet, Carol chegava a ter 40 episódios de convulsão diários. Após o uso do canabidiol a menina apresentou uma melhora cognitiva muito rápido segundo sua família. Além disso, em 2019, com 9 anos, Carol já estava há 6 meses sem nenhum episódio de convulsão. Em 2018 sua família liderou o primeiro “bloco da maconha terapêutica” na Marcha da Maconha de Porto Alegre.

<sup>41</sup> No mesmo ano a justiça concedeu o primeiro *Habeas Corpus* para um paciente do Rio Grande do Sul (já são 34 no Brasil). Assim, foi lhes permitido o plantio da maconha.

<sup>42</sup> Sobre o Auditório Araújo Vianna: Home — Auditório Araújo Vianna ([araujoofficial.com.br](http://araujoofficial.com.br)).



## f) Manifestação 30.05.2019 — “tsunami” da educação 30M

Foto 6: Manifestação “Tsunami da Educação”



Fonte: Sintrajufe<sup>43</sup>

Em diversas cidades do país foram realizadas manifestações contra o contingenciamento de recursos feito pelo Ministério da Educação (MEC), que afetavam as universidades e os institutos federais. Em Porto Alegre a primeira parte da concentração para o ato ocorreu na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Na FACED estudantes, professores e funcionários da universidade debatiam sobre o “desmonte da educação”. Muitas bandeiras de organizações estudantis e partidos políticos, cartazes e faixas com frases como “educação não é mercadoria” estavam presentes compondo a manifestação. Por volta das 17h30 os manifestantes saíram da FACED em direção à Esquina Democrática. Na Esquina, um carro de som com representantes de sindicatos e outras organizações proferiam falas contra o governo federal e incentivavam os demais manifestantes a gritar, “não vai ter corte, vai ter luta”.

A chuva não atrapalhou a marcha, com guarda-chuvas os manifestantes seguiram em duas direções: um grupo foi para a avenida Mauá, passando pelo Túnel da Conceição e novamente pela FACED, enquanto outro grupo foi diretamente pela

---

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.sintrajufe.org.br/ultimas-noticias-detalle/16456/30m-tsunami-da-educacao-ganha-nova-onda-em-porto-alegre-e-brasilia-sintrajufe-rs-esteve-nos-protestos-em-defesa-da-educacao-e-da-previdencia>. Acesso em 21 nov. 2020.

Borges de Medeiros em direção à avenida Loureiro da Silva. Os grupos se encontraram no Largo Zumbi dos Palmares.

Chamava atenção das pessoas que esperavam ônibus nas paradas do centro e observavam a manifestação uma performance de um menino que estava vestido de presidente e tinha suas mãos de tesouras. Ele cortava dois cartazes, um estava escrito previdência e outro educação (que outras duas pessoas seguravam).

Ao longo do trajeto era possível perceber o apoio da população, piscavam luzes nos apartamentos e batiam palmas. Geralmente quando essa interação acontecia os manifestantes gritavam, pulavam, chamavam as pessoas para participar do ato, sempre momentos de euforia.

...

Nas manifestações em apoio à Lava Jato e contra a reforma trabalhista percebe-se algumas estratégias utilizadas pelos manifestantes para provocar efeitos no público ao qual se dirige. As falas, por exemplo, chamam atenção aos objetivos do evento a partir de construções de narrativas que identificam (e caracterizam) “heróis e vilões”. Performatizam essas narrativas trazendo símbolos que facilitam a identificação do público com aquilo que se pretende enquanto enquadramento mobilizado pelos organizadores.

Por outro lado, diferenciam-se quanto aos meios pelos quais apresentam o argumento. Se, em uma das manifestações a “aposta” é no elemento lúdico na figura da banda e do “animador”, na outra busca-se enfatizar a seriedade da “perda dos direitos” representadas na atuação dos líderes sindicais (e de outras organizações). Também, a manifestação no Parcão centraliza-se através do carro de som e das atuações que nele ocorrem, inclusive optando por uma tática de manifestação em praça pública sem deslocamento. Diferentemente, a manifestação com ocorrência no centro da cidade, ainda que houvesse uma centralidade para as atuações que aconteciam no carro de som, não apresentava a tendência de unificação em torno de uma atração comum. Ainda havia outros dois carros de som “periféricos” e diferentes grupos que atuavam fora do carro de som performatizando para o público suas referências (como é o caso do movimento estudantil com a bateria e o grupo de teatro com a intervenção cênica). Houve também a opção distinta pela tática de manifestação pública com deslocamento (passeata).

Outra característica que diferencia esses dois eventos de protesto analisados é a configuração do público do evento. Ainda que nenhum seja homogêneo, percebe-

se uma tendência ao encontro de um padrão no público da manifestação ocorrida no Parcão, no que diz respeito principalmente ao compartilhamento comum de significados. Elementos como roupas, acessórios, discursos (presente tanto nas conversas, como em cartazes, bonecos e outros símbolos) se apresentavam de forma muito semelhante<sup>44</sup>, sobre um mesmo significado comum. No outro evento de protesto, no entanto, a diversidade do público (por vezes inclusive conflitiva) colocava-se de forma mais clara. O grupo de autonomistas distinguia-se claramente de grupos partidários, por exemplo, com propostas distintas performatizadas de forma completamente diferente, expressando nos símbolos que mobilizam um conteúdo por vezes contrário ao argumento “central” do evento.

Observou-se também outros dois elementos importantes: as respostas do público que aparentemente encontra-se engajado emocionalmente apresentaram-se também (por vezes) em forma de performances nos dois casos; e o engajamento emocional pode apresentar-se por vezes de forma positiva, em outras, de forma negativa. Por exemplo, nos dois casos foi identificado que em resposta ao que era performatizado no carro de som, algumas pessoas “respondiam” agredindo o “pixuleco” do Lula (no primeiro caso) ou cantando e dançando músicas (no segundo caso). Também, esse engajamento emocional por vezes apresentou-se de forma negativa, quando na fala da Luciana Genro (PSOL), por exemplo, algumas pessoas levantaram conjuntamente cartazes dizendo que ela havia apoiado o golpe, com vaias e mãos “abertas para cima” fazendo referência a campanha de “mãos limpas”.

Quanto às manifestações 8M e por justiça aos assassinatos de Marielle e Anderson, as duas manifestações compartilham algumas características semelhantes, principalmente porque suas temáticas convergem em algumas questões. Ainda que o 8M seja mais abrangente, e assim, tenha mais público, as duas manifestações tratam de um tema que percebo como central para o engajamento emocional nesses casos: a morte.

No 8M as performances que chamavam atenção para o feminicídio pareciam ser aquelas que mais encontravam ressonância no público. Por outro lado, na manifestação por justiça para Marielle e Anderson, tudo que acontecia, de alguma forma, chegava nas pessoas. A morte estava presente em todas as ações.

---

<sup>44</sup> Novamente afirmo a não homogeneidade, por exemplo, havia um grupo que se destacava dos demais, identificado como Livres, que apresentavam uma vestimenta roxa. Assim como o grupo separado do evento central que pedia a intervenção militar.

A manifestação “da Marielle” foi curta, tanto em questão de trajeto, quanto de duração. O central da manifestação foram os depoimentos, as falas. O interessante dessas características é que, em geral, as pessoas apesar de prestarem atenção nas falas, não têm como foco apenas o que está sendo proferido no carro de som, acabam se envolvendo também com muitas outras ações que acontecem durante o protesto. Nesse caso não, o que de fato fazia o ato acontecer era o protagonismo das pessoas no microfone. A cada fala mais pessoas choravam. Grande parte dos presentes não conhecia Marielle, dar atenção às falas era uma forma de conhecê-la.

No 8M, durante a manifestação da manhã chama atenção o desconforto de pessoas que não estão ligadas aos movimentos do campo em seguir as linhas da marcha. Inclusive, mais de uma vez, houve discussões entre manifestantes. Por outro lado, durante a tarde, novamente a passagem pelo Túnel da Conceição demonstra esses momentos de euforia. Ainda, outra característica interessante de destacar é o uso de roupas (“fantasias”) que fazem algum tipo de denúncia. Para além dos diversos cartazes, muitas pessoas vestiam-se como em momentos de carnaval e isso chamava atenção dos demais presentes, que tiravam fotos e faziam comentários.

As manifestações Marcha da Maconha e Tsunami da Educação têm um apelo popular praticamente oposto. Enquanto a pauta da educação é, de certa forma, bem recebida, a legalização da maconha, em geral, não. Por outro lado, foi possível perceber que o “bloco da maconha terapêutica” apresentou boa recepção às pessoas que passeavam na Redenção. Em geral, manifestantes e transeuntes demonstravam maior atenção e envolvimento com o “bloco”, as crianças interagem com quem se aproximava e suas situações enquanto “doentes”, de certa forma, comoviam.

Na marcha da maconha também foi possível observar a satisfação dos manifestantes de poderem fumar livremente na rua sem a preocupação com a polícia. Já quando se trata da manifestação contra os cortes na educação, o que chama atenção é como as pessoas se relacionavam durante o evento. Das manifestações observadas essa foi a que mais pareceu ter centralidade na sociabilidade. As pessoas conversavam muito durante o protesto, muitos grupos compartilhando os efeitos dos cortes. Fora momentos específicos como a passagem pelo Túnel da Conceição, pela FACED e algumas falas no carro de som, que provocavam no público momentos de euforia, no geral, a marcha foi uma caminhada de trocas.

Observando essas duas manifestações é interessante pensar a respeito de seus trajetos, a primeira tem como origem a Redenção, enquanto a segunda, a

Esquina Democrática. Enquanto a primeira passa pelas ruas da Cidade Baixa, a segunda segue pelas ruas do Centro. A Marcha da Maconha aconteceu no final de semana e no meio da tarde, já o 30M foi durante a semana e no final do dia. São propostas diferentes que têm diferentes implicações naqueles que participam. Por exemplo, é reconhecido que passar pelo túnel agrada o público que costuma ir às manifestações do Centro, também como passar em frente à Faculdade de Educação fez com que as pessoas se identificassem, visto que a manifestação era contra os cortes na educação superior e muitos são alunos da UFRGS. Já a Redenção e a Cidade Baixa estão associadas ao lazer e questões afins, ocupar o parque e as ruas podendo fumar a luz do dia livremente é algo “prazeroso”, como comentaram alguns manifestantes.

As interações observadas em todas as manifestações foram sistematizadas no Quadro 8. Importante destacar que, muitas vezes, não houve interações entre ações performadas e manifestantes. Por vezes observavam o que estava acontecendo, no entanto conversavam com amigos/familiares assuntos diversos, não conferindo atenção à situação. Existiram momentos em que tais manifestantes inclusive não observavam as ações performadas, estando de costas, ou em lugares afastados, indiferentes às ações. Portanto, foram sistematizadas apenas as interações entre manifestantes e ações performadas que observou-se um envolvimento maior.

A primeira coluna do quadro identifica as manifestações observadas, em seguida são descritas as ações desempenhadas, a terceira coluna são as respostas à essas ações, ou seja, como os manifestantes receberam tais ações. A quarta coluna corresponde à caracterização da performance, a partir da análise das ações desempenhadas. Por fim, a última coluna apresenta a classificação das emoções enquanto tipo e vetor (positivo/negativo).

O tipo de emoção segue a proposta de James Jasper (2016) e o vetor é a identificação, a partir da observação, se tais reações se apresentam como positivas ou negativas em relação a ação desempenhada — positivo está associado a aderência à performance, enquanto negativo à rejeição. Portanto, a última coluna (emoção) refere-se às reações dos manifestantes, ou seja, a terceira coluna (descrição da resposta); enquanto a penúltima (performance), refere-se à segunda coluna (as ações desempenhadas).

**Quadro 8:** Sistematização das interações observadas nas manifestações analisadas

MANIFESTAÇÃO	DESCRIÇÃO DA AÇÃO	DESCRIÇÃO DA RESPOSTA	PERFORMANCE (CARACTERÍSTICAS)	EMOÇÃO (TIPO)
Operação Lava Jato	A maioria dos manifestantes de verde e amarelo, carregavam símbolos patriotas (como a bandeira do Brasil), muitos segurando “pixulecos” (bonecos infláveis) do Lula como presidiário. Também era possível ver em destaque uma gaiola com Lula e Dilma presos, com o título de “suíte presidencial” e um grande boneco inflável do Lula presidiário	Na interação com os bonecos infláveis muitos manifestantes agrediram, xingavam, inclusive incentivam as crianças a fazer o mesmo. Já quanto aos símbolos nacionais os manifestantes os exaltavam, sacudindo e gritando palavras de ordem como “sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”	Ação performatizada por elementos relacionados a afirmação/construção de identidade.	Emoções reflexas — raiva; positivo  Emoções morais — orgulho; positivo
	O carro de som tocando músicas antes das falas começarem	Os manifestantes cantavam junto as músicas	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — música	Estados de espírito — ânimo elevado, atmosfera alegre
	Banda Loka Liberal tocando em cima do carro de som (com paródias)	Ao ouvir as paródias da Banda Loka liberal, muitas risadas, palmas, gritos e pulos.	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — musical	Estados de espírito — ânimo elevado, atmosfera alegre
	Falas de representantes de organizações no carro de som	No geral os manifestantes prestavam atenção, por vezes saudavam e outros ficavam conversando nos seus grupos	Ação performatizada por falas que representam grupos/coletividades de manifestantes.	Emoções morais — indignação; positivo
	Simulação de premiação medalha “banda loka liberal” (crítica a medalha ao mérito farroupilha para Jean Wyllys)	Muita risada e aplausos por parte dos manifestantes	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — cênica	Emoções reflexas — alegria, graça; positivo
	“Animador”, “mestre de cerimônia”, incentivava os manifestantes a interagir com o que acontecia no carro de som	Os manifestantes seguiam a sugestão do “animador” (quando pedia para gritar, bater palmas etc.), também riam e aplaudiam suas brincadeiras	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — animador	Emoções reflexas — alegria, graça, raiva; positivo  Estado de espírito — ânimo elevado; positivo
Greve Geral	Intervenção do grupo “Ói Nós Aqui Traveiz”	Um grupo de pessoas assistia atentamente a apresentação, aplaudiam, riam e gritavam.	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — cênica	Emoções reflexas — alegria, graça, raiva; positivo
	Grupo de secundaristas formam a bateria durante o protesto	Quando a bateria chegou no protesto, a grande maioria das pessoas parou de prestar atenção nas falas do carro de som e ficou ouvindo chegarem. Risadas, gritos, euforia, marcaram esse momento.	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — música	Estados de espírito — ânimo elevado, atmosfera alegre; positivo

	Falas de representantes de organizações no carro de som	Muitas falas foram seguidas de palmas e gritos de ordem, outras foram inclusive vaiadas e algumas as pessoas sequer deram atenção.	Ação performatizada por falas que representam grupos/coletividades de manifestantes.	Emoções morais — indignação; positivo Emoções reflexas — raiva; negativo Lealdades ou compromissos afetivos — respeito, confiança, gosto; positivo Lealdades ou compromissos afetivos — desgosto, desconfiança, desprezo; negativo
8M	Durante a manhã a maioria das pessoas vestia roupas e carregavam símbolos dos movimentos do campo	Os manifestantes na interação com esses símbolos se abraçavam, sacudiam suas bandeiras, davam as mãos	Ação performatizada por elementos relacionados a afirmação/construção de identidade.	Lealdades ou compromissos afetivos — respeito, admiração, amor; positivo Emoções morais — orgulho, compaixão; positivo
	Na marcha os manifestantes andavam em filas	Quem não estava acostumado discutia para sair das filas	Ação performatizada por elementos relacionados a afirmação/construção de identidade.	Emoções reflexas — raiva; negativo
	Intervenções cênicas sobre feminicídio	As pessoas disputavam espaço para conseguir enxergar, olhavam com atenção, choravam, batiam palmas, proferiam palavras de ordem	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — cênica	Emoções reflexas — choque; positivo Estado de espírito — tristeza; positivo Emoções morais — indignação; positivo
	Alguns manifestantes no período da tarde usavam “fantasias” que satirizavam a opressão sobre as mulheres	As pessoas riam, tiravam fotos, cumprimentavam	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — cênica	Emoções reflexas — alegria, graça; positivo
	A bateria acompanhou a marcha nos dois turnos do protesto	A música da bateria fazia as pessoas pularem, cantarem	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — música	Estados de espírito — ânimo elevado, atmosfera alegre; positivo
Justiça Marielle e Anderson	O principal da manifestação foram as falas no carro de som	As pessoas ouviam atentamente, aplaudiam, choravam e se abraçavam	Ação performatizada por falas que representam grupos/coletividades de manifestantes.	Estado de espírito — tristeza; positivo Emoções morais — indignação; orgulho positivo Emoções reflexas — raiva; positivo Lealdades ou compromissos afetivos — respeito; positivo
	Os manifestantes carregavam faixas e cartazes pedindo justiça	Na interação com as faixas e cartazes, gritavam palavras de ordem, choravam, davam as mãos	Ação performatizada por elementos relacionados a afirmação/construção de identidade	Estado de espírito — tristeza; positivo Emoções morais — indignação, orgulho; positivo Emoções reflexas — raiva;

				positivo Lealdades ou compromissos afetivos — respeito; positivo
	Ao final da marcha os manifestantes acenderam velas ao redor de uma faixa estendida no chão	Todos fizeram um minuto de silêncio, alguns se abraçaram, outros deram as mãos, bateram palmas, gritaram palavras de ordem e choraram.	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — cênica	Estado de espírito — tristeza; positivo Emoções morais — indignação, orgulho; positivo Emoções reflexas — raiva; positivo Lealdades ou compromissos afetivos — respeito; positivo
Marcha da Maconha	Falas no microfone, em círculo, na frente dos arcos da redenção, por representantes de organizações e famílias que fazem o uso da maconha medicinal	As pessoas ouviam atentamente os depoimentos das famílias e batiam palma	Ação performatizada por falas que representam grupos/coletividades de manifestantes	Emoções reflexas — alegria; positivo Lealdades ou compromissos afetivos — respeito; positivo Emoções morais — compaixão; positivo
	Músicas associadas ao uso da maconha tocavam durante a concentração	As pessoas ficavam cantando enquanto conversavam nos seus grupos	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — música	Estados de espírito — ânimo elevado, atmosfera alegre; positivo
	“bloco da maconha medicinal”, a “comissão de frente” da marcha, com as famílias	As pessoas cumprimentavam, aplaudiam e até choravam, junto às famílias	Ação performatizada por elementos relacionados a afirmação/construção de identidade	Emoções reflexas — alegria; positivo Lealdades ou compromissos afetivos — respeito; positivo Emoções morais — compaixão; positivo
	A bateria acompanhou a marcha	Quem acompanhava a bateria, dançava e cantava	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — música	Estados de espírito — ânimo elevado, atmosfera alegre; positivo
	Durante todo o protesto os manifestantes fumavam maconha	Compartilhavam e comentavam como era bom poder fazer isso assim, a luz do dia, na avenida, sem preocupações	Ação performatizada que afronta a legislação.	Emoções morais — afronta; positivo Estados de espírito — ânimo elevado, atmosfera alegre; positivo
“Tsunami da educação”	Falas no carro de som de representantes de organizações	Alguns ouviam atentamente, batiam palmas e gritavam palavras de ordem outros criticaram a demora	Ação performatizada por falas que representam grupos/coletividades de manifestantes	Emoções morais — indignação; positivo Emoções reflexas — raiva; negativo Lealdades ou compromissos afetivos — respeito, confiança, gosto; positivo
	Intervenção cênica “presidente mãos de tesoura”	As pessoas riam, cumprimentavam e batiam palmas	Ação performatizada com elementos relacionados a arte — cênica	Emoções reflexas — alegria, graça, raiva; positivo
	A bateria acompanhou o protesto	Quem estava próximo a bateria cantava e	Ação performatizada com elementos relacionados a	Estados de espírito — ânimo elevado, atmosfera



		dançava	arte — música	alegre; positivo
	Ao longo da marcha as pessoas nos prédios piscavam as luzes, acenavam e balançavam bandeiras	Os manifestantes gritavam, batiam palmas, chamavam as pessoas	Ação performatizada por elementos relacionados a afirmação/construção de identidade	Emoções reflexas — alegria; positivo

Fonte: autoria própria

Percebem-se características recorrentes nas ações performatizadas observadas: ações com elementos relacionados à arte, ações com elementos relacionados a afirmação/construção de identidade e ações que são performatizadas por falas que representam grupo/coletividades de manifestantes. Como resposta às performances estão associadas expressões que foram rotuladas em tipos de emoção: à performance que se caracteriza por elementos artísticos associam-se às emoções do tipo reflexas (principalmente alegria/raiva) e estado de espírito (ânimo elevado e atmosfera alegre); à performance com característica de afirmação/construção de identidade, emoções morais (indignação, orgulho), e lealdades ou compromissos afetivos (respeito, confiança, gosto); e à performance, caracterizada pelas falas que representam grupos/coletividades de manifestantes, emoções reflexas (alegria/raiva), lealdades ou compromissos afetivos (respeito, confiança, gosto) e emoções morais (indignação, orgulho, compaixão).

Cabe ressaltar que dizer que existem características de performances recorrentes nas variadas manifestações observadas, não significa dizer que são iguais. As performances que são caracterizadas por elementos de afirmação/construção de identidade, por exemplo, na manifestação 8M, são distintas das que compõem a manifestação da Operação Lava Jato; no entanto elas tendem a ter função semelhante e, assim, (re)ações que expressam emoções que se enquadram no mesmo tipo.

Nessa seção que se insere na primeira etapa da pesquisa foram caracterizadas as interações observadas nos eventos de protesto, descrevendo as ações neles promovidas e as reações dos manifestantes. Essas descrições foram agrupadas em diferentes características de performances e tipologias de emoções. A sistematização foi realizada a fim de contribuir para a compreensão dos casos em que há engajamento emocional e se tal engajamento é positivo ou negativo. Na próxima seção dar-se-á seguimento a primeira etapa da pesquisa, referente à caracterização do fenômeno, no entanto serão sistematizadas preferências e rejeições dos manifestantes.

## 5 PREFERÊNCIAS E REJEIÇÕES DOS MANIFESTANTES SOBRE AS AÇÕES PERFORMATIZADAS NOS PROTESTOS OBSERVADOS

As observações descritas na seção anterior contribuíram para caracterizar possíveis interações entre manifestantes e performances. No entanto, a observação não permite identificar possíveis preferências e rejeições fora da situação de interação na qual são apreendidas as reações dos manifestantes frente à ação performatizada. Tais preferências e rejeições são importantes para compreender o envolvimento do manifestante com as performances, na medida em que permitem aproximações sobre o que mobiliza e o que não mobiliza o sujeito na interação.

### a) Respondentes dos questionários

O perfil dos respondentes do questionário foi levantado apenas para identificar a distribuição da amostra. Não fazem parte nessa pesquisa da explicação do fenômeno, não foram estabelecidas correlações a partir de tais dados. Assim, resumidamente, a maioria dos respondentes são mulheres e participa de algum tipo de organização, ambos correspondendo a aproximadamente 60% do total. Aproximadamente 74% dos respondentes estão: cursando o Ensino Superior (24%), ou o concluíram (24,2%), ou ainda já possuem mestrado (8,5%) ou doutorado (17%). Ainda, a maioria dos respondentes já foi muitas vezes a manifestações (75%). Quanto à faixa etária dos respondentes, segue a distribuição:

**Tabela 1:** Faixa etária respondentes

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
12-18	30	13,5	13,5
19-25	29	13,0	26,5
26-32	44	19,7	46,2
33-39	32	14,3	60,5
40-46	36	16,1	76,7
47-53	27	12,1	88,8
54-60	19	8,5	97,3
Maior de 60	6	2,7	100,0
Total	223	100,0	

Fonte: autoria própria.

Na manifestação em apoio à operação Lava Jato, responderam ao questionário 34 pessoas, das quais aproximadamente metade eram homens. Chama atenção o número alto de pessoas que não participam de nenhum tipo de organização, 82,4%. Um terço dos respondentes está na faixa etária entre 40 e 46 anos e aproximadamente metade deles nunca havia participado de outra manifestação. Dos 34 que participaram da pesquisa, a maioria (18 pessoas) estava cursando o Ensino Superior ou já havia o terminado.

Foram respondidos 55 questionários na manifestação Greve Geral, desses, aproximadamente metade por homens. Chama atenção a característica oposta aos dados dos respondentes da manifestação descrita acima (Lava Jato), 84% participam de algum tipo de organização, e 90% já foram a muitas manifestações. Quanto à idade, esse grupo tem uma distribuição equilibrada, 50% estão nas faixas que compreendem o mínimo (12 anos) até os 32 anos, já a outra metade nas faixas dos 33 anos até o máximo (maior de 60 anos), sendo 11 deles com mais de 54 anos. Dos respondentes, 40% estão entre os que já concluíram o Ensino Superior (desses, aproximadamente 29% têm mestrado ou doutorado).

Durante a manifestação do Dia Internacional das Mulheres (8M) foram respondidos 45 questionários, grande parte por mulheres, totalizando 40 (88,9%). A maioria dos respondentes faz parte de alguma organização (78%) e todos já foram a muitas manifestações. A maior parte está nas faixas etárias de 26-32 (29%) e 40-46 (26,7%), cursando o Ensino Superior (22,2%) ou já tendo completado (35,6%).

Da manifestação por justiça a Marielle e Anderson saíram 19 questionários respondidos. Desses, 15 respondentes são mulheres e 14 participam de algum tipo de organização. Todos os respondentes já foram a muitas manifestações. O nível de escolaridade no qual se concentra a maioria é com ensino superior completo, totalizando 8 pessoas. São ao todo também 8 pessoas com menos de 33 anos e 11 pessoas na faixa de 33 a 53 anos.

Também foram respondidos 19 questionários na Marcha da Maconha. Desses, 13 respondentes são homens e 12 não participam de qualquer tipo de organização. A maioria já participou de muitas manifestações (17 pessoas). Quanto à faixa etária, a maior parte está entre 26 e 32 anos (36,8%), enquanto referente à escolaridade, 42% tem o Ensino Superior completo.

Por fim, na manifestação 30M (Tsunami da Educação) foram respondidos 51 questionários, desses 26 foram por mulheres. Aproximadamente 67% foram a muitas

manifestações. Não participam de algum tipo de organização 61% dos respondentes. Foi nessa manifestação que mais pessoas com doutorado responderam os questionários, totalizando 18 pessoas (35,3% do total). Ainda no Ensino Médio, responderam 10 pessoas (19,6%) e com Ensino Superior Incompleto responderam 15 pessoas (29,4%). Quanto à idade dos respondentes, 43,1% tinham menos de 25 anos, por outro lado, na faixa etária que compreende dos 47 aos 53 anos, estavam 29% das pessoas que responderam ao questionário.

## b) Preferências e rejeições gerais

As pessoas foram questionadas sobre o que lhes fazia ir a uma manifestação, tirando o fato do ato de reivindicar o objeto sobre o qual a manifestação se constrói, o que motivou sua participação. Dentre as opções possíveis, encontrar os amigos foi o que se destacou, conforme a Tabela 2.

**Tabela 2: Motivação**

	Frequência	Porcentagem
encontrar amigos	81	36,3
atrações	40	17,9
adrenalina	25	11,2
ações não comuns	62	27,8
ser visto	15	6,7
Total	223	100,0

Fonte: autoria própria

A segunda opção com maior adesão foi realizar ações que não são comuns no cotidiano. As pessoas citavam exemplos como gritar, fantasiar-se, se juntar em multidões com um objetivo comum, entre outros. As atrações que geralmente movimentam as manifestações, como shows, discursos de personalidades, intervenções, foram escolhidas por aproximadamente 18% dos respondentes.

Dentre as duas alternativas com menos respostas chama atenção a opção “ser visto”, mesmo tendo menos expressividade, ainda 15 pessoas responderam que uma das motivações para ir a uma manifestação é a importância da visibilidade, ou seja, que seus companheiros vejam que ele/ela está presente. Uma das respondentes disse “quem não é visto, não é lembrado”. Por uma outra perspectiva, um professor

comentou a importância de dar o exemplo aos seus alunos, para ele era importante que o vissem na manifestação.

Apesar de serem questões fechadas, havia a possibilidade de marcar a alternativa “outros” e descrever algum outro tipo de motivação. No entanto, todos respondentes escolheram uma das alternativas disponíveis.

Quanto às ações performatizadas nas manifestações que os respondentes marcaram como as que mais gostam que aconteçam: as atrações do carro de som e a música da bateria se destacaram, correspondendo a aproximadamente 77% dos casos. Com menos expressividade estão as intervenções cênicas e as ações que resultam em dano ao patrimônio, com 7,2% e 10,3% respectivamente.

**Tabela 3:** Ação que mais gosta

	Frequência	Porcentagem
carro de som	93	41,7
bateria	79	35,4
teatro	16	7,2
dano ao patrimônio	12	5,4
outros	23	10,3
Total	223	100,0

Fonte: autoria própria.

Desses dados duas características chamam atenção, a primeira é que ainda que exista um discurso sobre a valorização de “novas formas de ação”, na qual a centralidade do carro de som (principalmente no que diz respeito às falas dos representantes) é questionada, ainda essa forma de ação aparece como referência para os manifestantes respondentes da pesquisa. A segunda diz respeito a ações com danos ao patrimônio, mesmo com baixa adesão, sabendo ser crime tais ações, ainda 12 pessoas colocaram-nas como principal motivação dentre as alternativas possíveis.

Quanto às ações que os respondentes assinalaram que não gostam que ocorra durante uma manifestação: àquelas que podem envolver algum tipo/nível de violência foram as que se destacaram, correspondendo a aproximadamente 77% das respostas. As ações de confronto, que representam a maioria das respostas, envolvem tanto confronto com a polícia quanto com outros manifestantes e/ou transeuntes. Quanto às ações que resultam em dano ao patrimônio, que também podem ser entendidas como violentas segundo os respondentes, são aquelas ações como queima de container e outros objetos, quebra de vidraças, pichações etc. Ações

relacionadas ao carro de som também aparecem de forma significativa, com aproximadamente 20% das respostas.

**Tabela 4:** Ação que menos gosta

	Frequência	Porcentagem
carro de som	45	20,2
teatro	3	1,3
confronto	126	56,5
dano ao patrimônio	47	21,1
outros	2	,9
Total	223	100,0

Fonte: autoria própria

Sobre o tipo de manifestação que preferem, destacam-se aquelas com deslocamento (marchas, passeatas etc.). Em segundo lugar na preferência, está exatamente o seu oposto, ou seja, manifestações que não envolvem deslocamento. Dessas, a totalidade dos respondentes diz preferir manifestações em praças públicas, nas quais se fica “parado” interagindo com as atrações e promovendo suas reivindicações.

**Tabela 5:** Preferência de tipo de manifestação

	Frequência	Porcentagem
sem deslocamento	29	13,0
com deslocamento	171	76,7
escrachos	4	1,8
intervenção urbana	6	2,7
fechamento de vias	5	2,2
NS	8	3,6
Total	223	100,0

Fonte: autoria própria

Quando analisados os dados referentes à opção “sem deslocamento”, chama atenção que na sua totalidade os respondentes foram aqueles que participavam da manifestação em apoio à operação Lava Jato. Tal manifestação apresenta as características que os respondentes afirmam que preferem, ou seja, ocorre em uma praça pública, na qual os manifestantes não se deslocam e interagem com as atrações promovidas no carro de som.

### c) Preferências e rejeições específicas

Como visto, a primeira parte do questionário foi sobre a identificação dos respondentes e a segunda parte sobre preferências e rejeições gerais, ou seja, o que gostam e não gostam em qualquer manifestação. A terceira parte, que será desenvolvida a partir de agora, diz respeito a preferências e rejeições específicas das manifestações que os respondentes estavam participando no momento da aplicação do questionário, ou seja, o que gostaram e não gostaram especificamente de tal manifestação. As questões dessa parte, diferentemente das outras, são abertas. No entanto, elas foram também categorizadas e incluídas no banco de dados produzido no SPSS.

Na manifestação em apoio à operação Lava Jato a maior parte dos respondentes destacaram como positivo as atrações que ocorreram no carro de som, somando aproximadamente 88% dos casos. Dentre elas se destacam as apresentações da Banda Loka Liberal (35,3%) e as falas dos representantes (34,4%). A terceira atração mais mencionada foi a performance do “animador”, uma espécie de mestre de cerimônias, um mediador entre as falas e os momentos lúdicos (20,6%). O único destaque, fora as atrações do carro de som, foram os adereços, cartazes e demais objetos que eram portados pelos manifestantes, como bonecos representando o Lula de presidiário, cartazes com mensagens contra o Partido dos Trabalhadores, os usos dos símbolos nacionais, entre outros, conforme descrito na Tabela 5.

**Tabela 6:** Destaque positivo na manifestação em apoio à operação Lava Jato

	Frequência	Porcentagem
animador	7	3,1
banda loka liberal	12	5,4
falas dos representantes	11	4,9
adereços/cartazes/objeto	4	1,8
Total	34	15,2

Fonte: autoria própria

Enquanto todos que responderam ao questionário destacaram ações que gostaram da manifestação, quando perguntado sobre possíveis ações que não tenham gostado, apenas uma pessoa respondeu que não havia se identificado com



as falas em defesa ao porte de armas. As demais não souberam pontuar qualquer ação que não tenham gostado.

**Tabela 7:** Destaque negativo na manifestação em apoio à operação Lava Jato

	Frequência	Porcentagem
falas dos representantes	1	2,9
NS	33	97,1
Total	34	100,0

Fonte: autoria própria.

A segunda manifestação observada, onde foram aplicados 55 questionários, foi a manifestação Greve Geral, em tal manifestação os respondentes destacaram como o que mais gostaram ações relacionadas à caminhada, ou seja, que dizem respeito ao deslocamento do protesto. Relataram que gostavam de caminhar junto da multidão, gritar, pular, carregar faixas, cartazes, durante a caminhada, da “marcha em si”. Relacionado à caminhada também está a passagem pelo túnel da Conceição. Muitas pessoas afirmaram que quando a marcha passa pelo túnel “uma sensação inexplicável acontece, é a parte alta da manifestação”. Tais ações relacionadas ao deslocamento da manifestação somam 74,5% das respostas.

**Tabela 8:** Destaque positivo na manifestação Greve Geral

	Frequência	Porcentagem
Intervenções Cênicas	3	1,3
Bateria	5	2,2
adereços/cartazes/objeto	6	2,7
Marcha	23	10,3
Túnel	18	8,1
Total	55	24,7

Fonte: autoria própria

Quanto ao que menos gostaram da manifestação, destacam-se o “silêncio” e a “demora para sair”. O silêncio diz respeito a quando os manifestantes não estão gritando palavras de ordem e/ou cantando, já a demora para sair diz respeito ao momento de concentração da manifestação, que ocorre antes de iniciar o deslocamento. Chama atenção um número expressivo de pessoas que não souberam responder o que menos gostaram da manifestação.

**Tabela 9:** Destaque negativo na manifestação

	Frequência	Porcentagem
conflito	5	9,1
silêncio	19	34,5
demora pra sair	16	29,1
falas no carro de som	3	5,5
Total	43	78,2
NS	12	21,8
Total	55	100,0

Fonte: autoria própria

A preferência na manifestação 8M também está relacionada ao deslocamento da marcha. Como na manifestação “Greve Geral”, a maior parte dos respondentes afirma ter gostado da caminhada (que envolve estar junto com outras pessoas, gritando, segurando bandeiras etc.) e da passagem pelo túnel da Conceição, representado aproximadamente 62%. Destaque também entre os respondentes foi a intervenção cênica que representou o feminicídio, na qual foram desenhados corpos no chão.

**Tabela 10:** Destaque positivo na manifestação 8M

	Frequência	Porcentagem
Intervenção cênica	11	24,4
Falas dos representantes	5	11,1
bateria	1	2,2
túnel	10	22,2
caminhada	18	40,0
Total	45	100,0

Fonte: autoria própria.

Novamente o “silêncio” tem destaque referente ao que os respondentes não gostaram da manifestação. Não gritar palavras de ordem, não cantar as músicas, não é bem-visto pelos manifestantes. Muitos deles chegaram a dizer que “parece um enterro” quando isso acontece. Também similar à manifestação “Greve Geral”, um grande número de pessoas respondeu não saber o que mais lhe desagradou na manifestação.

**Tabela 11:** Destaque negativo na manifestação

	Frequência	Porcentagem
silêncio	25	55,6
demora para sair	1	2,2
carro de som	6	13,3
conflito	2	4,4
Total	34	75,6
NS	11	24,4
Total	45	100,0

Fonte: autoria própria.

Da manifestação por justiça a Marielle e Anderson, as 19 pessoas que responderam ao questionário afirmaram ter gostado das falas dos representantes e a intervenção cênica das velas no chão ao final da manifestação. Quanto ao que menos gostaram, a totalidade dos respondentes não soube dizer.

**Tabela 12:** Destaque positivo na manifestação por justiça a Marielle e Anderson

	Frequência	Porcentagem
Falas dos representantes	6	31,6
Intervenção das velas	13	68,4
Total	19	100,0

Fonte: autoria própria

Fumar maconha, o Bloco da Maconha Medicinal e a fala das famílias na concentração da manifestação foram os destaques da Marcha da Maconha para as 19 pessoas que responderam ao questionário. Interessante que mesmo àqueles que se referiram ao Bloco e as falas, também pontuaram a oportunidade de poder fumar maconha livremente, mesmo não sendo o que mais se destacou para eles.

**Tabela 13:** Destaque positivo na manifestação Marcha da Maconha

	Frequência	Porcentagem
fumar maconha	8	42,1
fala das famílias	5	26,3
bloco da maconha medicinal	6	31,6
Total	19	100,0

Fonte: autoria própria

Quanto ao que não gostaram da manifestação, os respondentes destacaram discussões com pessoas que passavam pelas ruas, alguns diziam “sempre tem alguém que passa e começa gritar que somos vagabundos e essas questões”. Tais discussões foram classificadas como “conflito”. Novamente destacam-se pessoas que não souberam dizer o que não gostaram na manifestação.

**Tabela 14:** Destaque negativo na manifestação Marcha da Maconha

	Frequência	Porcentagem
conflito	13	68,4
NS	6	31,6
Total	19	100,0

Fonte: autoria própria

Da manifestação 30M aproximadamente 57% dos respondentes preferiram ações que estavam envolvidas com o deslocamento, classificadas como “caminhada” e “túnel”. Destaca-se também a menção às falas dos representantes. Já quanto ao que não gostaram, grande parte não soube responder, totalizando 42 pessoas, das 51 que responderam ao questionário. O restante, que respondeu a tal questão, não gostou da demora para a manifestação começar seu deslocamento.

**Tabela 15:** Destaque positivo na manifestação 30M

	Frequência	Porcentagem
Falas dos representantes	12	5,4
adereços/cartazes/objeto	5	2,2
Intervenção cênica	5	2,2
Túnel	19	8,5
Caminhada	10	4,5
Total	51	22,9

Fonte: autoria própria

Das 223 pessoas que responderam ao questionário, 123 não souberam responder o que menos gostaram da manifestação, ou seja, mais de 50% do total. A maior parte das justificativas está relacionada a “não prestar atenção” no que está acontecendo. Muitos afirmaram que havia ações que não os chamavam a atenção, portanto, não sabiam muito responder essa questão. Alguns pontuaram que não era, necessariamente, que não gostavam, apenas que ficavam fazendo outras coisas e não ficavam muito atentos.

...

A partir dos dados sistematizados nessa seção e seção anterior, tanto da observação das manifestações, quanto das respostas ao questionário aplicado, foram identificadas tendências que contribuiriam para conduzir a segunda parte da pesquisa, que envolve a entrevista com manifestantes e o acompanhamento deles em uma manifestação. Essa primeira etapa da pesquisa objetivou a caracterização das interações entre manifestantes e performances, a fim de indicar manifestações de engajamento emocional e a descrição de preferências e rejeições gerais de manifestantes sobre diferentes ações performatizadas — nesse caso para indicar possíveis tendências a tipos negativos ou positivos de engajamento emocional.

A primeira tendência importante identificada diz respeito à própria definição de engajamento emocional. Logo na introdução à tese, define-se o engajamento emocional como um tipo de envolvimento no qual se produz uma conexão mais profunda entre manifestante e performance. A partir dos casos empíricos identifica-se três tipos de envolvimento entre manifestantes e performances: indiferença, observação e engajamento. No qual a indiferença seria o menor nível de envolvimento e o engajamento seria o maior nível de envolvimento com a performance, conforme Figura 2.

**Figura 2:** Tipos e níveis de envolvimento



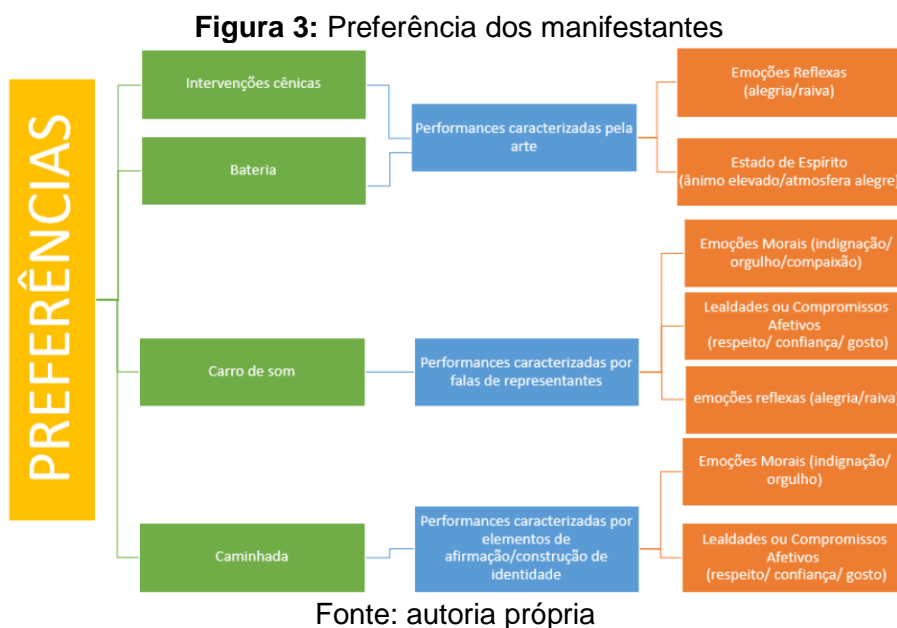
Fonte: autoria própria

A indiferença diz respeito, nos casos estudados, a quando não existe atenção ao que está sendo performado. Por exemplo, enquanto uma intervenção cênica está

acontecendo, o manifestante está tirando fotos suas e de outras pessoas para postar na *internet*. A observação, nesses casos, representa quando o manifestante está olhando a ação performatizada; no entanto, outras questões/ações têm centralidade para sua experiência no momento. Por exemplo, quando um representante está falando no carro de som, e o manifestante está observando, no entanto, está conversando com seus amigos, contando seus planos para quando acabar a manifestação. Por fim, o engajamento emocional (representado pelo termo “engajamento” na representação gráfica), nos casos empíricos analisados, diz respeito quando há interação do manifestante com a performance na qual toda sua atenção está para a ação performatizada. Por exemplo, quando a bateria está tocando e o manifestante está cantando, pulando etc. Sobre o engajamento, esse pode ser tanto positivo, quanto negativo, ou seja, o manifestante pode ser “afetado” pela performance positivamente, gostando do que está experienciando, ou negativamente, provocando repulsa a ação performatizada. Assim, o engajamento positivo diz respeito a aderência à performance e o engajamento negativo diz respeito a rejeição. Nota-se que mesmo quando há rejeição, há envolvimento a nível máximo, ou seja, engajamento. A partir de tal envolvimento, ou se adere à performance ou ocorre a rejeição.

Tais classificações são meramente descritivas para os fins da pesquisa. Em uma mesma manifestação, um manifestante experiencia diversas vezes todos os tipos de envolvimento com as diversas ações performatizadas. Ainda, em uma situação, um manifestante pode passar por todos os tipos de envolvimento com a mesma ação performatizada. Cabe ressaltar que caso um manifestante esteja parado, observando uma ação sendo performatizada, sem esboçar nenhum tipo de ação/reação, não é possível inferir qual nível de envolvimento tal manifestante está com a performance.

A segunda tendência identificada diz respeito às características das ações performatizadas que mais agradam aos manifestantes, ou seja, teriam probabilidade de produzir um envolvimento maior. Também a quais tipos de emoções tais ações estão associadas. Quanto às “preferências” dos manifestantes, estão as ações: intervenção cênica, bateria, falas no carro de som, e as ações relacionadas ao deslocamento da manifestação (caminhada). Cada uma dessas ações compõem um grupo de características das performances, que tendem a estarem associadas a tipos de emoções, conforme a Figura 3.



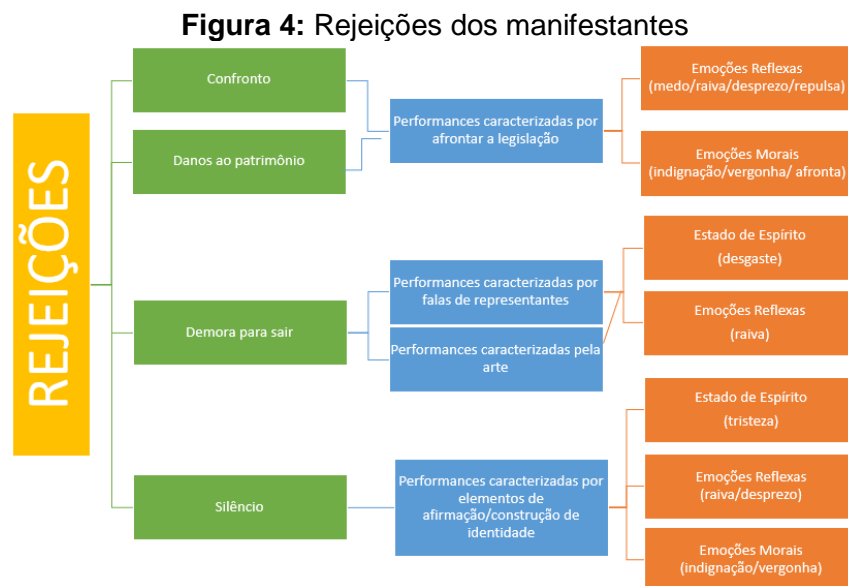
As intervenções cênicas e a bateria fazem parte de performances que têm como característica elementos artísticos. Tais performances tendem a estar associadas a emoções reflexas e estado de espírito, ou seja, a uma resposta rápida do sujeito às informações da ação, nesses casos estudados, com maior probabilidade de ser expressa através da alegria e/ou da raiva, dependendo do conteúdo da intervenção e da música da bateria; assim como a sentimentos estimulantes que persistem em diferentes ambientes, principalmente, nesses casos, a partir da construção de uma atmosfera alegre e do estímulo ao ânimo elevado.

As performances das quais fazem parte as falas no carro de som, são ações performadas por representantes de coletividades organizadas ou não que discursam para o grande público. Estão associadas, nos casos estudados, além das emoções reflexas, também a emoções morais e compromissos e lealdades afetivas. Assim, referem-se aos valores, à moralidade do sujeito, com a tendência de se traduzir na indignação, orgulho e/ou compaixão, sobre o conteúdo da fala. Também, para além do conteúdo, pode se referir à pessoa que está falando, a qual o sujeito tem afinidade, demonstrando respeito, confiança e gosto.

No que diz respeito às ações desenvolvidas durante a caminhada, que foram exemplificadas pelos manifestantes como caminhar junto com a multidão, cantar e gritar junto, carregar as bandeiras, passar pelo Túnel da Conceição etc. Ou seja, a preferência pela “marcha/passeata em si”, tais elementos fazem parte das performances que se caracterizam por questões de afirmação/construção de

identidade. Todas as ações que os manifestantes relacionam ao que chamavam de “marcha em si” (ou “passeata em si”) expressam construção de laços, de passar uma mensagem única que identifica àquele grupo de pessoas, como as bandeiras, cantar e gritar as palavras de ordem coletivamente, fazer parte de “algo maior” (como diziam) estando junto a uma multidão. Tais performances associam-se, nesses casos, principalmente a emoções morais (como orgulho e/ou indignação) e lealdades e compromissos afetivos (como respeito, confiança e gosto).

Quanto às “rejeições” dos manifestantes estão as ações: confronto, danos ao patrimônio, demora pra sair e silêncio. Cada uma dessas ações também compõem características comuns que se associam a tipos de emoções, conforme a Figura 4.



Fonte: autoria própria

Ações de confronto dizem respeito tanto àquelas relacionadas às forças de segurança, quanto com outros manifestantes e pessoas que não fazem parte da manifestação; já danos ao patrimônio dizem respeito a ações que resultam em algum tipo de dano material do patrimônio público ou privado da cidade. Tais ações fazem parte de performances que se caracterizam por afrontar a legislação vigente e/ou padrões hegemônicos de moralidade. Essas performances estão associadas, nos casos estudados, a emoções reflexas e emoções morais: respostas rápidas aos eventos e informações expressas como medo, raiva, desprezo e repulsa, assim como sentimentos relacionados aos valores do manifestante como vergonha, indignação e afronta.



A afirmação sobre a demora para sair, refere-se ao momento de concentração da manifestação, anterior ao deslocamento. Geralmente está relacionada a continuidade das falas no carro de som ou apresentações musicais e cênicas, que fazem com que o momento de concentração seja prolongado, demorando para a manifestação iniciar seu deslocamento. Assim, essa demora para sair diz respeito, principalmente, às performances que são caracterizadas por elementos artísticos e por falas que representam coletividades, que por sua vez, nesses casos, estão associadas a emoções reflexas e de estado de espírito: os manifestantes tendem a responder com raiva a tais ações e também se sentem desgastados.

O que os manifestantes chamam de “silêncio”, referem-se aos momentos que as pessoas não estão cantando ou proferindo palavras de ordem. Tal comportamento faz parte das performances que são caracterizadas por elementos que afirmam/constroem identidades, na medida em que os manifestantes se identificam ao cantar e gritar palavras de ordem, reclamando e não se identificando com o silêncio. Estão associadas, nos casos estudados, emoções reflexas, morais e de estado de espírito: a raiva e o desprezo pelo grupo que não canta ou grita as palavras de ordem, um estado de tristeza com a situação e indignação e/ou vergonha da manifestação.

As tendências identificadas nessa etapa da pesquisa, tanto em relação ao significado do engajamento emocional, quanto em relação à caracterização das performances associadas aos tipos de emoções — rotulados a partir da interpretação das expressões dos manifestantes —, contribuíram para caracterizar primeiro a expressão do engajamento (se há envolvimento máximo), e segundo as possibilidades de tal engajamento ser positivo ou negativo (aderência ou rejeição à performance). A partir da sistematização dos dados produzidos nessa etapa da pesquisa, representados nas figuras 1, 2 e 3, parte-se para o questionamento: o que os tipos de emoções revelam da interação? Ou seja, a compreensão dos manifestantes sobre a performance, que dela resulta sua (re)ação. Assim possibilitando a identificação dos mecanismos causais que explicam a produção do engajamento emocional. Reforça-se, portanto, que o procedimento não pressupõe a “descoberta” da origem das emoções, mas o que elas revelam da interação. Tal questionamento é objeto da próxima seção, decorrente da etapa explicativa da pesquisa.

## 6 ENGAJAMENTO EMOCIONAL: INTERAÇÃO ENTRE MANIFESTANTES E PERFORMANCES

Como vimos, em um protesto nos envolvemos em diferentes níveis com as ações nele performatizadas. O nível máximo de envolvimento foi chamado nessa pesquisa de engajamento emocional. Tal engajamento pode se apresentar de forma positiva ou negativa, dependendo de como a interação com a performance afeta o sujeito envolvido.

Diferente do engajamento militante que tem como principal característica a participação contínua em alguma organização social ou política (SILVA; RUSKOWSKI, 2016), o engajamento emocional do manifestante com a performance é situacional, dadas as próprias características de um evento de protesto. Logo, existe uma variação significativa em um mesmo protesto, inclusive, na interação com uma única performance.

A análise descritiva sugere que a interação dos manifestantes com as performances pode produzir engajamento emocional positivo ou negativo. Para compreender, portanto, como ocorre o engajamento emocional, é necessário trilhar o “caminho de volta”: o que as emoções rotuladas a partir da interpretação das expressões dos manifestantes — que indicam se existe engajamento (positivo ou negativo) — revelam sobre a interação dos manifestantes com as performances? As emoções “orientam nosso engajamento ao nos mostrarem o que valorizamos, o que nos atrai, o que nos repele. Elas nos ajudam a encontrar nosso caminho através de ambientes complexos” (JASPER, 2016, p. 91). Portanto as emoções possibilitam perceber o que é central na interação, a compreensão a que se baseia à ação do manifestante.

### 6.1 COMPREENSÃO DOS MANIFESTANTES SOBRE AS PERFORMANCES COM AS QUAIS INTERAGEM

Nos casos estudados, as ações observadas nos eventos de protesto foram sistematizadas e caracterizadas. Porém, as ações performadas, suas características, não explicam o engajamento emocional. A análise não tem como foco comparar performances em termos de diferenças de engajamento emocional. Inclusive não foram estudadas as intencionalidades na construção das performances, pois a

atenção da pesquisa está nos manifestantes que interagem com a performance. A sistematização de tais ações tem como função principal agrupar ações com características semelhantes e, assim, possibilitar uma descrição dos casos estudados de forma sistemática.

Foram identificadas algumas características recorrentes que fizeram parte das performances que compuseram os casos estudados. Tais características foram agrupadas da seguinte forma: (1) ação performatizada com elementos relacionados à afirmação/construção de identidade, (2) ação performatizada com elementos relacionados à arte, (3) ação performatizada por falas que representam grupos/coletividades de manifestantes, e (4) ação performatizada com elementos que afrontam a legislação.

Como o engajamento emocional diz respeito ao envolvimento do manifestante com a performance, analisaremos, portanto, as interações com as performances, a fim de elucidar as compreensões dos manifestantes e, assim, identificar os mecanismos que explicam o engajamento emocional.

Eventualmente (e não raramente) performances com diferentes características podem se combinar. Por exemplo, um representante de um partido político falando em um carro de som, movimentando a bandeira de seu partido e incentivando palavras de ordem. No entanto, para fins de análise prioriza-se aquela que na situação é interpretada pela pesquisadora como tendo uma maior relevância para interação.

Como já mencionado na seção metodológica, a explicação do fenômeno engajamento emocional se dá a partir dos mecanismos causais, que dizem respeito à ação do manifestante. Logo, o manifestante não tem uma posição de passividade em relação à performance, ou seja, não a recebe passivamente, durante a interação também age sobre ela.

Essa ação parte da compreensão que o manifestante faz da performance. Assim, interpretados os tipos de emoções a partir das expressões dos manifestantes, identifica-se se há engajamento emocional (envolvimento máximo do manifestante com a performance) e se tal engajamento é positivo (produz aderência à performance) ou negativo (produz rejeição à performance). Em seguida pergunta-se o que tais tipos de emoção revelam da interação do manifestante com a performance, para apreender a compreensão do manifestante, da qual parte sua ação sobre a performance. Tal ação diz respeito ao(s) mecanismo(s) causal(ais) que explicam o fenômeno.

Nessa seção é apresentada a análise da qual foram identificadas as compreensões dos manifestantes sobre a performance. A análise foi dividida por características da performance para fins de organização da descrição.

#### **a) Compreensão dos manifestantes sobre as ações performatizadas por falas de representantes de coletividades**

Em todas as manifestações observadas e aquelas nas quais a pesquisadora acompanhou os entrevistados, as falas dos representantes das organizações presentes foram ações centrais (com destaque). Percebeu-se nas observações e nas entrevistas que a interação dos manifestantes com as performances com essa característica ora provocam sentimentos positivos nos manifestantes, ora sentimentos negativos.

Por vezes, os sentimentos negativos estão relacionados ao conteúdo da fala e/ou pessoa que a profere, ou estão relacionados à sua extensão. Assim como ocorre com os sentimentos negativos, os sentimentos positivos também estão relacionados ao conteúdo da fala e/ou pessoa que a profere, no entanto, outra relação estabelecida diz respeito à sua funcionalidade para o protesto.

Como dito na seção teórica, adota-se nessa pesquisa a proposta de James Jasper (2016) de categorização das emoções, no qual sentimentos são agrupados em um rótulo verbal, que chamamos de emoção:

Uma emoção é realmente um rótulo verbal que aplicamos a um conjunto de sentimentos conhecido. Por exemplo, se tenho um surto de adrenalina, um aumento de batimentos cardíacos e uma expressão facial hostil, com os dentes à mostra e as sobrancelhas franzidas, posso dizer que estou com raiva (pessoas me observando podem perceber que estou com raiva antes de mim). Há dezenas de processos subjacentes que afetam nossos sentimentos, sobretudo mudanças em nossa bioquímica e contrações musculares, todas processam informações sobre o que se passa a nossa volta, especialmente se as coisas estão indo bem ou mal. Não temos nem sequer consciência desses sentimentos, e não os rotulamos de emoções, mas ainda assim eles nos ajudam a lidar com o mundo. São a matéria-prima das emoções. Eu os chamo de processos de sentir-pensar. Há vários conjuntos de sentimentos – emoções que precisamos distinguir. (JASPER, 2016, p. 89)

Relacionados a performances caracterizadas pela fala de representantes, foram identificados nos casos estudados quatro tipos de emoções: reflexas (alegria e

raiva), estados de espírito (desgaste, tristeza), lealdades ou compromissos afetivos (respeito, confiança e gosto) e morais (indignação, orgulho, compaixão). Para compreender o engajamento emocional dos manifestantes com tais performances, foi questionado o que essas emoções revelam sobre a interação, a fim de identificar a compreensão dos manifestantes — que é base para sua ação.

Quanto ao engajamento positivo, durante a interação, o envolvimento dos manifestantes com a performance acontece de forma que resulta em aderência de tais manifestantes pela ação performatizada. Enquanto no engajamento negativo, o envolvimento ocorre de forma que os manifestantes rejeitam a ação performatizada. Nos dois casos, portanto, existe envolvimento do manifestante com a performance em seu nível máximo (engajamento emocional), no entanto tal envolvimento tem como qualidade a aderência (positivo) ou a rejeição (negativo).

Emoções reflexas (como a alegria e a raiva) estão associadas tanto ao engajamento positivo, quanto ao engajamento negativo, com a performance que se caracteriza pelas falas de representantes de organizações. Tal tipo de emoção é uma resposta rápida a eventos e informações (JASPER, 2016); nesse caso, tendem a referir-se ao conteúdo do que está sendo proferido.

Quanto ao engajamento positivo, a alegria<sup>45</sup> dos manifestantes sugere algumas interpretações sobre a interação. O entrevistado Marcos relembra um momento marcante de quando participou de uma manifestação #EleNão (contra a eleição de Jair Bolsonaro em 2018) no Parque Farroupilha (Redenção) em Porto Alegre:

Teve um momento que mexeu comigo, assim, no “Ele Não”, geralmente eu não sou muito de ficar prestando atenção nas falas da galera no carro de som, porque eu canso, fico fazendo outras coisas daí. Mas essa é uma que eu lembro muito bem e, bá! Me deixou muito contente na hora, feliz, só queria subir lá e dar um beijo naquele guri, me fez tri bem. Eu já tava quase indo embora porque já tava cansado da função. Um solzão naquele dia [...] Tá, foi assim, eu estava com meus amigos conversando sobre a festa que a gente tinha ido de noite. Nem me lembro quem estava falando, porque não estava prestando muita atenção, foi aí que subiu aquele menino do PCdoB, o Giovani Culau, que eu nem conhecia, tinha visto algo na eleição para deputado, mas mal sabia quem era. Foi aí que o querido falou das gay, das bichas, das trans, Jesus! O povo pirou e gritou que nem loucos naquela Redenção. Eu não me lembro bem do que ele falou, só lembro da sensação do momento que foi de uma alegria imensa, porque ele chamou na *xinxá* aquele povo tudo gay lá [risos] e o melhor foi que ele se colocou enquanto bicha, sabe? Claro que ficar dizendo lá da perda de direitos e tudo mais que o Bolsonaro

---

<sup>45</sup> E seus similares, os quais têm conjuntos de sentimentos próximos (processos corporais) a eles associados (JASPER, 2016).

representava caso ganhasse a eleição, que agora a gente tá vendo isso acontecer e muito pior ainda, era importante, né? Mas tá, eu sei disso, eu sei lá, não dava tanta atenção. Tinham outras coisas disputando minha atenção que pareciam muito mais interessantes, tipo fofocar, credo né? Sou péssimo [risos], mas foi ele falar das gays e dizer que é bicha, que meu Deus, povo foi à loucura e eu junto, muito tri, fiquei muito feliz. Parece que a gente se sente mais parte, sabe? (MARCOS)

A alegria nesse caso revela da interação de Marcos com a performance a sua compreensão de que há aproximação com uma vivência compartilhada (LGBTQIA+), que como o entrevistado disse, faz ele se sentir mais parte, e tal conteúdo da fala, portanto, “chega” nele. Quando a pesquisadora acompanhou Marcos na Marcha da Maconha de 2019, foi identificada uma situação semelhante ao de seu relato. Quando um dos manifestantes da Marcha pegou o microfone e incentivou os demais a “queimar um”, que naquele momento seria liberado, e associou ao fato de todos estarem ali por um motivo comum, Marcos e muitos outros manifestantes gritaram, bateram palmas e ele comentou: “Nossa! Isso me faz muito feliz, parece que eu não estou sozinho nesse desejo, eu não me sinto um criminoso como é visto quem fuma, meio ridículo, sabe? Porque faço parte de todo aquele povo” (MARCOS). Novamente a alegria revelando da interação entre manifestante e performance, sobretudo, que o manifestante compreende que a performance une as pessoas a partir da experiência compartilhada, nesse caso, quando todos fumam, todos acreditam que tal ato é legítimo.

Outra manifestante entrevistada também se refere a uma experiência, que segundo ela a marcou, como alegre. Carla conta que estava em uma manifestação pela descriminalização do aborto quando

[...] experienciei uma coisa muito louca e sempre me lembro disso, não sei por quê. Eu estava ouvindo o que estava sendo dito pelas representantes no carro de som. Acho que era agosto de 2018, estava rolando aquele debate sobre aborto, tinha alguma coisa do STF, acho que era isso. Aí beleza, várias pessoas falando sobre questões importantes. Eu já te disse antes, que esse tema é importante pra mim pelo que eu passei. Mas tá, eu lembro que estava com umas amigas tomando uma Polar, dando uma descontraída (risos). Foi quando chegou uma mulher pra falar que eu nem me lembro de onde era, nem quem era, acho que era alguém do PSOL, não sei. Bom, ela começou a falar de uma forma que parecia que era pra mim, sobre julgamento, sobre o peso dessa decisão, sobre várias questões que saem um pouco da questão do direito. Enfim, foi aí que ela começou a dizer que com certeza naquele povo todo algumas mulheres já haviam passado por um aborto, ou estavam pensando em fazer, e disse que essas mulheres não estavam sozinhas, e seguiu falando. Aquilo me tocou de um jeito, do tipo que eu pensei, porra, essa coisa que é super pessoal, super solitária, super dolorida e mesmo que eu diga que não, envolve toda uma culpa, na verdade têm muitas mulheres

aqui que já devem ter passado por isso, ou vão passar, inclusive essa que tá falando, e o que eu acho louco disso tudo é que era pra eu ficar triste, acho, né? Mas me deu uma alegria, uma coisa boa assim, eu comecei que nem louca a bater palma, gritar, e tal. Eu fiquei tão feliz dessa coisa que ela falou, do jeito, sei lá, que ela disse que eu não estava sozinha. Não falou pra mim, né? [risos], mas foi como deu pra entender na hora. E aquilo me preencheu, sei lá, olhar para o lado e ver manas que passaram por isso também, talvez, que eu não estava sozinha, e fiquei feliz. Muito louco, né? Em vez de ficar triste [risos]. (CARLA)

Novamente a alegria revela dessa interação a compreensão de compartilhamento de uma experiência comum (nesse caso, a do aborto). Com esse mesmo sentido está a situação vivenciada pela pesquisadora com o manifestante Alexandre.

Durante o acompanhamento do manifestante Alexandre na manifestação “Lula na Cadeia” em 2018, foram percebidos momentos de alegria, os quais estavam relacionados às falas que lembravam a força do povo, que conseguiu tirar a Dilma (referente ao *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff) e agora iria prender Lula (ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva); que cada uma das pessoas presente fazia parte de um coletivo maior com muita força, destemido, que com certeza sairia vitorioso. Alexandre gritava, pulava, ria, sacudia sua bandeira do Brasil, e por vezes comentava, “eu fico muito contente de fazer parte disso aqui, dessa parte da população que vai mudar o Brasil” (ALEXANDRE). Também perguntava para pesquisadora em momentos de euforia “tu não fica feliz ouvindo isso? Não tem vontade de se sentir parte de algo desse tamanho, dessa magnitude, dessa força?” (ALEXANDRE).

Oposto à alegria, está a raiva, também uma emoção reflexa. A raiva está relacionada tanto com o engajamento positivo quanto com o engajamento negativo. Positivo quando o conteúdo da fala provoca a raiva em relação ao outro, ou seja, ao adversário, oponente, alvo do conflito político, fazendo com que ocorra, portanto, aderência à performance. Negativo quando a raiva está associada à própria ação performatizada, ou seja, quando ocorre a interação o manifestante fica com raiva do conteúdo que está sendo proferido, da própria pessoa que o profere e, inclusive, sobre a extensão da fala, fazendo com que ocorra rejeição à performance.

Sobre o engajamento positivo, a raiva revela da interação entre o manifestante e a performance que aquilo que está sendo dito sobre algum assunto específico é tão nocivo, que quem pratica tal ato descrito é objeto dessa emoção reflexa. Luísa relata uma experiência na qual diz ter sentido muita raiva:

Eu estava lá na Esquina Democrática conversando com o pessoal e ouvindo as falas, foi quando subiu uma menina do DCE e começou a falar uma situação que poderia acontecer que me deixou puta. Ela falou que muito provável com os cortes do governo federal, do valor passado para as universidades, várias bolsas iriam ser cortadas e muito possível a gente ia perder o RU. Nossa, aquilo me deixou [...] nem sei, fiquei muito raivosa [risos]. [...] Porque até então estavam falando algumas coisas do tipo, ah, se o recurso não chegar vai prejudicar as pesquisas, e alguns serviços, alguns terceirizados vão ser demitidos. Óbvio que isso é horrível, né? Mas, sei lá, parece que é algo distante, não sei explicar, aí eu estava ali botando o papo em dia com minhas amigas. Mas, quando ela falou [...] isso que ela falou, foi louco porque na hora eu fiquei com muita raiva pensando que eu ia perder minha bolsa e ainda por cima ficar sem almoço e janta. Por causa daquele merda, esse presidente terrível que os trouxas elegeram. Nossa, fiquei muito de cara com ele, com esse governo, não sei nem como dizer o tanto de brabeza que fiquei naquela hora [risos]. (LUIZA)

Uma questão é importante nesse relato, que também é observada em outras entrevistas: o envolvimento maior (engajamento) acontece quando aquilo que é dito pela representante no carro de som afeta diretamente a vida da manifestante entrevistada, ou seja, o que é próximo dela, no caso a bolsa, o restaurante universitário. A raiva nesse caso revela da interação, portanto, que o conteúdo da fala é sensível à manifestante Luísa, a questão do corte de bolsas e das refeições no restaurante universitário, e, ainda, que o responsável para tal situação ocorrer (nesse caso ela coloca a culpa no presidente Jair Bolsonaro), é foco de tais descontentamentos.

Carolina também relatou durante a entrevista situação similar, no seu caso, dizia respeito ao atraso nos pagamentos dos salários pelo governo gaúcho. Segundo Carolina, cada vez que algum representante pegava o microfone para falar, a raiva ia aumentando:

Nossa, acho que era junho de 2019 essa manifestação. Eu estava muito ligada no que o pessoal estava falando no carro de som. Eu estava inconformada com o atraso dos salários. Como eu ia pagar minhas contas, sabe? A vontade que eu tinha era sair chutando tudo lá. Desculpa esse meu jeito de falar, mas, nossa, quando eu lembro, fico louca. [...] Ainda que eu estivesse prestando atenção nas falas e ficando cada vez mais brava, teve uma em especial que eu lembro como se fosse hoje, o depoimento de uma *profe* que tem três filhos, que havia perdido o marido fazia dois meses e não sabia o que ia fazer se não recebesse. Nossa, fiquei com muita raiva desse governo, que mantém essa prática de atrasar os salários, parcelar, como o governo do Sartori. Mas voltando na *profe*, me identifiquei muito com ela por causa das crianças, eu também tenho um filho, não perdi o marido, mas sou mãe solteira, o pai não tá nem aí, pra variar, né? [...] Bom, fiquei com muita raiva desses governantes filhos da puta que não entendem nossa situação, não tem um pingão de consideração, e ficam falando em crise e tirando dos que mais precisam, enquanto quem tem fortunas tá aí, só recebendo ainda mais [...] desculpa o desabafo. (CAROLINA)



Nesse caso Carolina diz sentir-se com mais raiva quando se identificou com a situação da manifestante que falou ao carro de som. O governo do estado é o alvo de seu desgosto.

Quando a pesquisadora acompanhou João na manifestação dos municipais em agosto de 2019, percebeu que o manifestante ficava com raiva (inclusive afirmava com suas próprias palavras) quando as falas dos sindicalistas apontavam para as perdas no plano de carreira dos servidores. João contou que sua esposa é funcionária do município e estava chegando no tempo de serviço que lhe concedia um acréscimo de 25% na remuneração, mais 5% do triênio. Segundo o entrevistado eles já vinham contando com esses acréscimos para seus projetos. Ela não estava na manifestação por conta do compromisso com um desses projetos, uma ONG que eles mantêm que atende animais abandonados: “eu fico com muita raiva, porque isso mexe com a nossa vida diretamente, sabe? Como a gente vai dar conta de tudo se passar essa desgraça? O *prefake* esquece que tem eleições ano que vem, espero que os vereadores tenham um pouco de empatia” (JOÃO). O manifestante expressou tal descontentamento quando um representante do SIMPA estava falando ao carro de som justamente sobre esses adicionais. Outras falas, no entanto, não surtiram o mesmo efeito. João estava com os cachorros e ficava falando sobre eles e mostrando os animais. Novamente a raiva revela da interação com a performance que o conteúdo do que está sendo dito é nocivo ao manifestante, e a culpa dessa situação novamente é colocada em representantes do poder político municipal, especificamente no prefeito.

Ao analisar os portadores de significados (nesses casos, principalmente os figurativos), percebe-se nas interações com as performances que são construídas noções de vilão e atribuição de culpa, principalmente. Vilões,

[...] chamam a nossa atenção justamente porque as emoções negativas nos atraem de modo mais imediato e urgente do que as positivas. Na maior parte do tempo, levamos nossas vidas por meio de rotinas confortáveis que exigem pouca atenção, e é sobretudo quando eventos drásticos ou aterrorizantes quebram essas rotinas que prestamos atenção à política. Ameaças potenciais devem ser enfrentadas, motivo pelo qual amedrontam e nos provocam uma descarga de adrenalina e cortisol. Chamo isso de poder do pensamento negativo, embora envolva basicamente os sentimentos que orientam nossa atenção e ação. A demonização de vilões, a atribuição de culpa, a indignação pelas vítimas: tudo isso aumenta nosso senso de ameaça e urgência. (JASPER, 2016, p. 131)

Assim, nos casos descritos até agora, a raiva está associada ao engajamento positivo, pois o envolvimento com a performance atrai o manifestante e elucida as ameaças em questão. Apesar de essa ser a recorrência nas entrevistas no que diz respeito a raiva — ou seja, a raiva revela da interação entre manifestante e performance que o conteúdo da fala é nocivo a tal manifestante e, ainda, tem como objeto de culpa, geralmente, o poder executivo —, outras três situações também são identificadas nas narrativas. No entanto dizem respeito ao engajamento negativo.

Quando estamos nos referindo ao engajamento negativo, a raiva revela da interação sobretudo três questões fundamentais, (1) o desacordo com o conteúdo da fala, (2) um desgosto da pessoa que profere e (3) a contrariedade a sua extensão (falas muito longas). No que diz respeito à primeira, Marta conta a seguinte situação:

Eu fui ao ato comemorativo à soltura do Lula esses tempos [...] minha identidade não vai ser revelada, né? Tem um pessoal que não vai gostar disso [risos]. Mas, tudo bem, foi orientação da corrente e tudo mais. Voltando à questão que quero te contar, a gente tava lá assistindo as falas e o presidente, se não me engano, não me lembro direito quem foi o representante do partido, porque só de me lembrar já fico com raiva e já fico cega e esqueço essas coisas [risos] [...] bom, foi falar pelo partido, e começou a dar o maior apoio ao PT, e meio que dar a entender que a gente ia compor com a Manuela e eles na prefeitura e tudo mais. Nossa, fiquei com muita raiva na hora, porque aquilo não me representava, sabe? Não era unidade. Daquilo que ele tava falando eu não faço parte. Por mais que eu tentasse entender pelo contexto do ato e tudo mais, não deu, nossa, cheguei a ficar vermelha, minhas amigas me disseram. Foi horrível, eu queria voar em cima dele [risos]. (MARTA)

Nesse mesmo sentido, quando acompanhei Marta na manifestação do Dia Internacional da Mulher em 2019 (8M), ela comentou durante a fala da representante da secretaria de mulheres do PT que ficava “muito de cara”, nas suas palavras, quando ela falava de “estarmos todas juntas nessa luta”, e esse tipo de referência, porque, segundo Marta, ela não conseguia se sentir pertencendo à mesma coletividade que aquela mulher representava. Marta citou uma série de situações de conflitos entre correntes partidárias do PT e PSOL, que qualquer menção ao “nós”, já lhe deixava irritada, com raiva, dessa suposta unidade, uma unidade imaginária, contra o machismo, contra a opressão, que na prática o que importaria ao PT era estar no centro do poder e ditar as regras do jogo, segundo ela.

Lucas relembra que foi pela escola que se aproximou da Federação Anarquista Gaúcha, e com o grupo foi nas manifestações em 2013, sua primeira participação em protestos. Sobre tais manifestações comentou que

[...] era muito louco porque era minha primeira vez, e primeira vez a gente nunca esquece [risos]. Era tanta coisa à flor da pele, sabe? Uma coisinha de nada me deixava feliz, triste, com raiva. Eu mudava a todo momento. Mas tem uma coisa que me tirava do sério [...] eu era novo, raivoso, seis anos depois, posso dizer que sou mais maduro e talvez levasse de forma diferente algumas situações. Só que nesse caso minha opinião não mudou muito e ainda sinto raiva de algumas coisas semelhantes. Tipo, eu ficava muito puto com a fala de alguns representantes de partidos. Parece que o caminho da institucionalidade é a salvação, e olha como a gente tava? Bom, olha como a gente tá hoje, se não é reflexo dessas instituições podres. Eu lembro quando um amigo meu me disse que meio que expulsaram o PT do Bloco de Lutas, bá! Na hora eu pensei, até que enfim alguma coisa certa, esses loucos ficam querendo aparelhar e cooptar, sabe? Claro que hoje eu penso um pouco diferente sobre isso [...] mas eu quero falar do que me deixava puto, com raiva [...] e é isso, quando eles falavam no carro de som, faziam o que chamam de agitação, tinha muita coisa dos partidos tentando colocar a sua visão, era só ver as guerras nas assembleias. Nas assembleias tudo bem, mas quando falavam no carro de som pra todo povo do protesto, ah eu ficava muito louco, tipo, eu não faço parte disso aí, não é por isso que eu tô aqui. (LUCAS)

Acompanhando Lucas na manifestação contra os cortes da educação em 2019, situação semelhante aconteceu durante a fala de um representante do DCE da UFRGS. Lucas ficou visivelmente incomodado com algumas questões que conferiam centralidade à gestão do governo Bolsonaro. Lucas disse:

[...] olha, fico até agitado, tenho que dar uma volta, porque fico com raiva. É óbvio que o Bolsonaro é podre, junto com toda sua gestão, mas o problema não é só esse governo, não é só mudar que melhora. Aí eu penso isso e me sinto deslocado, entende? Porque eu não faço parte disso aí, não tenho como aplaudir. (LUCAS)

Esses dois casos descritos exemplificam situações nas quais a raiva revela da interação questões relacionadas a construção do “nós” e “eles”, os manifestantes entrevistados por vezes não se sentem-se parte desse “nós”. De certa forma, a fala dos representantes quebra uma expectativa e isso produz um desconforto, que nesses casos se associam a emoções reflexas, como a raiva.

A raiva também revela da interação entre manifestante e performance, no caso do engajamento negativo, questões relacionadas à afinidade com quem está proferindo a fala. Laura relembra a manifestação da Greve Geral de 2017,

[...] a Luciana Genro subiu no carrinho pra falar e me deu um negócio. Nem ouvia direito o que ela tava falando, eu estava com muita raiva dela naquele momento. Qualquer coisa que ela dissesse, por mais importante que fosse, pra mim não interessava, comecei a vaiar, azar. Sempre que vejo ela, lembro da tal das “mãos limpas”, como se referia a toda função do golpe, lembra? Peguei nojo da mulher [risos]. O melhor é que uma massa de gente veio vaiando comigo. Todo mundo com muita raiva dela. Só parei de vaiar quando ela saiu. (LAURA)

Praticamente todas as pessoas entrevistadas mencionaram alguém que não gostavam de ouvir falar nos protestos. No entanto, geralmente, não prestavam atenção, apresentando o menor tipo de envolvimento: a indiferença. As situações de engajamento emocional (envolvimento máximo) nos casos analisados ocorreram, principalmente, quando o representante que falava no carro de som estava associado a algum tipo de “caso grave” para as pessoas envolvidas na interação. Como é para Laura, a Luciana Genro:

[...] eu gostava dela, do partido dela, achava que eles representavam algo pra frente, assim, que o meu partido, PDT, o próprio PT, parece que já não tem mais tanto fôlego. Então sempre esperava posições mais desafiadoras, mais justas, por assim dizer, porque depois de muito tempo na política, a justiça fica relativa, e o PSOL ainda me parecia não estar emaranhado nessas questões do poder. Aí ela vem e me dá aquele depoimento sobre o golpe. Inacreditável. Muito grave pra mim essa posição dela, parece que desacredita todo ideal de justiça que me é muito caro, me deu um choque, não esperava. Depois daquilo nada que ela fala me apaga aquela sensação de decepção, aí vejo ela falando e penso “cala a boca, olha o que tu fez lá atrás”, fico raivosa [risos]. (LAURA)

Outra situação que demonstra tais questões é a experiência vivida pela pesquisadora com Luísa, durante a manifestação contra os cortes na educação: quando um menino representante de um grêmio estudantil de uma escola de Porto Alegre começou a falar no carro de som, Luísa falou “não acredito”. Segundo ela, o menino era conhecido como assediador, ela contou que ele era desrespeitoso com as meninas do movimento estudantil e da sua escola, que, nas suas palavras, “não posso ver ele na rua que já me sobe uma raiva, muito menos falando aí, pra todo mundo, todas essas falas bonitas, sobre direito à educação, importância da ciência, e tudo mais” (LUÍSA). Ela ficou visivelmente irritada e gritando junto com as suas amigas “sai daí, hipócrita, olha como tu é, não representa ninguém” (LUÍSA).

Novamente, essa situação demonstra um “caso grave” para a manifestante que estava em interação com a performance. A raiva, portanto, revela de tal interação, um desgosto com a pessoa que profere a fala, e tende a estar relacionada a situações

nas quais essa pessoa é principal agente, que de alguma forma afeta negativamente o manifestante envolvido com a performance, fazendo com que a rejeite.

Por fim, uma última recorrência sobre o engajamento negativo expresso pela raiva diz respeito à extensão das falas. No geral, os manifestantes entrevistados reconhecem a importância das falas, mas a maioria deles em algum momento reclamou da sua extensão.

Nas entrevistas os manifestantes abordaram de forma genérica, ou seja, colocaram sua insatisfação com as falas extensas, no entanto, em sua maioria, sem mencionarem em sua narrativa, situações específicas. Como ocorre na fala de Maria, “Não gosto de falas intermináveis. Embora eu ache que tem que ter carro de som, as falas, pra todo mundo saber quais são as alas. Mas não gosto que sejam intermináveis, fico irritada” e Joana:

Acho uma chatice atos que ficam parados. Acho que tem que ter falas políticas [...] pela informação. [...] Mas, por exemplo, um ato que tem uma lista de 30 pessoas para falar, acho extremamente cansativo, eu fico irritada, ou não presto atenção, acho que desmobiliza. Um ato com caminhada faz com que tu se movimente, cantar palavra de ordem, extravasar, um sentimento de revolta. [...] Acho que os atos são parecidos com jogos de futebol. Tu vai no futebol e tu quer gritar e cantar um pouco porque tu não pode fazer em outro momento. No ato mais ainda, tu quer denunciar [...] se tu fica lá só parada ouvindo, eu não gosto [...] só acho que desmobiliza. Marcha e caminhada são bem melhores. Essas que tem a expectativa, que tem bateria. Até acampamentos, que tem outros tipos de coisas. Que nem eu disse que não gosto de ficar parada, acho chato. Ato que tem muita gente falando não me agrada. (JOANA)

Geralmente nessas situações os entrevistados relatam que não prestam muita atenção e buscam outras coisas para fazer. Portanto, não se envolvem de forma significativa com a performance, ficando nos níveis de envolvimento entre observação e indiferença. No entanto, ao acompanhar os manifestantes em protestos, algumas situações chamam atenção para esse caso específico sobre o engajamento emocional negativo relacionado à raiva. A pesquisadora, junto com Joana na manifestação contra a reforma da presidência em junho de 2019, ouvia atentamente as falas no carro de som, na Esquina Democrática. Depois de muitos representantes falarem, percebeu-se o incômodo de Joana. Logo, ela avisa: “nossa, não aguento mais, assim vai todo mundo embora, se não sair essa merda logo, que raiva, eles não entendem que isso desmobiliza? Me sobe um sangue quando isso acontece”.

Situação similar ocorreu com Lucas na manifestação contra os cortes na educação. Enquanto ocorriam as falas dos representantes, ele disse: “nossa, pra que falar tanto? Eu fico irritado com isso, sabe por quê? Porque ficar falando essas coisas aí pro povo não muda nada, a mudança vem pela ação. Aí isso me incomoda muito”. Outras situações similares aconteceram quando a pesquisadora acompanhou os manifestantes nos protestos. Foi identificado, nesses casos, que a raiva revela da interação entre manifestante e performance que os manifestantes compreendem a ação performatizada como desmobilizadora, em razão da extensão das falas.

Até esse ponto estávamos analisando os casos relacionados ao engajamento emocional (positivo e negativo) associado a emoções reflexas (alegria e raiva), agora seguiremos com a análise dos casos de engajamento que estão associados aos chamados estados de espírito, especificamente ao desgaste e à tristeza. Os estados de espírito duram mais que as emoções reflexas (que são respostas rápidas a objetos específicos), eles são semelhantes ao que chamamos de humor. Jasper (2016) dá o exemplo de uma assembleia empolgada que deixa as pessoas com ânimo elevado, contribuindo para que se esforcem em função da causa, segundo o autor, o impacto principal dos estados de espírito é que “eles afetam nosso nível de energia e, portanto, de atividade” (JASPER, 2016, p. 90).

Os casos de estado de espírito são muito semelhantes aos das emoções reflexas, nas experiências analisadas por essa pesquisa, quando relacionados a ações performadas pela fala de representantes de coletividades. A tristeza e o desgaste revelam da interação entre manifestante e performance uma compreensão muito próxima àquela associada à raiva.

No caso de engajamento emocional positivo, percebe-se que a tristeza se refere ao conteúdo da fala. Determinadas questões narradas pelos representantes das organizações no carro de som de um protesto criam uma atmosfera triste entre os manifestantes, os quais conferem a culpa de tais situações aos “alvos” da manifestação, em geral, o poder executivo. Analisando os portadores de significado, novamente são criados personagens,

[...] os personagens básicos, refletindo suas origens literárias, são os heróis, vilões e vítimas, que desempenham nossos dramas morais de certo e errado. É difícil construir a culpa de um problema social sem vítimas e vilões [...]. A caracterização de personagens [...] é fundamental para o arsenal retórico dos manifestantes, em parte porque os personagens nos dizem que emoções devemos sentir sobre quem [...] também esperamos de cada personagem uma ação adequada [...] os personagens sugerem um papel para o público: deixe de ser uma vítima e comece a agir como um herói. (JASPER, 2016, p. 77)

Osmar conta que certa vez, durante um Fórum Social Mundial, houve um ato em que estava o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva,

[...] ele começou a falar e contar a realidade de uma família que havia conhecido, uma família em extrema pobreza, e, pelo que eu lembro, ele contava várias situações nas quais essa família se ferrava. Cada situação que ele trazia parecia uma facada na gente, ele contava de um jeito que parecia que nos colocava junto, sabe? No fim ele demonstrava aquela família como vítima de um sistema cruel e que, claro, precisávamos mudar isso. Era uma galera chorando, muito triste, e claro, a gente que é pobre também se identifica com algumas situações, né? Na época eu era novo, minha mãe batalhava pra conseguir nos dar o que comer. Faz tempo isso, na época não existia PSOL, eu simpatizava com o PT [risos]. Mas era louco, porque ele fazia com que a gente ficasse muito triste com aquilo e essa tristeza, nos dava vontade de tentar mudar essa situação, não sei se tu me entende. (OSMAR)

Sobre a vítima devemos sentir tristeza, pena, entre outros; no entanto, pelo vilão devemos sentir raiva. Nesse sentido o processo de engajamento que está associado à tristeza é semelhante ao que está associado com a raiva. Mudam-se os personagens, no entanto, segue a construção de narrativas que os manifestantes se identificam com seu conteúdo e identificam um culpado. O engajamento é positivo porque essa tristeza aproxima e potencializa a ação, ou seja, produz aderência à performance.

Marta diz que a manifestação da Marielle em 2018, logo que ela faleceu, foi muito forte, praticamente todas as falas a tocavam de forma muito intensa, segundo a manifestante foi muito triste, tinha dificuldade de parar de chorar, “cada um que começava a falar eram mais lágrimas”. Ela segue contando que tal fato aconteceu “porque é uma causa que eu milito a muito tempo. Era uma companheira de partido, poderia ser uma amiga muito próxima. Atingiu a mim também. É bem impactante”.

Osmar e Marta chamaram atenção às características do tipo de emoções chamadas de estado de espírito, uma duração mais longa comparando com as do tipo reflexa, e criam uma certa “atmosfera”, afetando o nível de energia dos manifestantes:

[...] a tristeza que cada fala reforçava lá no caminhãozinho amarelo parece que ficava pairada no ar, era uma coisa muito sofrida. E aquilo nos acompanhou ainda depois que a manifestação acabou. Eu lembro que a gente foi para um bar depois, e nossa, muito triste, que clima. (MARTA)

[...] o louco é que dava pra perceber ainda depois que o Lula acabou de falar que ficou aquele clima fúnebre, sabe? Tipo, a tristeza continuou pairando ali. Eu ficava pensando na minha mãe, sei lá. Mas parece que era uma tristeza positiva, não sei explicar [risos]. Tu vai me achar louco [risos]. Eu digo isso porque nos dava vontade de mudar aquilo ali. Eu lembro dessa situação mesmo fazendo bastante tempo, porque foi um dos motivos que me fez querer entrar no PT. Claro que depois do racha fui pro PSOL. Mas ali foi um momento importante pra minha trajetória política. (OSMAR)

Alexandre explicando o porquê é a favor do porte de arma, contou que quando estava na manifestação “armas pela vida”, ele ouviu um representante de algum grupo que não se recordava qual falar sobre a morte de um familiar e como a pessoa havia se sentido impotente frente ao assassinato. Alexandre conta que não costuma chorar, mas daquela vez disse não ter conseguido segurar as lágrimas:

[...] nossa, não sei o que aconteceu comigo, mas ouvi aquele relato, daquele senhor e escorreram lágrimas, fiquei muito triste. Tenho certeza que se tu tivesse lá também ficaria. Todo mundo ficou e por bastante tempo. Mas pra mim tem um motivo particular, aquilo me foi muito sensível porque perdi meu melhor amigo vítima de latrocínio. Claro que eu não poderia fazer nada, eu não tava junto como no caso do cara que tava falando, mas eu não deixo de pensar, imagina se ele tivesse uma arma, poderia ter se defendido, mesmo se morresse não ia ser de graça. O bandido matou meu amigo de graça, ele não fez nada, não ofereceu resistência. Tu me entende? Por isso tenho dificuldade com essas pessoas defensoras dos direitos humanos [...] olha, o bandido matou meu amigo, isso é justo? Ele também merecia uma bala na cabeça, mas a nossa legislação diz que a gente não pode matar bandido, por favor. Desculpa a agressividade. Mas eu só queria contar que existem várias pessoas que passaram por coisas assim como eu, e o mínimo é a gente ter o direito de se defender, cair lutando. (ALEXANDRE)

Nos casos analisados por essa pesquisa, a tristeza revela da interação entre manifestantes e performance que o conteúdo das falas é sensível aos manifestantes e, ainda que não diretamente, é construída uma narrativa que caracteriza uma situação na qual envolve um personagem vítima e indica um culpado. Assim, tende-se a criar um “clima” (nas palavras dos entrevistados) de tristeza no protesto que, em vez de afastar o manifestante, o aproxima da sua proposta, convertendo tal tristeza em energia para ação, provocando aderência à performance.

No que diz respeito ao desgaste, tal estado de espírito refere-se ao engajamento emocional negativo. Quando as falas duram por muito tempo, tendem a associar-se a emoções do tipo estado de espírito, como a produção de um desgaste



nos manifestantes, reduzindo sua energia para ação, produzindo rejeição pelo manifestante à performance.

Eventos também podem dar errado [...] ser percebidos como rotineiros e enfadonhos. Se não conseguem prender a atenção, pequenos grupos começam a conversar entre si em vez de ouvir os oradores. Pessoas vão embora, reduzindo a energia das que permanecem. (JASPER, 2016, p. 138)

Similar à raiva (emoção do tipo reflexa), o desgaste revela da interação questões relacionadas à desmobilização. No entanto, se por um lado a raiva demonstra o descontentamento com a extensão das falas: por acreditar em um efeito na manifestação de possível desmobilização dos participantes, por outro lado, o desgaste está no centro desse efeito, o desgaste é o que de fato pode levar as pessoas a irem embora:

[...] é que, tipo assim, eu fico com raiva dessas falas intermináveis porque isso faz com que as pessoas vão embora [...] é óbvio, ninguém aguenta muito tempo parado, cansa. Dá pra ver, tu olha pro lado e tá todo mundo cansado, é desgastante [...] fica um clima muito pra baixo e as pessoas começam a ir embora. (MARCOS)

Acompanhando João na manifestação dos municipais e Laura na manifestação contra a reforma trabalhista, percebeu-se nos dois casos o desgaste na interação dos manifestantes com a performance. No primeiro caso, João, após estar atento às primeiras seis falas, pelo menos, passou a se afastar e conversar sobre os cachorros, reclamando de que estava cansado, até que certa hora disse à pesquisadora: “vou embora, não consigo ficar tanto tempo ouvindo, os cachorros também já cansaram” (JOÃO). Notadamente, grande parte do público que se encontrava no paço municipal já parecia disperso, não dando a devida atenção às falas no carro de som. No segundo caso, Laura comentou: “não tenho mais idade pra isso, muito tempo parada em pé aqui, não dá, muito cansativo, desgastante. Acho que nem os jovens conseguem mais [risos]”.

Foram identificados ainda outros dois tipos de emoção associados à performance, o primeiro é classificado como lealdades ou compromissos afetivos (nos casos analisados especificamente respeito, confiança e gosto). Segundo Jasper (2016), tal categoria tem como característica sentimentos relativamente estáveis sobre pessoas ou objetos, “temos lealdades afetivas a indivíduos, grupos, lugares e ideias” (p. 90). O segundo são as emoções do tipo morais (nos casos analisados

especificamente indignação, orgulho e compaixão) que são caracterizadas por sentimentos de desaprovação ou aprovação com base em intuições ou princípios morais. Segundo Jasper:

[...] os compromissos afetivos e morais proporcionam algo como nossos objetos básicos na vida: a quem desejamos ajudar, em quem confiamos, o que nos orgulha ou envergonha? Desenvolvemos os dois tipos bem cedo na vida e tendemos a nos ater a eles. Embora as lealdades afetivas possam mudar muitas vezes subitamente, como quando nos sentimos traídos. (2016, p. 90)

Nos casos analisados, os dois tipos de emoção estão associados ao engajamento positivo. Lealdades ou compromissos afetivos estão relacionadas à pessoa que profere a fala, enquanto as morais estão relacionadas ao conteúdo da fala. No caso das lealdades ou compromissos afetivos, o respeito, a confiança e até mesmo apenas gostar de quem está falando, faz com que o manifestante fique atento à performance. Já as emoções morais, especificamente a indignação, o orgulho e a compaixão, demonstram que, independentemente da pessoa, a qual que está sendo dito é importante e diz respeito aos valores daqueles que estão na interação.

Segundo Jasper, “uma narrativa nos envolve quando gostamos da pessoa que conta, confiamos nela, ou pelo menos simpatizamos com ela” (2016, p. 123). Assim, o respeito, a confiança e o gosto seguem o mesmo padrão no que diz respeito ao que revelam da interação entre manifestantes e performance: na identificação do representante que fala ao carro de som, os manifestantes são motivados por tais emoções a focarem-se na performance e, principalmente, ficarem atentos à sua fala.

Carla conta que viu em um ato contra o governo do ex-presidente Michel Temer, em março de 2016, a ex-presidenta Dilma Rousseff falar,

[...] nossa, quando ela subiu pra falar foi muito bom, porque a gente sente uma confiança, sabe? Não sei explicar muito bem, mas eu respeito muito aquela mulher, por tudo o que ela já viveu. Parece que ela chegou e todo mundo ficou em silêncio para ouvir o que ela tinha a falar. (CARLA)

Durante a manifestação em apoio à operação Lava Jato em 2017, Alexandre conta que “não via a hora para ouvir o van Hattem, ele é um menino muito articulado, inteligente” (ALEXANDRE). O entrevistado estava se referindo ao atual deputado federal do partido Novo Marcel van Hattem, na época deputado estadual pelo Partido Progressista (RS).

Segundo Alexandre,

[...] tudo que ele fala dá para confiar. Ele é um cara íntegro, eu respeito muito ele. Na real nem interessa o assunto que ele ia falar, mas só de ele estar ali já incentiva todo mundo, a gente percebe que está fazendo a coisa certa, o correto, entende? (ALEXANDRE)

Várias foram as referências nas entrevistas a pessoas que os entrevistados diziam sentirem-se confiantes, ter respeito e, no geral, gostarem. Assim como quando acompanhados em algum protesto, em algum momento diziam que gostavam da pessoa que estava falando e, assim, paravam para ouvi-la. Isso aconteceu em todos os protestos que a pesquisadora acompanhou os manifestantes entrevistados. No entanto, vale destacar o que diz respeito ao que os entrevistados conferem como importância da performance caracterizada pela fala dos representantes, que, de certa forma, está relacionada à tipologia de emoção “lealdade e compromissos afetivos”.

No geral, os entrevistados dizem que as falas dos representantes nos protestos são importantes devido à informação, ou seja, as falas são necessárias para que os manifestantes e a população em geral esteja informada quanto ao objeto de reivindicação de tal protesto. Nesse sentido é importante que quem fale seja alguém que promova confiança, respeito e que, em geral, as pessoas gostem, para que assim a informação seja entendida como legítima.

Por exemplo, Joana e Gabriela afirmam a importância da informação:

Acho que tem que ter falas políticas [...] assim como eu te falei, eu me considero informada sobre o que tá ocorrendo, sei quem são os personagens. Nem todo mundo que vai no ato sabe, ou entende completamente. Talvez compreenda que é uma manifestação pela educação, mas exatamente o quê? O que tá acontecendo? Acho importante ter as falas que vão dando uma dimensão, que colocam os atores e as opiniões. (JOANA)

[...] as pessoas têm que saber o que vai acontecer. Aí a gente pode acabar apoiando alguma coisa que a gente não concorda como aconteceu comigo. As outras pessoas têm que saber também o que vai acontecer, porque senão fica muito suscetível a *fake news*. A informação as vezes não fica muito clara [...] e aí as pessoas acabam minimizando o que está acontecendo. (GABRIELA)

Osmar e Marcos chamam atenção que as informações passadas nas falas dos representantes nos protestos são entendidas como confiáveis dependendo de quem as proferem:

Eu acho muito massa, por exemplo, quando tá o Nei Lisboa nos protestos. Ele fala qualquer coisa ali no carro de som e vai cantar. Aí parece que dá mais legitimidade a causa, pelo menos eu acho. Teve uma manifestação também que eu fui que uma atriz bem famosa falou no carro de som, não me lembro direito quem era, acho que era aquela que canta, enfim, ela foi lá e falou no carro de som. Quando tem esse pessoal conhecido, renomado, parece que a informação é mais válida, sabe? Não sei explicar. (OSMAR)

Não é qualquer um que eu vou ouvir falar. Eu sei que todo mundo tem uma trajetória ali e tudo mais. Mas o que eu quero dizer é que tem gente que eu confio e tem gente que sei lá, não vou perder meu tempo. É importante ouvir porque nesses momentos, ali, no carro de som, tem muita informação, várias coisas que a gente não sabe, fica sabendo na hora e tudo mais. Mas também eu não acredito em tudo, mesmo sendo no protesto e tal, eu só confio quando é alguém que eu ache massa, que tenha algum destaque e tal. Por exemplo, às vezes tem uns caras nada a ver falando da causa LGBT, porra, chama um gay renomado, reconhecido, né? (MARCOS)

Por outro lado, quando falamos sobre as emoções classificadas como morais, especialmente nos casos estudados: orgulho, indignação e compaixão, essas estão associadas ao conteúdo da fala e não necessariamente à pessoa que o profere. No que diz respeito à compaixão, percebe-se novamente a construção de narrativas que caracterizam personagens e/ou situações com ênfase na vítima. Similar aos casos relacionados à tristeza, à compaixão, por outro lado, está associada a compromissos morais, ou seja, a compreensão de tal situação que a vítima está passando em confluência com o desejo de agir para que se resolva.

Quando os entrevistados falavam em compaixão geralmente usavam como sinônimo empatia. Laura conta

[...] uma manifestação nos anos 1990, nem me recordo sobre o que era, mas uma fala me marcou, um desempregado pegou o microfone e começou a contar sua história de vida, que era muito triste. Conforme ele ia falando a gente ia se colocando no lugar dele. Eu estava começando a namorar meu marido, nós fomos juntos, depois desse protesto eu nunca mais o vi chorar em lugares públicos, tipo uma manifestação, assim. Mas naquele dia sim. Não se falava em empatia na época, acho que a palavra que ele usou foi compaixão, ou se compadecer, algo assim. Eu lembro que ele me disse, “Laura, não tem como não se compadecer com a situação desse homem, da família dele”. Eu lembro bem de entender o que ele queria dizer. Aquilo estava errado, nenhuma família poderia passar por aquilo. A gente se colocava no lugar, pensava como seria com a gente e logo sentia um desejo de acabar com tudo aquilo, porque estava errado, simplesmente assim. (LAURA)

Nesse mesmo sentido, de entender que a situação está errada, ou seja, de acordo com os padrões de moralidade do manifestante — não está certo o que está acontecendo na narrativa que o representante está proferindo e logo devemos fazer algo a respeito — João relembra durante a entrevista um protesto no qual diz ter se

sentido dessa forma. João sugere que empatia é algo presente nas conversas nos dias de hoje, que se fala muito sobre isso, só que já a bastante tempo se praticava empatia nos movimentos sociais. Porque segundo ele

[...] nos manifestamos não porque sofremos sempre tudo que estamos reivindicando, mas porque queremos um mundo melhor para todos, e o que os outros sofrem, nos atinge também, porque nos colocamos naquele lugar, e melhor, não queremos que aconteça com ninguém, isso é ter compaixão, empatia, talvez até simpatia, a gente se compadece, não sei explicar, é esse sentimento cristão [risos] [...] eu fui numa manifestação do MNLM uma vez, logo que tinham expulsado eles da ocupação lá na Mauá. Eu não tinha perdido minha casa, entendeu? Mas aquela foi uma das manifestações que mais mexeu comigo. Só ouvindo eles falarem, toda aquela situação, aquela tristeza, vítimas de um sistema perverso, eu diria, aí pronto, claro que tá muito errado aquilo, sabe? Tá errado, tem que mudar, essa política escrota que sempre atinge dessa forma os mais vulneráveis, tá muito errado, e não tem como a gente não sentir empatia. Me lembro que foi horrível. (JOÃO)

Durante o protesto 8M, acompanhando Carla, a pesquisadora e a manifestante escutavam representantes de organizações sindicais e partidos políticos; em uma dessas falas são relatadas situações de violência contra mulher. Ouvindo atentamente Carla comenta com a pesquisadora: “Nossa! É impossível ouvir isso e não se tocar, porque a gente se coloca no lugar, né? Como pode essas coisas acontecerem? É tão errado, tão grotesco, nem sei o que dizer”. Ela segue falando sobre a banalização da violência nos dias atuais:

[...] a gente olha as notícias e nem se choca mais. Mas ouvindo ela falar, como não ter empatia? Compaixão? Tu não sente que isso é muito, muito, errado e tem que mudar? Temos que nos solidarizar com essas mulheres, mesmo se não acontece com a gente. (CARLA)

A compaixão/empatia revela da interação entre manifestantes e performance que tais manifestantes consideram compreender a situação narrada e avaliam como errada, e assim deve-se fazer algo para modificá-la. Outra emoção do tipo moral, o orgulho, demonstra nos casos estudados algo diverso: se a compaixão se refere à compreensão da situação do outro como algo negativo, que está errado, logo, deve ser transformado, o orgulho refere-se a situações positivas que fazem as pessoas sentirem que estão fazendo a coisa certa.

Alexandre conta que sempre que vai em alguma manifestação e a pessoa que está falando no carro de som fala sobre o *impeachment* da ex-presidenta Dilma

Rousseff, ele diz sentir-se muito orgulhoso de ter feito parte das mobilizações que, segundo ele, fizeram com que ela “caísse” (em suas palavras). Ele recorda que

[...] quando eu estava na manifestação sobre o pacote anticorrupção do final do ano de 2016 [...] acho que era início de dezembro, não me recordo direito. Lembro de um menino representando o Vem Pra Rua falar do poder que a gente tinha, que havíamos derrubado uma presidente da república, que como conseguimos isso, poderíamos conseguir qualquer coisa. Faz tempo isso, mas tem coisas que a gente não esquece, o orgulho que eu senti, que tenho certeza que todo mundo lá sentiu, é memorável. É isso, né? Sentir parte de algo que é maior que você, saber que está do lado certo, fazendo a coisa certa, tenho muito orgulho disso. (ALEXANDRE)

Nesse mesmo sentido, Luísa diz sentir-se orgulhosa de fazer parte “de todo esse movimento contra os cortes na educação, do que estão chamando de Tsunami da educação”. Assim, ela continua

[...] às vezes quando alguém sobe pra falar me dá um aperto no peito que não sei explicar. O que eu consigo dizer é que isso faz parte do orgulho que eu sinto de todo esse acontecimento. Geralmente essas pessoas estão falando sobre a força que a gente tem, falando coisas que trazem esperança, aí tu pensa, nossa, que ótimo que eu faço parte disso. Que nem quando uma guria do DCE lembrou todas as vitórias do movimento estudantil e que essa seria mais uma. Eu fiquei me sentindo [risos], que massa que tô participando disso, que orgulho, sei lá. (LUISA)

Todos entrevistados, em certo momento, referiram-se ao orgulho. Principalmente referiram-se sobre algum ponto da fala de algum representante que se sentiam orgulhosos de “fazer parte daquele momento”. Seja durante a entrevista, seja durante o protesto no qual foram acompanhados. Marcos, por exemplo, relata durante a entrevista que o orgulho para ele é um sentimento muito presente e importante durante os protestos, mas está associado principalmente às situações que envolvem a temática LGBTQIA+. Segundo ele,

Tem uma coisa que eu queria falar que é do orgulho LGBT, porque, assim, isso é muito importante pra nós, é dizer pro mundo que temos orgulho de sermos assim e amar quem amamos. Tu deve me entender [risos]. Aí quando sobe um dos nossos no carro de som pra falar, é um duplo orgulho [risos]. Tipo, eu fico com muito orgulho de fazer parte da mobilização, muito orgulho de ter uma gay falando, muito orgulho de estar me expondo, da pessoa estar se expondo, e orgulhoso então de que tudo isso é possível, e que eu sou parte disso, me entende? (MARCOS)

Identifica-se nas situações vivenciadas junto aos entrevistados e nas suas narrativas que o orgulho revela da interação dos manifestantes com a performance

um entendimento no qual eles sentem estar fazendo a coisa certa e, ainda mais presente, a ideia de pertencer a um grupo e/ou momento histórico relevante e que pode fazer a mudança, ou já fez.

Por fim, a indignação, também classificada como tipo moral, revela da interação, principalmente, questões relacionadas à nocividade da situação narrada. No geral, os manifestantes dizem sentir-se indignados quando compreendem que o que está sendo proferido pelos representantes no carro de som é nocivo a alguém (tem uma vítima) e geralmente tem um culpado (vilão), nos casos estudados por essa pesquisa.

Segundo Marta, a principal motivação de ir em uma manifestação é a percepção de uma injustiça, que segundo ela, provoca revolta e indignação. Em uma conversa durante a manifestação em que foi acompanhada, ouvindo a fala de uma psicóloga que atende mulheres que passaram ou estão passando por situações de violência, ela diz:

[...] é tipo isso, só ouvir e já me arrepio [...] ouvindo ela falar a gente consegue ver essa injustiça toda, parece que dá um click. Bom, eu sou professora, observo situações injustas provenientes da desigualdade em muitos momentos do cotidiano, não tem como não se indignar. Mas tu ouviu isso? Como essa mulher tá trabalhando, eu não conseguiria, mexe muito com meu psicológico, tá louco, me dá uma coisa, fico muito indignada. (MARTA)

Para Lucas a indignação é tudo, é o que faz as pessoas agirem. Durante a entrevista ele diz: “lembra do movimento aquele na Espanha, os Indignados, eu era novinho, mas depois eu estudei. Esse nome tem tudo a ver sobre o que é, sobre o que faz as pessoas a fazerem ações diretas”. Por outro lado, ele avalia que não é sem nenhuma referência, sem nenhuma provocação, que as pessoas se indignam:

[...] tem que ter alguém que mostre situações injustas e como temos o poder de mudar elas. Não é do nada que as pessoas se indignam, ficam com raiva, e vão fazer alguma coisa. A maioria fica postando textão na internet. [...] acho que essa provocação é muito feita no protesto. Por exemplo, nas falas, as pessoas que falam em protestos têm quase que o dever de mostrar as injustiças e, claro, uma forma de enfrentá-las. É essa injustiça que faz a gente ficar louco [risos]. Eu lembro uma vez que eu tava em uma manifestação do movimento negro. Quando o pessoal falava no microfone contando casos de racismo, mostrando o tanto que sofriam, como o sistema é perverso, desigual, injusto, com essas pessoas, eu enlouqueci, fiquei muito indignado, queria, sei lá, explodir tudo [risos].

Enquanto a pesquisadora acompanhava os manifestantes nos protestos, várias foram as vezes que ao ouvir alguma fala eles diziam: “eu fico indignado/a com isso”. Sempre o conteúdo das falas estava expondo algum tipo de injustiça.

Foram identificadas as compreensões dos manifestantes referentes às ações performatizadas por falas de representantes de grupos/coletividades dos casos estudados. Tais compreensões são a base para identificar o(s) mecanismo(s) causais que explicam o fenômeno engajamento emocional, pois a partir do que entendem, os manifestantes agem, resultando em aderência (engajamento positivo) ou rejeição (engajamento negativo). Os tipos de emoção foram rotulados a partir das expressões dos manifestantes interpretadas pela pesquisadora. Tais tipos primeiro indicam se há engajamento (envolvimento máximo), em seguida se esse engajamento é positivo ou negativo (se conforma aderência ou rejeição à performance) a partir da análise do contexto. Por fim, as emoções revelam da interação entre manifestante e performance como tais manifestantes compreendem a performance e, então, agem sobre ela, resultando em aderência ou rejeição. Assim, segue um resumo do que foi apresentado nessa seção sistematizado no seguinte quadro:

**Quadro 9:** Compreensões dos manifestantes sobre as ações performatizadas caracterizadas por falas de representantes de coletividades

Tipologia de emoção	Exemplo de emoção	Compreensão sobre a performance	Tipo de engajamento
Reflexa	Alegria	Possibilita o compartilhamento de uma experiência comum.	Positivo
	Raiva	É nociva — ataque pessoal.	Positivo
		Pessoa sem legitimidade — não gosta da pessoa.	Negativo
		Não está de acordo.	
Desmobilização.			
Estado de espírito	Desgaste	Desmobilização.	Negativo
	Tristeza	Nocividade — ataque pessoal.	Positivo
Lealdades ou compromissos afetivos	Respeito	Legitimidade – afinidade.	Positivo
	Confiança		
	Gosto		
Morais	Compaixão	Nocividade.	Positivo
	Orgulho	É o correto – “estar do lado certo”.	
	Indignação	Nocividade.	

Fonte: autoria própria



## b) Compreensões dos manifestantes sobre a interação com ações performatizadas caracterizadas por elementos artísticos

As artes, no geral, relacionam-se ao lúdico. O lúdico como protesto, se um dia foi algo novo, hoje já está incorporado ao repertório de contestação desse período histórico. As manifestações

[...] tornaram-se espaços onde se canta e dança: canções em voga são adaptadas com letras militantes [...] grupos de percussão marcam o passo ao ritmo do samba, e a monotonia da marcha é quebrada por arranques repentinos. As manifestações converteram-se também em ocasiões lúdicas de disfarces, de paródia teatral ou de transgressão carnavalesca [...]. Toda a manifestação que se preze deve ser colorida e atraente — a menos que, por contraste, adote a estratégia do tudo-de-branco ou do tudo-em-silêncio. (CEFAI, 2005, 141)

Daniel Cefai referia-se ao contexto das cidades francesas, mas poderia facilmente estar falando dos protestos em Porto Alegre. O lúdico, ainda que há muito tempo estivesse de alguma forma presente no cenário político contestatório porto-alegrense, adquire centralidade a partir dos eventos Largo Vivo e Defesa Pública da Alegria<sup>46</sup>. Ainda assim, o *slogan* “protesto não é festa” continua presente nas mais variadas propostas de expressão pública de demandas coletivas, o que demonstra ainda uma disputa de significados sobre tais ações<sup>47</sup>.

Em sua maioria, como vimos anteriormente, os manifestantes nos casos estudados tendem a reagir positivamente a performances com características artísticas. No entanto, as entrevistas revelam que essa disputa quanto ao significado do lúdico em relação ao protesto tem implicações no tipo de engajamento emocional.

Foi identificado nos casos estudados que performances que se caracterizam pela arte tendem a estar associadas aos tipos de emoções reflexas e estado de espírito. Quando dizem respeito ao engajamento emocional positivo, principalmente alegria, assim como a construção de uma atmosfera alegre e do estímulo ao ânimo elevado. Por outro lado, quando diz respeito ao engajamento emocional negativo, principalmente raiva e desgaste.

O elemento mais recorrente de tais performances dos casos estudados foi a música. Segundo Jasper (2016)

<sup>46</sup> Ver sobre em Silva (2013)

<sup>47</sup> Um protesto na praça da Matriz, no centro da cidade de Porto Alegre, durante o ciclo de 2013, com *shows* musicais e outras apresentações artísticas é um exemplo desse conflito (SILVA, 2016).

[...] a música faz algo ainda mais poderoso: absorve o corpo inteiro de maneiras que podem elevar a pessoa a uma atmosfera de êxtase. O ato de cantar juntas [...] proporciona às pessoas um sentimento de solidariedade mútua do qual palavras e imagens, apenas, são incapazes. (JASPER, 2016, p. 69)

As performances que envolvem a música, no geral, foram associadas a essa atmosfera de êxtase dita por Jasper, assim como tal sensação revela da interação entre manifestante e performance, que o manifestante compreende que quando gostam da música, cantam juntos, traz força ao grupo. Gabriela diz que gosta de música:

Eu gosto da música, gosto dos tambores, gosto muito de cantar. Acho muito motivante naquele momento. Parece que dá uma pequena luz de esperança. Parece que tu não está sozinha. Muito melhor do que ficar em casa, no *Facebook*, fazendo um muro de lamentações, ou ficar lá reclamando e não fazer nada para que aquilo mude. (GABRIELA)

Nesse sentido, Alexandre diz que

[...] apesar de eu não gostar muito dessas músicas [...] desse estilo moderno de música, sabe? Não dá para faltar. Eu adoro a Banda Loka Liberal, claro, meu filho mais ainda [risos]. Só que eu gosto mesmo é quando toca umas mais das antigas, tipo Que País é Esse, do Legião Urbana. Aí já entrego a minha idade [risos]. A música, quando o povo conhece, faz todo mundo cantar junto, se abraçar, faz a gente ser um só, um grupo forte, juntos, contra essa podridão do nosso. (ALEXANDRE)

Acompanhando Luísa na manifestação contra os cortes da educação, passávamos por uma rua estreita do centro de Porto Alegre, que dá acesso à Praça da Matriz. Logo atrás do carro de som, caminhava uma multidão de pessoas cantando. Luísa comenta sobre a música “Pra não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré, que tocava naquele instante: “nossa! Isso dá muita força, olha que lindo. Dá uma gana, parece que não estamos sozinhas nessa, e isso nos dá esperança, não acha?”.

Dentro da música, têm destaque as “baterias”, os grupos de percussão que tocam nos protestos. Essas foram mencionadas muitas vezes pelos entrevistados. Carla conta durante a entrevista sobre uma manifestação do 8 de março que participou em 2018:

Meu Deus, foi muito bonito, muito incrível ver aquelas mulheres chegando de manhã cedinho na cidade fazendo uma batucada, marchando junto com as mulheres sem-terra. Eu lembro que elas pareciam estar chorando tocando, e aquela música, sei lá, dava uma energia de ânimo, não sei se tu me entende, porque nem eu entendo [risos]. Eu não estava junto, só estava lá observando, porque tinha um compromisso no centro e me lembrei que naquele horário iria começar o ato. Aí dei sorte de ver aquela chegada. Depois resolvi seguir a bateria. Foi lindo. Quase perdi o compromisso [risos]. Me deu uma força, parece que somos invencíveis, muito lindo. Depois passei o dia com aquela energia. (CARLA)

### Sobre essa mesma manifestação, Maria relata

Elas convidaram o Não Mexe para participar do 8 de março, foi uma das experiências mais lindas que eu já tive na vida. Foi a primeira vez que participei dessa caminhada. Nos colocamos iguais àquelas mulheres [...] e tocamos atravessando a ponte e entrando na cidade. Foi uma sensação de poder, de tá na luta junto com as mulheres no campo, chorávamos de emoção, me emociono só de lembrar, foi uma das coisas mais lindas da minha vida [lágrimas]. O poder da música, da batucada feminista, unindo o campo e a cidade, deu um ânimo, uma energia que não sei nem explicar [...] esperança, fazemos parte de algo forte. A música expressa isso. Esse momento está eternizado. (MARIA)

### Segundo Ron Eyerman e Andrew Jamison (1998) a música

[...] pode incorporar o senso de comunidade, um tipo de experiência e identidade apontando para além das paredes do *self* [...] Temos aqui afirmado que a música [...] tem sido um recurso na transformação da cultura neste nível existencial fundamental, ajudando a reconstituir as estruturas de sentimento, os códigos cognitivos e as disposições coletivas a agir [...] (EYERMAN; JAMISON, 1998, p. 176)

Esse senso de comunidade, que transcende o “eu”, foi percebido na maior parte das falas dos entrevistados. No geral, a música faz com que se sintam parte do coletivo. Assim, a construção dessa atmosfera alegre, do ânimo elevado, por parte da música, sensações que fazem parte do tipo “estado de espírito”, revelam da interação entre manifestante e performance, noções relativas ao pertencimento a uma coletividade, o manifestante compreende que a performance permite o compartilhamento de uma experiência comum.

As referências à bateria estão associadas ao tipo de emoção reflexa, especificamente a alegria, fazendo uma oposição entre o que é “chato” e o que é “legal”. Joana, por exemplo, relata

[...] eu não queria ir com os professores porque eles eram chatões, queria ir com a gurizada [...] Eu gosto de ir perto da bateria, da função. Porque tem vezes que a marcha tá meio fúnebre, só indo. Então eu gosto de ir com a gurizada, estar perto da bateria, as vezes na marcha tem três baterias ao longo. (JOANA)

Percebe-se que existe uma dificuldade de sustentar a energia, a dedicação, de fato a mobilização durante longos períodos de tempo. Assim, a “bateria” tem uma função importante de contribuir para essa sustentação. Conversando com Lucas durante a manifestação contra os cortes da educação, ele diz que “se não tem bateria a marcha não segura o povo até o fim, acho que poucos aqui aguentam muito tempo caminhando. A bateria vai renovando a energia, porque nos alegra”.

Apesar da maioria das falas sobre a música estarem associadas ao engajamento positivo, identificou-se em alguns relatos questões referentes ao engajamento negativo. Tais questões estão baseadas em duas percepções por parte dos manifestantes sobre as performances que se caracterizam pela arte e, neste caso, especificamente as que têm como centralidade a música: primeiro a ideia já mencionada de que protesto não é festa; e segundo que não são quaisquer músicas que de fato geram uma sensação de fazer parte de uma coletividade forte.

No que diz respeito à primeira percepção, ou seja, de que protesto não é festa, está associada ao tipo de emoção reflexa, especificamente a raiva. Tal tipo de emoção revela da interação entre manifestante e performance uma questão de interpretação funcional sobre o protesto. Os manifestantes não concordam com a proposta, e, como pressupõe a tipologia reflexa de emoções, o objeto do qual tem-se a raiva como reação é, portanto, a ação que performatiza o protesto — neste caso, as performances que se caracterizam pela arte, especificamente as que tem como elemento principal a música.

Nesse sentido, durante a entrevista João disse:

[...] tenho pavor daqueles protestos cheios de apresentações musicais. A gente geralmente tá lá não pra ficar ouvindo música, mas pra reivindicar nossos direitos. Uma ou outra música, naquele tempo de espera, tudo bem. Mas quando vira praticamente um concerto, aí já é demais, chega a me dar raiva, até vou embora às vezes. Manifestação não é concerto de bandas e grupos musicais, pra isso eu compro ingresso, não é pra isso que eu saio do conforto da minha casa. (JOÃO)

Osmar também segue essa mesma percepção:

[...] adoro música, mas tudo tem seu lugar. Reconheço a importância dela, anima, deixa o ambiente melhor. Mas não dá pra ser só isso, me entende? Protesto não poder ser “show” de música. Até acho que os shows podem fazer protestos, a política tem que estar em todo lugar, mas o protesto ficar só em show, não dá, não faz pressão. Tem que ter um pouco, porque é bom, como eu disse, deixa o ambiente melhor, faz as pessoas se sentirem, sei lá, fortes, mas tem que seguir depois, tem que sair da música e ir de fato para a parte que é séria, que vai chegar no governo. Tu acha que eles vão dar bola pra show de música? Eu fico com raiva quando a música se passa [...] raiva talvez seja forte, mas me incomoda de uma maneira, eu não concordo, não vejo sentido (OSMAR).

Percebe-se que o problema não é a música em si. A raiva, mencionada pelos entrevistados, revela da interação entre manifestante e performance uma falta de concordância com a proposta, ou seja, no que diz respeito a duração e centralidade da performance no protesto. A segunda percepção relacionada ao engajamento negativo diz respeito ao tipo de música. Com essa percepção a respeito das performances com tais características, Joana em entrevista disse: “outra coisa que não me agrada é alguém com violão cantando coisas dos anos 1970. Não são as músicas de engajamento que tem hoje. Estratégia sindicalista atrasada”. Com esse mesmo sentido Marcos conta durante a entrevista que adora as músicas nos protestos, mas depende da música:

[...] ninguém gosta de música parada, parece que a gente tá em um velório. A música, assim como as outras coisas da manifestação, tem que ser bem pensada, senão dá efeito contrário, eu acho. Tem muito sindicalista velho [risos], brincadeira [...] tem muita gente que acha que ainda estamos nos anos 1960, a juventude não se identifica com isso, fica de cara, falo por mim, é um saco. (MARCOS)

Foi identificado, portanto, que a raiva revela da interação entre manifestante e performance com características artísticas, em especial as que tem a música como elemento principal, uma questão de gosto. Os exemplos acima demonstram que os manifestantes por vezes não gostam do tipo de música escolhida para desenvolver a performance.

Não é apenas a música que faz parte das performances caracterizadas pela arte, destacam-se nessa pesquisa também as intervenções cênicas. Tais intervenções estão associadas ao engajamento positivo quando relacionadas às emoções reflexas (raiva) e às emoções de estado de espírito (atmosfera alegre e ânimo elevado), e ao engajamento negativo quando relacionadas também às emoções do tipo estado de espírito (desgaste) e emoções reflexas (raiva).

No geral a maior parte das menções a tais intervenções relacionam-se ao engajamento positivo. As pessoas tendem a ter um envolvimento maior com a performance de forma a aderirem quando são intervenções cênicas que produzem choques morais, ou seja, perturbam. O choque moral é uma expressão que aborda o inquietante, o perturbador, “que surge quando acontece alguma coisa que lhe mostra que o mundo não é como você pensava, que alguém é mais repulsivo, que um problema é mais grave do que você tinha imagina” (JASPER, 2016, p.125).

Os choques morais mais efetivos são aqueles que são incorporados e/ou traduzidos em símbolos potentes (JASPER; POULSEN, 1995). O choque atrai a atenção das pessoas, produzindo sobretudo indignação, e assim impelindo-as à ação. São eficazes quando surpreendem e oferecem uma conexão solidária com outras pessoas (JASPER, 2016). No caso desta pesquisa, geralmente as intervenções que “chocam” são aquelas que envolvem morte e/ou sofrimento. Luísa conta durante a entrevista uma performance que, segundo ela, a marcou:

[...] eu lembro de uma manifestação das mulheres que eu fui, um 8 de março, acho que faz dois anos, eu era bem nova e um pouco ignorante. Fui com o pessoal do terceiro ano do meu colégio. Eu vivia no meu mundinho de mangá [risos]. Bom [...] um grupo encenou o feminicídio, e ver aquelas mulheres morrendo daquele jeito que fizeram, foi [...] sei lá. Não são só números na TV, que a gente meio que já se acostumou, coisa ruim de se dizer, mas é a verdade. Ainda mais eu assim bem fora na época, com 15 ou 16 anos. Foi uma coisa tão violenta, me bateu de uma forma [...] eu fiquei meio raivosa [risos] vai ver é por isso que agora sou assim [risos]. Mas falando sério, me marcou. Foi um soco no estômago. Não sei se é pela visualidade [...] eu fiquei com raiva do mundo, dos homens, de tudo. Como pode isso acontecer, né? (LUÍSA)

Com esse mesmo sentido, Laura relata sobre uma experiência em uma manifestação de luta por moradia,

[...] tudo lá era muito triste [...] sei lá. Mas tem um momento específico que eu achei bem intenso. Um grupo estava fazendo um teatro representando remoções. Eu sou advogada, claro que conheço essa realidade, mas ver ali representado todo sofrimento das famílias, é um choque, para qualquer um. Tu começa a avaliar a tua vida, teus privilégios e pensar em toda injustiça que existe, parece que te dá mais vontade de fazer alguma coisa. Eu fiquei com raiva. Raiva da polícia que reprime, raiva da prefeitura que despeja, raiva das empresas que não fazem o bom uso do imóvel e mesmo assim ganham as ações. Eu fiquei inclusive com raiva de mim, como que eu não faço um bom trabalho e não contribuo para essas pessoas terem justiça, eu entrei no mundo do direito justamente para não reproduzir práticas como essas, combater a violência [...] nossa, frustrante. (LAURA)

Assim, nos casos estudados, quando falamos sobre engajamento positivo, a raiva revela da interação entre manifestante e performance o entendimento do manifestante de que a performance choca, ou seja, existe a produção de choques morais que nesses casos contribuem no incentivo à ação. Por outro lado, os choques morais não estão relacionados somente ao engajamento positivo: “aquilo que provoca em alguns públicos indignação e a solidariedade pode simplesmente incomodar a grande maioria” (JASPER, 2016, p. 126). No que diz respeito ao engajamento negativo, portanto, a raiva revela da interação entre manifestante e performance também a produção de choques morais, no entanto que desagradam e perturbam no sentido de desacordo, sobretudo, com os valores do manifestante em interação.

João relata durante a entrevista que foi com sua esposa em uma manifestação de mulheres quando estavam em São Paulo:

[...] eu estava viajando com minha mulher e acho que era bem 8 de março, então, passamos por uma manifestação do dia das mulheres e resolvemos acompanhar. Era bem longa, tinha bastante gente, com vários acontecimentos, bem interessante. Mas eu lembro de algo que me incomodou, achei desnecessário e até discuti com minha mulher [risos], depois a gente acabou indo embora. Eram umas meninas, deviam ter a idade da minha filha, faziam umas coisas com sangue [...] ao menos parecia sangue. Elas jogavam, parecia que ia cair nas pessoas, era forte demais, não precisava, em vez de agregar acho que afastava as pessoas, porque muitas tinham nojo, ou sei lá [...] eu mesmo não gostei, que já sou um cara mais aberto para essas coisas. Eu acho que representava a menstruação, algo assim [...] mas não quis ficar perto [...]. A discussão foi que eu achei desnecessário, contraproducente, e minha mulher discordou. Ah, a gente fica irritado quando vê essas coisas que a gente não concorda, sei lá [...] (JOÃO)

Também nesse sentido, quando a performance perturba de forma desagradável, Carolina diz:

[...] eu não gostei nada de uma apresentação na Esquina Democrática em uma manifestação [...] acho que era pela soltura do Lula. Tinha um pessoal de algum grupo de teatro que estava fazendo a representação de que se o Lula não fosse solto tudo seria destruído, algo assim. Era de tamanha violência que [...] nossa [...] quem via aquilo não queria ficar perto. É assim que a gente dialoga com a população Bom, eu quase fui pedir para pararem [risos], imagina [...] que raiva. A juventude tem que aprender a se relacionar melhor com quem não é militante. A violência extrema não nos leva a lugar algum. Parece piegas, mas é verdade, quando que a violência foi uma boa estratégia de chegar nas pessoas? (CAROLINA)

No caso estudado percebeu-se, assim, que tanto no que diz respeito ao engajamento positivo, quanto ao negativo, a raiva revela da interação entre

manifestante e performance a produção de choque moral que ora pode aproximar e incentivar a ação, ora pode perturbar de forma desagradável. Além da raiva, associadas ao engajamento positivo também foram identificadas emoções do tipo estado de espírito (ânimo elevado e atmosfera alegre); tal associação tende a seguir nos casos estudados o que já foi observado com as performances com características artísticas de elementos musicais.

O ânimo elevado e a atmosfera alegre revelam da interação entre manifestante e performance, portanto, questões relacionadas à potência, os manifestantes compreendem que a performance indica a possibilidade de mudança:

[...] eu gosto muito das apresentações que o Levanta Favela faz nas manifestações [...] começa meio que mostrando a desgraça e depois dá a volta por cima. Aí é o clímax [risos] [...] dá uma gana, uma coisa que nem sei explicar, deixa todo mundo louco. Parece que a gente percebe que temos forças para fazer aquilo que está sendo representado ali. É aquela coisa [...] não estamos sozinhos e juntos somos mais fortes. Eu lembro até de um muito bom, não sei se foi o Levanta Favela, faz tempo, foi em uma daquelas manifestações contra o Temer e o Cunha, se não me engano. Eles começavam mostrando vários problemas e depois mostravam a força do povo e faziam tipo uma brincadeira com aquele “empurra que ele cai” [...] deixava todo mundo eufórico, tipo, naquele momento a gente sentia que conseguia, sei lá, algo assim [...] depois é uma coisa que fica, uma energia boa. Até acho legal que essas coisas teatrais aconteçam no início da manifestação para dar um clima de força, alegre, bom para caminhada. Minha opinião, claro. Bicha não gosta de nada deprê [risos] (MARCOS)

Esse sentimento de “não estar sozinho”, relatado por Marcos, é recorrente nas falas dos entrevistados. As intervenções cênicas, assim como a música, tendem a criar um momento de euforia que se mantém durante um período de tempo. Essa euforia geralmente está relacionada, nos casos estudados, à capacidade de transformação da situação objeto da manifestação. Revela, sobretudo, da interação entre manifestante e performance, que essa transformação é possível pelo poder da ação conjunta, ou seja, o manifestante sente-se parte de “algo maior”, como relatam nas entrevistas.

Por outro lado, ainda falando sobre as emoções do tipo estado de espírito, as intervenções cênicas também produzem rejeições, ou seja, também estão relacionadas ao engajamento negativo. Logo, ainda que exista envolvimento máximo entre manifestante e performance, desse envolvimento resulta-se a rejeição à performance. No geral, nos casos estudados tendem a estar associadas ao desgaste. Sobre as intervenções cênicas Maria disse:



Coisas que não são produtoras, que desmobilizam [...] por exemplo, recentemente eu vi uma esquete teatral na esquina democrática, eu acho que pode ser até que dê algum efeito visual, mas acho que naquele momento não é muito produtora. Teatro é uma coisa que te coloca parado, e manifestação é algo em movimento. Pode ser que seja meu perfil, eu não consigo ficar parada. As pessoas estão sempre agitadas, conversando, articulando, porque tem muitos partidos, não dá pra ficar parado. (MARIA)

No mesmo sentido, durante a manifestação em que a pesquisadora acompanhava Alexandre, ele ao ver um manifestante fantasiado como se fosse o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva presidiário, falou:

[...] eu até acho legal as pessoas virem fantasiadas, mas não gosto quando fazem como se fosse um teatro, teatro eu vou assistir no Bourbon se eu quiser, aqui é manifestação. O teatro tem outro tempo, tem que ter outro envolvimento, fica desgastante, não é o local correto, acaba tirando o “pique” das pessoas, não acha? (ALEXANDRE)

Nos casos estudados, o desgaste revela da interação entre manifestante e performance um desacordo com a proposta, ou seja, não é necessariamente o conteúdo da intervenção que desagrada, mas o fato de interpretarem que aquele tipo de ação não faz sentido para um protesto, no que diz respeito à sua função, podendo inclusive provocar uma desmobilização.

As compreensões referentes às performances com características artísticas identificadas na pesquisa são sistematizadas no seguinte quadro:

**Quadro 10:** Compreensões dos manifestantes sobre as ações performatizadas caracterizadas por elementos artísticos

Tipologia de emoção	Exemplo de emoção	Compreensão sobre a performance	Tipo de engajamento
Reflexa	Alegria	Possibilita o compartilhamento de uma experiência comum.	Positivo
		Divertida.	
	Raiva	Não concordam com a proposta.	Negativo
		Choca.	Positivo Negativo
Estado de espírito	Desgaste	Não concorda com a proposta.	Negativo
		Desmobilização.	
	Atmosfera Alegre e estímulo ao ânimo elevado	Possibilita o compartilhamento de uma experiência comum.	Positivo

Fonte: autoria própria

**c) Compreensões dos manifestantes sobre a interação com ações performatizadas caracterizadas por elementos que de afirmação/construção de identidade**

Os elementos que caracterizam as performances aqui descritas, como dito anteriormente, são aqueles que expressam, sobretudo, questões de identidade. Entende-se a identidade coletiva no que diz respeito à definição compartilhada e interativa de orientações voltadas às ações, e ao campo de oportunidades e constrangimentos no qual tais ações têm lugar (MELUCCI, 1996, p. 70). Para Melucci (1996), as definições cognitivas de fins, meios e campos de ação; a rede ativa de relacionamentos; e o investimento emocional, são os três elementos constitutivos da identidade coletiva. Tais elementos dizem respeito sobretudo às linguagens compartilhadas e incorporadas em rituais, práticas e artefatos culturais; a interação entre indivíduos que se influenciam mutuamente, negociam e tomam decisões; e o sentimento de fazer parte de uma comunidade. Trata-se de “uma conexão cognitiva, moral e emocional de um indivíduo com uma comunidade, categoria, prática ou instituição mais ampla” (POLLETTA; JASPER, 2001, p. 285).

Certamente, em alguma medida, todas as ações que performatizam os protestos relacionam-se com questões identitárias. O que diferencia tais performances é a ideia de construção e entonação de uma mensagem única que identifique determinada coletividade. A auto apresentação coletiva faz parte do processo de formação e afirmação da identidade coletiva, em uma manifestação torna-se possível a criação das fronteiras entre o “nós” e o “eles”, nos quais os significados incorporados na construção de tal oposição geralmente estão presentes em ações como cantar, gritar e portar *slogans* (EYERMAN, 2005). Assim, foram considerados para análise elementos (portadores de significados) estéticos (roupas e adereços), geográficos (escolhas de espaços específicos) e de linguagem (mensagens emitidas de forma verbal, escrita ou através de imagens, como gritos de ordem, cartazes, bandeiras etc.).

No que diz respeito ao engajamento emocional positivo, tais performances associam-se nos casos estudados a emoções morais (como orgulho e/ou indignação) e lealdades e compromissos afetivos (como respeito, confiança e gosto). Quanto ao engajamento negativo estão associadas emoções reflexas (raiva e desprezo), morais (indignação e vergonha) e de estado de espírito (estado de tristeza).

As ações performatizadas que se caracterizam por elementos de afirmação/construção de identidade foram as mais recorrentes nas falas dos entrevistados no que diz respeito ao envolvimento e motivação com o protesto. Em todos os casos analisados, todos os tipos de emoções que expressam o engajamento emocional revelam da interação entre manifestante e performances com essas características questões relacionadas ao pertencimento a uma coletividade. Tal fenômeno corresponde justamente à expressão da identidade coletiva, central nessas performances.

Carolina diz que

[...] muitas vezes (nos protestos) me sinto feliz, emocionada, aquelas coisas tipo vou chorar, não sei o que tá acontecendo comigo, é excitante. As pessoas gritando, todo mundo cantando, um só som, ao mesmo tempo. Isso acaba sendo excitante, emocionante. Porque é a gente se mostrando para o mundo, quem somos nós. E nós juntos dá uma sensação de poder, fazemos parte da transformação. Cantar e gritar é colocar pra fora, se posicionar, e apesar de sermos diversos, nesse momento somos uma só voz, contra eles. (CAROLINA)

Gritar e cantar palavras de ordem (*slogans*) são elementos que apareceram com recorrência nas narrativas tanto no que diz respeito ao engajamento emocional positivo, quanto ao engajamento emocional negativo. As palavras de ordem funcionam principalmente porque conotam muita coisa em uma curta extensão (JASPER, 2016). Elas indicam o enquadramento que os manifestantes sustentam sobre o objeto da manifestação. Assim, “se os enquadramentos tendem a identificar os problemas que precisam ser resolvidos, as identidades coletivas indicam o grupo que supostamente irá solucioná-los” (JASPER, 2016, p. 74). Quando se entoam tais palavras, aquele grupo que pratica a ação coloca-se como o responsável pela transformação, delimitando a fronteira entre o “nós” e o “eles”.

Sobre o que mais gosta das manifestações, Maria diz:

[...] o efeito que dá o povo todo gritando junto as palavras de ordem. Eu fico com orgulho de fazer parte do movimento, daquele momento, sei lá. É motivador, dá a sensação de que eu não estou sozinha, tem mais gente que acredita na mesma coisa que eu. (MARIA)

Marta também afirma a preferência por proferir palavras de ordem:

Eu gosto das palavras de ordem. Eu acho que tem muita força uma manifestação que tenha palavras de ordem. Todo mundo gritando junto faz

com que o grupo se sinta muito grande e muito forte, me dá um orgulho de fazer parte. Eu faço parte de quem está do lado certo da história”. (MARTA)

O orgulho revela da interação entre manifestante e performance a compreensão do que é o correto, assim, fazer parte daquele momento, é “estar do lado certo”, ou seja, existe nesse caso um alinhamento de valores à proposta.

As palavras de ordem também se associam à indignação:

Me dá uma coisa, raiva, indignação, não sei. Todo mundo gritando junto, acho que tem gente que diz que é bonito e tudo mais, mas pra mim [...] claro, é bonito, lindo, o povo junto gritando, mas me dá uma energia que eu canalizo, sei lá, fico indignada com a situação, não sei se tu me entende. A gente faz parte desse movimento e grita, coloca pra fora, o que nos indigna [...] é a injustiça, né? Nesse momento, o que acontece? A gente tá ali gritando em alto e bom som contra as injustiças, aí a gente percebe que tem força, que tem mais gente que pensa como nós, e que se indigna contra essas situações injustas que batem na nossa cara, e gritar faz isso comigo, fico indignada com o Bozo, com o playboy e tudo mais. (CARLA)

Durante a manifestação que reivindicava a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na qual a pesquisadora acompanhava Alexandre, os manifestantes começaram a gritar “Lula ladrão, teu lugar é na prisão”. Alexandre, então, comentou: “olha, quando gritam essas coisas me sobre um calor [risos], fico indignado, como um cara que rouba tanto, destrói o país, fica impune? Uma injustiça com o povo brasileiro. Absurdo. Pelo menos eu faço parte da mudança”. Diferente do orgulho que a compreensão está relacionada a um alinhamento de valores e à proposta, a indignação revela da interação um entendimento de que há uma vítima de uma situação nociva, no qual o manifestante entende-se como “parte da mudança”.

Cantar e gritar palavras de ordem também estão associadas nas narrativas à força da manifestação. Essa, por sua vez, tende a estar relacionada à quantidade de pessoas. Portanto, o conjunto dos elementos cantar e gritar palavras de ordem e um grande número de manifestantes, nos casos analisados, demonstrariam a força da manifestação.

Durante a Marcha da Maconha, na qual a pesquisadora acompanhava Maria, a caminhada passava ao lado do auditório Araújo Vianna para entrar na avenida Osvaldo Aranha; Maria diz:

[...] nossa! Está vendo esse povo brotar não sei de onde? É muita gente, né? é legal porque é muita gente [...] dá um outro sentimento nessa manifestação [...] é uma pauta muito específica que tu acha que não vai ter aderência, quando faltam cinco minutos pra começar, parece que não tem gente, e aí fica bem grande mesmo, sai gente da árvore [risos]. Chama atenção. Está todo mundo aqui gritando pela legalização da maconha. Gritar junto, todo mundo, esse tanto de gente, parece que a gente tem muita força, parece que a gente pertence a algo muito poderoso e dá um esperança, mesmo que seja só nesse momento. (MARIA)

Maria, durante a entrevista, chamou atenção a dois momentos distintos que de certa forma exemplificam sua impressão durante a manifestação da Marcha da Maconha:

Em 2013 tinha muito povo na rua aí as ações eram mais impactantes. [...] me tocou no sentido de que se o povo quisesse mudar de verdade, fazer uma revolução, é possível, me deu esperança [...] é um entendimento que tu faz parte de um grupo poderoso, que tem potencial para a transformação. Todo mundo gritando passando a nossa mensagem. Também nas manifestações Fora Collor, porque tinha muita gente, conseguiu o objetivo, todo mundo pintado, milhares de pessoas descendo a Protásio Alves, tanta gente que não cabia na praça, tipo as maiores manifestações de 2013 em termos de quantidade de pessoas. Nossas caras pintadas, de novo, mostrando esse grupo que tem potencial de fazer justiça. É incrível isso, essa força, a gente sente que faz parte da mudança, e estamos na rua mostrando quem somos. (MARIA)

Osmar durante a entrevista também faz referência à relação entre as performances e o grande número de manifestantes e força da manifestação:

[...] quando tem pouca gente tu pensa: que fracasso, só eu e esse tantinho aqui que quer acabar com essa injustiça. Agora, quando tem muita gente, é inexplicável. É força, é potência. Porque eu sinto, assim, que tudo é possível. O melhor é que aí tu percebe que tu não está sozinho, que muita gente compartilha contigo das mesmas dores, e isso é incrível. A gente demonstra para o mundo quem somos, quem está na rua batalhando por uma cidade melhor, gritamos em uma só voz passando a nossa mensagem, e isso tem poder, tem potência, pode transformar, se formos muitos. (OSMAR)

Além de cantar e gritar palavras de ordem, são também elementos da performance: roupas, adereços, bandeiras e faixas. Tais objetos também comunicam a distinção entre o “nós” e “eles”. Quando os enquadramentos constroem um caso convincente de condição injusta e igualmente a efetividade da ação coletiva em transformar essas condições, eles também deixam evidentes as identidades daqueles responsáveis por tais ações transformadoras e dos seus “adversários”, distinguindo o “nós”, do “eles”. Essas identidades são canalizadas sobretudo por palavras e imagens, promovendo suas reivindicações e deslegitimando seus “adversários” (JASPER,

2001). As palavras escritas podem ser transportadas a lugares diferentes e salvas ao longo do tempo, ainda, tem uma importante função de nomear, que sugere uma nova forma de ver um fenômeno, também identificam grupos e seus propósitos, ou seja, contribuem na definição do conflito e seus atores. As imagens podem ter um potencial ainda maior na comunicação dos significados construídos, pois permitem uma leitura rápida, adaptações, projeções. Elas têm sua própria iconografia, por exemplo, podem sugerir força ou fraqueza. As palavras escritas e as imagens criam declarações e transmitimos tais declarações por meio de nossas roupas, acessórios, bandeiras, faixas, cartazes etc. (JASPER, 2016).

Nos casos estudados, a performance composta por esses objetos tende a estar associada a emoções do tipo lealdade e compromisso afetivo (como respeito, confiança e gosto). A compreensão, nesses casos, está associada principalmente às afinidades:

[...] quando eu vou em um protesto eu tento ficar perto das bandeiras e faixas que são das organizações de juventude. Até dou uma olhada nas camisetas do pessoal também. Pra ficar perto de quem eu confio, de quem eu gosto. Mesmo que eu não faça parte do grupo, é com eles que eu me identifico, não sei se tu me entende. Eu me sinto parte daquela proposta, então eu gosto de ficar perto. (LUISA)

Seguindo esse sentido das afinidades, Lucas durante a manifestação faz um pedido para pesquisadora: “podemos seguir com aquele grupo? Eu costumo ficar perto do pessoal com as bandeiras vermelhas e pretas, com as camisetas com o A, o símbolo do anarquismo, esse é o meu pessoal, mesmo que eu não os conheça”. Por outro lado, Marcos fala durante a manifestação da Marcha da Maconha para pesquisadora que ele costuma ir sempre com alguma referência a questões LGBTQIA+, geralmente com uma bandeira, por exemplo. Segundo ele as pessoas confiam naquelas que compartilham os mesmos interesses e acabam se aproximando, porque se sentem parte. Ele continua dizendo que mesmo em uma manifestação como a Marcha da Maconha, ele vai buscar pessoas que colocam as questões que ele acredita, então se ele vê um grupo com uma camiseta dizendo algo que ele não concorda, mesmo que estejam na mesma manifestação, ele não vai querer ficar próximo.

Também relacionado à compreensão de afinidade aos grupos, estão aqueles manifestantes que têm como motivação a presença na manifestação não

exclusivamente seu objeto de reivindicação, mas encontrar outras pessoas com as quais compartilha interesses: “eu gosto de me encontrar com minhas amigas, fazer faixas juntas, até combinar as camisetas [...] Eu gosto de encontrar todo mundo. É aquela coisa de tu não te sentir sozinha e compartilhar com quem tu gosta” (GABRIELA). Joana diz que se mobiliza encontrando pessoas:

[...] me mobiliza encontrar pessoas. É um evento de socialização, de ser feliz. Um momento de encontrar os outros e trocar afetos. É um momento de tu não sentir sozinho, a gente tá lutando do jeito que pode, e o ato dá a sensação de pertencimento importante. Seguramos as mesmas bandeiras, acreditamos nas mesmas coisas, ficamos com quem a gente gosta, e isso é ótimo. (JOANA)

Também faz parte das características dessa performance o espaço físico:

Nosso ambiente construído também transmite significados culturais. Alguns prédios ajudam a criar atores. Sedes de empresas, ministérios e cafés alternativos enviam mensagens sobre as organizações ou subculturas que neles se abrigam. Outros contêm arenas estratégicas. Pensem nos tribunais, com bancadas, bandeiras, balaústres e decoração, tudo destinado a sugerir a serena justiça da lei ou do poder do Estado, enfatizados por trajes, discussões estilizadas e ações ritualísticas que ali ocorrem. [...] Os prédios não são os únicos portadores construídos por nós: rodovias, jardins, parques, aeroportos e estações de trem, monumentos e memoriais, cemitérios etc., tudo isso molda a forma como nos sentimos e pensamos a respeito do mundo. (JASPER, 2016, p. 71)

No que diz respeito ao espaço físico, nos casos estudados, esse tende a estar associado aos tipos de emoção lealdade e compromisso afetivo e moral. Assim como nos demais casos, as emoções revelam da interação entre manifestante e performance questões relacionadas aos entendimentos que os manifestantes têm sobre esses espaços, a seus valores, do que consideram certo e errado, o que diz respeito também a afinidades.

Osmar conta durante a entrevista que manifestação tem que ser na Esquina Democrática:

[...] não tem, manifestação é na esquina (democrática). Não faz sentido ser na Redenção, por exemplo. Lá a gente tá em um lugar simbólico, espaço de contestação, no meio do centro, mostrando pra cidade quem somos e que fazemos parte da mudança [...] fazemos parte daqueles que querem uma cidade melhor, mais justa. Ali é onde estão aqueles do lado certo da história [risos]. Mas é [...] o pessoal da Redenção, do Parcão [...] tá, não dá pra comparar, mas, tipo, uma coisa é o lazer que esses lugares proporcionam, outra coisa é a luta política, essa tem que ser na Esquina, porque é ali que representamos o povo. (OSMAR)

Esse entendimento de que a Esquina Democrática é o espaço “correto” para as contestações na cidade foi recorrente na fala dos entrevistados. Geralmente a esse entendimento associa-se uma oposição entre tais manifestantes e aqueles que se manifestam em outros pontos da cidade, como o Parque Moinhos de Vento (“Parcão”). Laura, durante a manifestação na qual era acompanhada pela pesquisadora, comenta:

[...] esse lugar (Esquina Democrática) tem potência, né? Quantas manifestações como essa que estamos já ocorreram aqui? Trabalhistas. Esse é o lugar de Porto Alegre da política, aqui que as mudanças acontecem, é aqui que devemos estar, e não domingo no Parcão [risos]. A gente se sente forte aqui, não sei. (LAURA)

Por outro lado, apesar da constante referência à Esquina Democrática, também houve menções a outros espaços da cidade, como a Redenção, inclusive ao “Parcão”. Alexandre diz:

[...] eu adoro as manifestações no Parcão, porque reflete bem o que somos e do que fazemos parte. É um lugar família, é isso que somos, pessoas com valores, pessoas preocupadas com isso. O Parcão representa isso, não é baderna, são famílias preocupadas com o futuro dos filhos. (ALEXANDRE)

Durante a Marcha da Maconha no Parque Farroupilha (“Redenção”), Maria conta à pesquisadora que aquele é o lugar da marcha porque representa o que a marcha é, nas palavras dela:

[...] é o que nós somos e queremos. [...] A Redenção representa diversidade, representa recreação, estar ali reivindicando a descriminalização da maconha é dizer que nesses espaços, onde passeamos aos domingos, também podemos conviver com a maconha. Ainda tem a questão medicinal, ali falamos com as famílias, abrangemos um público que tem que entender o que está em jogo. (MARIA)

Outro espaço muito presente nas falas dos entrevistados foi o túnel da Conceição. Assim como no caso de cantar e gritar palavras de ordem que junto a um número elevado de pessoas representava para os manifestantes entrevistados a força. Nesse caso a compreensão também se refere à “força da manifestação”.

Sobre a passagem da manifestação pelo túnel Joana diz: “dá uma energia muito foda, levanta o ânimo, dá uma vontade de viver, extravasar mesmo. Muito massa. Parece que somos fortes, fazemos parte de toda essa força”. Maria também



se refere à passagem pelo túnel de forma semelhante: “nossa, uau! É emocionante, bonito, por causa do eco parece que tem muita gente, dá uma força, a gente tá fazendo parte de algo foda, a gente até acredita na mudança [risos]”.

No entanto essas performances não geram apenas engajamento emocional positivo. Mas nesse caso as emoções revelam da interação entre manifestantes e performance uma compreensão de que o manifestante não concorda com o que está sendo performado, ou seja, não se sentem parte do grupo, rejeitando a performance. Ao engajamento negativo estão associadas emoções reflexas (raiva e desprezo), morais (indignação e vergonha) e de estado de espírito (estado de tristeza).

Carolina conta que durante uma Marcha das Vadias em Santa Maria as manifestantes hostilizaram as prostitutas:

Passamos na Rio Branco, na frente do prostíbulo, aí as meninas sentaram no chão em silêncio, fizeram algo do tipo [...] referindo às prostitutas que são caladas, sei lá. Eu não concordei com isso. Não concordo em julgar outras mulheres, que trabalham com a prostituição. São exploradas porque não é legalizada, provavelmente. Foi uma das últimas manifestações que eu fui, foi a última marcha das vadias que eu fui. Eu continuei caminhando porque fiquei com vergonha de fazer isso. Eu não me vejo em uma posição de julgar outra mulher, não sei quais são as circunstâncias que fazem ela trabalhar lá. Ela já é humilhada todos os dias e fazer isso de novo contra ela. Isso me pareceu muito chocante, não concordei com isso. Foi a última vez que eu fui. Eu não faço parte disso.

Nesse caso a vergonha (que faz parte do tipo chamado de emoções morais) revela da interação entre manifestante e performance uma questão referente aos valores da manifestante, no que diz respeito ao seu entendimento sobre a atividade laboral da prostituição. Sua compreensão é contrária àquela do grupo que performatiza uma ação de desacordo com tal atividade, correspondendo a uma moralidade distinta e, em certa medida, conflitante.

Outro caso de engajamento emocional negativo relacionado a tais performances diz respeito ao silêncio durante a marcha. No geral, foi recorrente na fala dos entrevistados que quando as pessoas não gritam, cantam, os manifestantes não se sentem parte daquele coletivo. Tal situação geralmente está associada nas falas dos entrevistados às emoções dos tipos reflexas (raiva e desprezo), morais (indignação) e de estado de espírito (estado de tristeza). Nesses casos específicos de engajamento emocional negativo relacionado ao fato de não cantar e/ou gritar palavras de ordem, a compreensão do manifestante refere-se sobre a força da manifestação.

[...] não dá! Quando o pessoal fica quieto, só caminhando, não tem sentido, eu fico indignado, com raiva. Manifestação na rua é para ter visibilidade, força, tem que ser forte. As pessoas têm que gritar, cantar, falar as palavras de ordem, fazer pressão, barulho, senão não tem sentido. A gente [...] eu pelo menos [...] quero me sentir esperançoso, vitorioso, quero fazer parte de algo com potência, se é pra esse tipo de ato eu nem saio de casa. (OSMAR)

Nesse mesmo sentido Joana diz

O ato [...] é um momento de tu poder gritar o que te aflige, colocar pra fora, é um momento de encontrar as pessoas, quem tá contigo. Eu acho que os atos que não forem grandes, não fizerem barulho, não são visíveis, demonstram fraqueza. O que dá capa de jornal é um grande ato, são aqueles que o pessoal se envolve, canta junto, põe pra fora. Mobiliza outras pessoas e dá o recado. O ato tem que fazer a gente sentir que a mudança é possível, que fazemos parte de algo que é potente e transformador. Quando rola isso, transborda, todos enxergam. Quando todo mundo está quieto, fica só a tristeza. (JOANA)

O que foi apresentado a respeito da compreensão sobre as performances caracterizadas por questões referentes à identidade está sintetizado nesse quadro:

**Quadro 11:** Compreensões dos manifestantes sobre as ações performatizadas caracterizadas por elementos de afirmação/construção de identidade

Tipologia de emoção	Exemplo de emoção	Compreensão sobre a performance	Tipo de engajamento
Reflexa	Desprezo	Não concorda — representa fraqueza.	Negativo
	Raiva		
Estado de espírito	Tristeza		
Morais	Orgulho	É o correto — “estar do lado certo”.	Positivo
	Indignação	Nocividade da situação (fazer parte da mudança).	
	Vergonha	Valores e crenças contrárias.	Negativo
Lealdades e Compromissos Afetivos	Respeito	Afinidade com grupos e espaços.	Positivo
	Confiança		
	Gosto		

Fonte: autoria própria

**d) Compreensões dos manifestantes sobre as ações performatizadas caracterizadas por elementos que afrontam a legislação vigente**

Ações durante a manifestação que afrontam a legislação vigente e/ou padrões hegemônicos de moralidade referem-se a uma ruptura. Ruptura à ordem representada pela lei, também as normas sociais não formalizadas representadas pelos padrões de moralidade vigentes.

A ruptura diz respeito às ações que produzem a quebra da rotina e a desorientação tanto dos gestores quanto das elites da cidade. Os atores mobilizados tentam através da ruptura manter as autoridades em desequilíbrio, mas tais ações performatizadas com esse objetivo raramente são sustentadas por muito tempo (TARROW, 2009), especialmente em função dos custos que demandam, geralmente relacionados a repressão.

Repressão, segundo Charles Tilly “é qualquer ação de outro grupo que aumenta o custo da ação coletiva do opositor” (1978, p. 10). Nota-se que não diz respeito especificamente às ações das forças de segurança (apesar de geralmente serem os principais agentes repressores), ou seja, a repressão não é exclusiva do Estado, pode ser exercida tanto através da ação estatal quanto a partir da ação privada, ou seja, de agentes privados (grupos opositores, por exemplo). Visa principalmente prevenir, controlar ou restringir a ação coletiva (EARL, 2011).

Especificamente no que diz respeito aos protestos performatizados por ações que produzem ruptura e as ações estatais, cada possível nova tática no protesto é confrontada por novas táticas policiais. Na busca da ruptura sem necessariamente aderir à violência, os organizadores logo ficam sem maneiras de desafiar as autoridades. Especificamente, desde a década de 1960 as práticas policiais são projetadas e aperfeiçoadas de forma que rotinizaram o protesto e eliminaram muito de sua força disruptiva (TARROW, 2009). Ao longo do tempo, o desenvolvimento dos protestos envolveram adaptações táticas tanto do lado dos manifestantes, quanto do lado da polícia (DELLA PORTA, 1995). Dessa forma as ações de ruptura ou são “normalizadas”, retornando a meios convencionais, ou tendem à violência. Assim,

[...] os membros menos comprometidos dos movimentos sociais — usualmente a maioria — tendem a retirar-se para a vida privada, deixando a luta nas mãos dos mais militantes, mais propensos a escolher a violência do que manter uma relação incerta com as autoridades. A ruptura divide os movimentos em minorias com tendências à violência e em maiorias moderadas tendendo aos meios convencionais. As pessoas comuns são mais propensas a participar de formas de ação coletiva que conhecem do que a arriscar frente à incerteza e à violência potencial da ação direta. É menos provável que a polícia ataque uma demonstração desarmada do que numa em que as pessoas carregam cassetetes e exibam correntes. (TARROW, 2009, p. 130)

A violência é o traço mais visível da ação coletiva (violência é notícia). Também, usar da violência pode ser o tipo mais fácil de ação coletiva, no sentido de que não envolve tantos custos quanto a coordenação e controle do protesto. Embora

a violência impressione as pessoas e apresente um potencial para a desestabilidade das autoridades, ela tem uma limitação severa, pois restringe e assusta grande parte dos manifestantes e apoiadores do protesto (TARROW, 2009). O medo, e de forma mais geral um senso de ameaça, pode ter um efeito de paralização (JASPER, 2016). Assim, a violência apresenta o paradoxo: é vantagem e desvantagem. Ou seja,

A ameaça de violência é um grande poder nos movimentos, mas torna-se uma desvantagem quando aliados potenciais ficam com medo, as elites se reagrupam em nome da paz social e as forças da ordem aprendem a reagir a ela. (TARROW, 2009, p. 127)

Outro efeito desse paradoxo diz respeito a relação com a cobertura da mídia. Se, por um lado, a violência traz a atenção midiática ao protesto, por outro o enquadramento produzido pode ser desfavorável aos atores promotores do protesto. Nos ciclo de protestos de 2013, por exemplo, as ações performatizadas que apresentaram características entendidas como violentas não foram identificadas como forma de ação que expressa demandas coletivas, mas como uma ação isolada e criminosa. Os veículos midiáticos, nesse caso, tendem à utilização de esquemas interpretativos já consolidados e previamente construídos relacionados à cobertura da criminalidade individual (SILVA; FERNANDES, 2017). Assim, tais ações tendem a ser suficientemente ameaçadoras para atrair a atenção da mídia, mas aumentam os riscos pelo fato da cobertura não retratar com os significados que os manifestantes gostariam:

[...] os jornalistas focalizam os malucos radicais e não as questões que estes levantam. [...] Seus oponentes tentam desacreditá-los com uma caracterização [...] destinada a apresentar como demasiadamente radical, perigoso ou confuso. (JASPER, 2016, p. 166)

Essas performances, nessa pesquisa, são ações de ruptura que no limite podem chegar à violência. Nos casos estudados, tal como explicitado, são vistas de forma positiva quanto a sua potência e permissividade; por outro lado, quando entendidas como violentas tendem a gerar medo e desconfiança, seja da repressão, seja da produção de uma “má imagem” perante a opinião pública. No geral, tais performances estão associadas à produção de engajamento emocional negativo na interação com manifestantes, ou seja, do envolvimento máximo com a performance ocorre sua rejeição. No entanto, apesar de não recorrente, algumas menções que

indicariam engajamento emocional positivo foram identificadas na fala de alguns manifestantes. Emoções reflexas (como medo, raiva, desprezo e repulsa) e emoções morais (como vergonha, indignação e afronta) foram aquelas mais recorrentes nos casos estudados.

Dois elementos característicos a tais ações performatizadas em eventos de protesto foram mais recorrentes nas falas dos entrevistados: o confronto e danos ao patrimônio. Como dito em seção anterior, ações de confronto dizem respeito tanto àquelas relacionadas às forças de segurança, quanto com outros manifestantes e pessoas que não fazem parte da manifestação; já danos ao patrimônio dizem respeito a ações que resultam em algum tipo de danos materiais do patrimônio público ou privado da cidade.

Sobre as ações de danos ao patrimônio Carolina diz:

[...] até uma confusãozinha, um fogo em um pneu, trancar uma rua, vai [...] porque incomoda. Agora [...] quebrar as vidraças, tocar fogo em lixo, ônibus, quebrar as lojas e tudo mais, não dá. Digo [...] eu não gosto. Isso é ruim para imagem do ato, da gente que tá ali protestando. No outro dia vai sair que somos tudo vândalos. E pra quê? Começo a ficar com raiva quando acontece essas coisas. Eu não quero estar associada a isso, eu não faço parte disso. Eu até entendo a mensagem e tudo mais, mas será que eles não entendem que isso afasta e não aproxima as pessoas de nós?

No mesmo sentido, Gabriela diz não gostar de tais ações:

[...] participando antes de reuniões, eu percebo que muita gente diz que tem que queimar coisas pra chamar atenção. Eu não sei se isso é efetivo ou vai acabar fazendo com que as pessoas já marquem manifestações como negativo ou violento [...] no imaginário coletivo acontece como se fosse terrorismo ou algo assim. Realizar esse tipo de ato, claro que chama atenção, tua voz vai ser mais alta, mas não sei se vai ser efetivo. Eu não gosto, fico até [...] desprezo esse tipo de ação porque eu sou meio desse negócio [...] meio Gandhi. Ele fala sobre manifestar a força do amor, coisas assim. Eu sou muito mais a favor por esse tipo de coisa. Parece mais efetivo quando todo mundo entende o que vai acontecer e muita gente participa disso.

Em geral, as emoções reflexas, que tendem a corresponder a essas ações (como a raiva, o desprezo, nesses casos), revelam da interação entre manifestante e performance o entendimento dos manifestantes de não que representariam o que de fato significa o protesto, passando uma imagem errada para a população. Os manifestantes tendem a se dissociar dos grupos que performatizam essas ações de dano ao patrimônio.

Nesse sentido, alguns manifestantes associam as ações de danos ao patrimônio a questões morais. Alexandre diz

[...] quebrar, fazer baderna, é coisa de bandido. Pode ver que nas manifestações que têm no Parcão nunca acontece isso. Não está certo depredar a propriedade dos outros, que batalharam para conquistar. Quer se manifestar tudo bem, mas de forma pacífica. Existe uma grande diferença entre aqueles que são manifestantes e aqueles que são vândalos, baderneiros. Não adianta querer o certo para uma situação e para isso cometer um crime. Quem comete crime é criminoso. Eu fico indignado com isso [...] eu sempre estarei do lado do certo, eu faço parte de quem faz as coisas dentro da lei e tem valores fortes. (ALEXANDRE)

Laura, durante um princípio de confusão causado por um manifestante ter derrubado um “carrinho” de venda de cachorro-quente (não foi possível identificar se foi proposital), comentou com a pesquisadora que não achava correto depredar a propriedade dos pequenos comerciantes, segundo ela eles seriam: “tão fodidos como nós” (LAURA). Ela continuou dizendo que aquilo não era correto e que tinha vergonha dessas situações e geralmente quando acontecia ela ou se retirava, ou tentava se afastar ao máximo, pois não queria fazer parte.

Também relatando sentir vergonha João relata durante a entrevista:

[...] olha, eu estava em uma manifestação uma vez, acho que era de 2013. Lembro que estávamos eu e minha esposa caminhando na João Pessoa com cartazes que falavam sobre o descaso com a educação. Foi quando começaram a quebrar os vidros daquela loja de carros que tem lá. Eu só pensei: pra quê? Juro que eu fiquei com vergonha. Quebrar uma coisa nada a ver, pra depois dar munição pra mídia e pro governo desacreditar nosso protesto. Eu não queria ser associado a isso. Lembro que eu e minha mulher corremos mais pra frente da manifestação pra não ficar lá perto. Tinha um pessoal mandando aquela galera parar. Aí sim, eu acho certo. Eu entendo que tem que ter ações mais fortes para chamar atenção, mas quebrar vidraça de loja? Isso que eu não falei dos saques, né? Várias manifestações em 2013 tinham saques no centro da cidade, horrível, aí sim são criminosos, não manifestantes, eu não quero isso, é muito errado. (JOÃO)

Nos casos descritos acima, a vergonha e a indignação (emoções do tipo moral) revelam da interação entre manifestante e performance a compreensão dos manifestantes sobre o que acreditam ser certo ou errado.

Sobre as ações de confronto, essas tendem a estar associadas nos casos estudados ao medo (emoção reflexa). O medo revela da interação entre performance e manifestantes o entendimento de uma situação de perigo, que nos casos dessa pesquisa tendem a afastar os manifestantes, ou seja, diz respeito ao engajamento

emocional negativo. Joana diz, durante a entrevista, ficar tanto brava, quanto com medo, chamando atenção para a desproporcionalidade da ação da polícia: “tento sair o mais rápido possível. Fico preocupada comigo e com as pessoas que tão junto. Medo de me perder, perder as pessoas. É desproporcional” (JOANA). Carolina diz que

[...] quando tem aquela confusão com a polícia [...] no início até parece que dá uma adrenalina, sabe? Mas chega em um momento que me dá medo. Medo mesmo, eu só quero sair dali. É muito perigoso, sei lá. Mesmo que a gente queira resistir, aquelas bombas, e tudo [...] não vale a pena tentar sustentar uma resistência, é ridícula a desproporcionalidade. Aí bate o desespero, o medo [...] de várias coisas né, porque é o perigo de ser presa, de se machucar, de várias coisas. Até que é geralmente quando terminam as manifestações, né? O medo faz isso, acho. Poucos ficam pro “vamo vê”. (CAROLINA)

Marcos também relembra momentos que diz ter sentido medo devido ao perigo que representava a situação:

[...] nossa, teve vezes que eu quase me caguei nas calças [risos]. Aquela vez do boneco inflável da Coca Cola, eu estava lá. Foi louco, monte de gente apanhando, correria, a bicha aqui corria igual uma gazela gritando, chorando [...] desespero mesmo. Também em 2013 quando começava a função na frente da Zero Hora, eu parecia machão achando que ia enfrentar a polícia, dava 10 minutos já estava berrando e correndo achando que ia cair no Dilúvio. Não adianta, é muito difícil resistir na briga com a polícia, a repressão termina com o protesto, só fica meia dúzia ali que eventualmente vão presos. É muito perigoso, será que vale a pena o perigo? Geralmente já deu o que tinha que dar. (MARCOS)

As ações de confronto também estão associadas a emoções reflexas (como raiva, desprezo e afronta). Marta lembra de uma manifestação do CPERS:

Uma [manifestação] negativa que foi bem forte, foi pela luta do cumprimento da lei do piso, dos funcionários do magistério estadual [...] pessoas velinhas do CPERS, que construíram desde o início o sindicato, aí foi na frente da casa do Tarso, e ele colocou a polícia com gás de pimenta, teve enfrentamento, gente passando mal. Foi bem chocante, não esperava uma ação tão violenta da polícia contra essas professoras. Junho era uma massa sem rosto, ali era pouca gente, cara a cara. Me parece que foi o primeiro enfrentamento da classe com a classe, aqueles policiais fodidos também. (MARTA)

Gabriela também condena as ações repressivas do Estado:

Nas manifestações, já me senti com raiva do que acontece [...] quando tem repressão policial me dá muita raiva, porque não vou esperando isso. Como se nos tirasse o pouco do que a gente ainda pode fazer. E também parece um dominó de violência, vai se estendendo. É muito desproporcional. (GABRIELA)

Lucas durante a manifestação a respeito dos cortes na educação conversava com a pesquisadora contando que acredita mais em ações que segundo ele incomodam de fato as autoridades, e nesses casos às vezes até entende a repressão. Mas, geralmente ela é “um ato de covardia, uma injustiça, o braço armado do estado batendo em trabalhadores e trabalhadoras” (LUCAS). A Maria diz ficar com raiva

[...] porque ninguém gosta de tomar bomba na cara [...] em 2013 foi pesado, todas a bombas na Ipiranga, eu vi um brigadiano [agente da Brigada Militar — polícia estadual] apontando a sua arma para os manifestantes [...] é de tamanha injustiça, tu não tem arma do mesmo nível, desesperador. (MARIA)

Nos casos estudados as emoções reflexas (como raiva, desprezo e afronta) revelam da interação entre manifestante e performance a ideia de que aqueles que sofrem da repressão são vítimas do Estado. No entanto, como dito anteriormente, não são apenas agentes estatais que praticam atos repressivos. Também foram identificadas ações de confronto com outras pessoas que estavam presentes, mas não faziam parte da manifestação, assim como confronto com outros manifestantes. Osmar diz:

[...] quando o pessoal começa a gritar, incomodar, meio que vir pra cima [...] aquele pessoal direitoso, do ódio, que fica ali só olhando a manifestação passar e incomodando a gente. A gente não pode ficar parado aceitando, eu entendo aqueles que confrontam, porque tem que passar a mensagem de que a gente não é trouxa. Mas admito que fico com medo [...] medo principalmente de ser preso, então eu tento evitar ser aquele cara que vai ir lá, vai pra briga, mesmo eu achando que de certa forma tem que se comprometer mesmo e não deixar quieto, porque aí parece que tu vai aceitar o que eles tão dizendo sobre nós. Mas eu sempre tento ir para o lado oposto, principalmente pelo medo dos resultados da briga. (OSMAR)

Joana conta durante a entrevista que já foi hostilizada por pessoas que não participavam da manifestação, e por serem contrários a ela, ofendiam e agrediam manifestantes: “eu fui em um ato Ele Não em Floripa [...] 11 anos que eu ia em ato e nunca tinha me sentido tão mal quanto nesse ato. O clima das ruas é muito hostil. Fiquei com medo” (JOANA). Também dizendo sentir medo Laura lembra de momentos que presenciou durante uma manifestação em 2013:



[...] uns meninos derrubaram o container, então outras pessoas resolveram juntá-lo. Assim, começou a confusão. Até pedaço de madeira usaram um para agredir o outro. Esse tipo de briga presenciei mais de uma vez em 2013. Pra mim, eu entendo como um guerra entre duas mensagens: aquela que acredita na ação mais firme, com uma certa violência, contra aquela mais pacífica. Acho que isso era até geral nas conversas, uma disputa entre violência e passividade. Eu não sei bem que lado é o correto [...] claro que como advogada sei que causar dano ao patrimônio tem consequências. Mas naqueles momentos eu ficava mesmo era com medo. É perigoso, tem muito louco por aí, pode acabar machucando as pessoas, até morrendo, e às vezes quem não tem nada a ver com a situação. (LAURA)

Novamente, nesses casos o medo revela da interação questões relacionadas ao perigo, afastando os manifestantes. Por outro lado, apesar de não recorrente, alguns manifestantes fizeram menções que indicam uma aderência a performances com essas características, sugerindo o engajamento emocional positivo. Como no caso que relata Maria:

[...] a Marcha da Maconha é ótima no sentido de que tu tá ali livre, só naquele momento, para fumar maconha, uma coisa que é proibida, mas naquele momento tu pode extravasar e isso é tão potente. A gente coloca pra fora toda aquela repressão do dia a dia e passa a mensagem, sabe? É crime? Foda-se, nesse momento não é e não deveria ser. Desafia. A gente coloca pra fora mesmo o que fica guardado. (MARIA)

Lucas também diz que existe um momento na manifestação que é o momento de “colocar pra fora”, e que é necessário, segundo ele, descontar ali todas as opressões que se vive cotidianamente. O manifestante afirma que todas as ações que costumam chamar de violentas cumprem esse papel e que para ele são as mais potentes.

Nos casos em que de alguma forma as performances foram aderidas, a tendência foi a adesão estar relacionada a essa motivação de “colocar pra fora”, “extravasar”, como nos exemplos descritos. No entanto, nos casos estudados a recorrência foi caracterizada pela rejeição, ou seja, o profundo envolvimento (engajamento emocional) do manifestante com a performance produziu um afastamento. As compreensões dos manifestantes são sintetizadas no seguinte quadro:

**Quadro 12:** Compreensões dos manifestantes sobre as ações performatizadas caracterizadas por elementos que afrontam a legislação

Tipologia de emoção	Exemplo de emoção	Compreensão sobre a performance	Tipo de engajamento
Reflexa	Medo	Perigo.	Negativo
	Raiva	Desacordo.	
		Nocividade.	
Morais	Vergonha	Julgamentos sobre o que é certo e o que é errado.	Negativo
	Indignação		

Fonte: autoria própria

## 6.2 MECANISMOS CAUSAIS QUE EXPLICAM O ENGAJAMENTO EMOCIONAL (NEGATIVO E POSITIVO)

O protesto é uma parte importante da existência humana, com potencial de trazer importantes mudanças (JASPER, 2016, p. 13). As pessoas que protestam, os manifestantes, criam expectativas, tomam decisões, desenvolvem estratégias que são parte da cultura, ou seja, “têm a ver com o modo como pensamos e nos sentimos a respeito de outros atores, com nossas normas, valores e tradições, com uma variedade de emoções e sensibilidades” (JASPER, 2016, p. 12). Joana conta, por exemplo, que se envolve de tal forma com os protestos que, por conta da ansiedade relacionada a um protesto, teve uma crise de pânico:

[...] são grandes os protestos pela educação em Florianópolis. Sempre se falou na UFSC que as grandes marchas do passe livre iam da universidade até o centro. Pra mim era inimaginável ter essa potência de mobilização lá. E dia 30 de maio aconteceu [...] crise de pânico [...] caminhamos por 4 horas. Eu tava tão ansiosa pra isso acontecer e ao mesmo tempo eu tava com medo por causa da hostilidade, por medo de repente não ter muita gente. Eu não conheço as pessoas, os lugares, eu não tenho todo repertório, não conheço os padrões de Florianópolis. Depois de passar mal não fui mais em todos, e quando ia, ficava por menos tempo, não acompanhava até o final. (JOANA)

A expectativa, a ansiedade que a entrevistada descreve, diz respeito principalmente às interações com as ações que são performatizadas no protesto. São as performances que “dão vida” aos protestos, e a produção de um engajamento emocional positivo ou negativo pode contribuir de forma decisiva para que alguns manifestantes decidam ir a outros protestos. No limite, pode incentivá-los à participação mais ativa em todo processo de mobilização, ou o contrário, se afastarem.

Os manifestantes não se mantêm o tempo todo em um nível máximo de envolvimento com as ações que performatizam o protesto (engajamento emocional).

Por vezes, sustentam um nível intermediário chamado nessa pesquisa de observação, ou ainda a indiferença, o nível mais baixo de envolvimento. Além disso, os três níveis de envolvimento podem acontecer com uma mesma performance. Por exemplo, Carla disse durante a entrevista que

[...] às vezes a gente só tá pela conversa com as amigas, algumas até que faz tempo que não encontramos. Então, se tem alguém falando em cima do caminhão de som, tu nem presta atenção [...] fica colocando o papo em dia. Claro que daí [...] de repente a pessoa em cima do carro fala algo que anima a multidão e acaba chamando nossa atenção, então a gente começa a ficar mais atenta, né? Continua falando com as amigas, mas ao mesmo tempo tá com um ouvido no carro de som [risos]. Até que tem uma hora, eventualmente, que aquela pessoa pega toda tua atenção, aí tu deixa de fazer qualquer coisa pra ficar naquele momento, ouvindo, gritando, e tudo mais. Tem pessoas que tem uma oratória muito boa e conseguem esse feito. Mas eu vou te admitir que 90% das vezes eu fico ali só aproveitando pra colocar o papo em dia com os amigos mesmo, que vergonha [risos]. (CARLA)

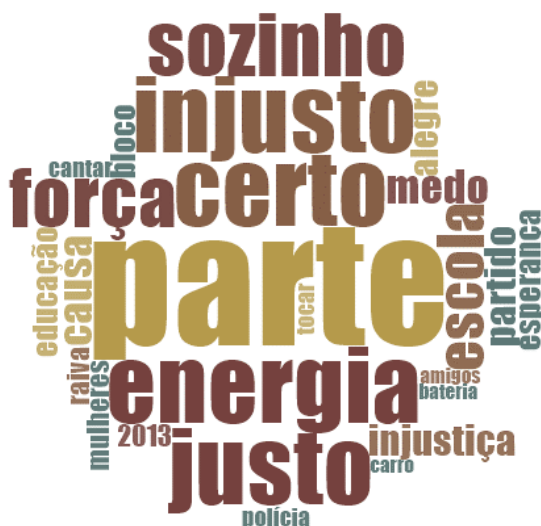
Apesar das motivações serem diversas, que envolvem principalmente a arte do encontro: como “colocar o papo em dia com as amigas”, como diz a Carla, ou ainda como diz Joana, “encontrar amigos e trocar afetos”, a produção de engajamento emocional positivo sustenta, de certa forma, o protesto:

[...] as pessoas voltam muitas vezes aos eventos de protesto sobretudo porque isso as satisfaz. Elas podem apreciar a satisfação incomparável de ser boas pessoas, fazer a coisa certa por uma causa em que acreditam plenamente. Também esperam ver velhos conhecidos, novos companheiros. [...] Marchar, cantar, gritar coletivamente pode ser estimulante, mesmo quando isso acarreta algum certo risco ou temor. Grandes encontros ajudam a aliviar o tédio de atividades rotineiras [...]. Nossos corpos entram num mesmo ritmo e, além da consciência recíproca, focalizamos nossas atenções conjuntamente no aspecto central do encontro — a pessoa que está falando, a música, os símbolos físicos — e ficamos excitados. O resultado é um pico de energia emocional que associamos ao encontro, ao grupo que o organizou e à causa pela qual estamos lutando. Estamos bem-dispostos, sensação que persiste por dias ou semanas após o fim dos eventos. Quando estes vão bem, gerando essa energia, os participantes passam a ansiar por eles. Voltarão. (JASPER, 2016, p. 137)

Como já descrito em seção anterior, o engajamento emocional é o maior nível de envolvimento do manifestante com a performance. Assim, a pergunta que guia essa pesquisa diz respeito a quais mecanismos tornam esse envolvimento possível: como ocorre o engajamento emocional dos participantes de eventos de protestos em suas interações com as performances públicas de contestação que compõem tais eventos? Seja com efeito de aderência à performance, seja com efeito de rejeição.

A nuvem de palavras<sup>48</sup>, feita a partir do software NVivo que teve como fonte as entrevistas realizadas, dá pistas sobre a compreensão do fenômeno:

Figura 5: Nuvem de palavras



Fonte: autoria própria

Nota-se o destaque da palavra “parte”. No contexto das entrevistas ela está relacionada à ideia de “fazer parte”. A performance possibilita o compartilhamento de uma experiência comum pelo grupo, o que gera uma sensação de pertencimento. Associa-se a essa noção também a palavra “sozinho”, que no contexto referia-se a “não se sentir sozinho” e, logo, “fazer parte”.

Outra palavra de destaque é “injusto”, que também tem relação com as palavras “justo” e “injustiça”. No contexto das entrevistas refere-se, geralmente, a uma compreensão de que existe um conteúdo nocivo que tem vítimas e culpados. Já a palavra “certo”, também em destaque na nuvem, no contexto das entrevistas está associada a “estar do lado certo”. Refere-se à noção de que dada a situação (geralmente nociva) existe algo correto a se fazer.

Por fim, energia e força no contexto das entrevistas seguem a mesma referência. Estão associadas à ideia de que há muitas pessoas juntas compartilhando os mesmos objetivos. Segundo os entrevistados quando tem muita gente no protesto gera energia, demonstra força, no sentido de que se faz parte de algo que é maior e potente. Por exemplo, Marta diz que: “ir em um protesto te faz se sentir pertencente a

<sup>48</sup> A nuvem de palavras é uma função que apresenta a consulta da frequência das palavras que aparecem nos arquivos. No caso dessa pesquisa foram utilizados os arquivos de transcrição das entrevistas e selecionadas as 25 palavras mais frequentes.

um grupo, é um sentimento de pertencimento. A vida da gente é muito solitária. Quando tu tá num grupo que tem o mesmo objetivo te faz te sentir mais forte”. Joana também reconhece que “é um momento de tu não sentir sozinho, a gente tá lutando do jeito que pode, todo mundo junto dá uma energia [...] o ato dá a sensação de pertencimento importante”. A força refere-se também à questão do resultado da ação, ter força por vezes está associado ao que dá certo ou não em um protesto, na leitura dos manifestantes.

Nota-se, portanto, que a nuvem de palavras indica principalmente compreensões dos manifestantes relacionadas (1) à vivência de experiências compartilhadas, (2) à nocividade de determinadas situações e (3) ao fazer o correto, importantes para o processo de engajamento emocional. A partir da análise dos casos foram agrupadas sete possíveis compreensões recorrentes dos manifestantes sobre as performances com as quais interagiram. A partir das suas compreensões os manifestantes tendem a agir. Por não serem passivos na interação, por serem dotados de agência, o que eles fazem em função de tal agência são os mecanismos que explicam a produção de engajamento emocional negativo ou positivo.

Mesmo já tendo sido desenvolvida na seção anterior a caracterização e interpretação das interações entre manifestantes e as performances, será descrito a seguir, brevemente, o que significa cada compreensão e, por fim, serão sistematizadas as ações dos manifestantes, identificando os mecanismos que tendem a produzir o engajamento emocional.

a) A performance possibilita o compartilhamento de uma experiência comum.

Essa compreensão do manifestante sobre a performance diz respeito à relação do indivíduo com a coletividade. Um sentimento “de que se é uma pequena parte de uma totalidade [...] o mais importante [em um protesto] é o senso de pertencimento e obrigação com o grupo” (JASPER, 2016, p. 139).

É, principalmente, a ideia de sentir-se parte de algo, nesse caso, um senso de comunidade que conecta as pessoas que compartilham uma causa comum e tal senso pode ser um forte motivador para o ativismo (GOULD, 2002, p. 134). Nesse sentido, na interação com essas performances os manifestantes tendem a realizar uma ação que resulta em aderência (engajamento emocional positivo). Por outro lado, aquelas que são compreendidas de forma contrária, ou seja, não há esse compartilhamento, a ação do manifestante tende a resultar em rejeição à performance (engajamento emocional negativo).

b) A performance tem um conteúdo nocivo.

A compreensão do manifestante que a performance trata de questões nocivas associa-se a uma narrativa de vilões e vítimas. Nessa situação os vilões são responsáveis por ações que são nocivas, agredem direitos, prejudicam as vítimas (JASPER, 2016).

Nos casos estudados, no geral, a compreensão da performance como trazendo uma situação nociva tende a ser base para uma (re)ação dos manifestantes que no geral é a atribuição de um sentido de eficácia da performance — ou não (ineficácia). Ou seja, ao compreender as situações narradas na performance como nocivas o manifestante pode atribuir o sentido de que essa performance é eficaz — pois demonstra o potencial da mobilização para a mudança. Por outro lado, os resultados da pesquisa indicam que pode acontecer o contrário, no caso negativo, a partir dessa compreensão, o manifestante pode atribuir a performance um sentido de ineficácia, ou seja, por exprimir nocividade a performance não atinge os objetivos a ela conferidos. Destaca-se essa compreensão principalmente nas interações com as ações performatizadas por falas de representantes de coletividades e aquelas caracterizadas pela afronta à legislação.

O ataque pessoal também diz respeito a um conteúdo nocivo ao manifestante, nesse caso, diretamente, ou seja, influencia de alguma forma no seu cotidiano. Certamente quando se vai a uma manifestação a causa que mobiliza é nociva ao manifestante, pois dificilmente alguém se motiva a participar de um evento de protesto sem que identifique a causa como um problema a ser enfrentado. Por outro lado, existem situações que atingem diretamente a vida do manifestante. Por exemplo, no caso da Luisa, a manifestação contra os cortes da educação, ela como estudante sofrerá com tais cortes, no entanto, quando cortam a sua bolsa de iniciação científica, tal sofrimento se dá de forma mais direta e a curto prazo.

Jasper (2016) traz o exemplo do movimento Mães Contra Motoristas Bêbados que foi criado por mulheres que perderam seus filhos, segundo o autor, e transformaram a dor em determinação para resolver tal problema. Ele ainda diz que a ação política “é a resposta mais efetiva a essa atitude de desespero. Fazer alguma coisa, por pouco que seja, parece melhor do que não fazer nada” (p. 124). Nesse sentido, quando o ataque (referente a opressão, a injustiça, a violência etc.) se dá de uma forma mais pessoal, a ação do manifestante tem como consequência o engajamento emocional positivo com a performance.

c) A performance é entendida como legítima.

Esse é um caso no qual a compreensão diz respeito ao responsável a performatizar a ação, existe uma afinidade com essa pessoa. Nota-se que nesse caso a ação dos manifestantes tem como resultado a aderência à performance (engajamento emocional positivo). Nos casos estudados tal compreensão se dá sobre as performances que se caracterizam pela fala de representantes de coletividades. Segundo Jasper

[...] não saímos por aí com ideologias sofisticadas para avaliar cada posição política com que nos deparamos. Mas temos sentimentos muito sutis, muitas vezes inconscientes, sobre o mundo à nossa volta, especialmente sobre as pessoas que nos cercam. Confiamos em algumas mais do que outras, admiramos algumas, amamos algumas. (2016, p. 123)

São essas pessoas que quando, por exemplo, falam em um carro de som tendem a prender atenção do manifestante, que lhe confere legitimidade. Assim, na interação entre manifestante e performance, quando a ação é performatizada por alguém que têm legitimidade para esse manifestante, a ação de tal manifestante tende a resultar no engajamento emocional positivo.

d) A performance é divertida.

A compreensão dos manifestantes sobre a performance — de que essa é divertida — parece em um primeiro momento algo distante das funções de um protesto. No entanto, já é uma compreensão compartilhada que “os prazeres do protesto” (JASPER, 2016, p. 116) são centrais para o processo de mobilização. Como dizem os entrevistados, “um protesto não pode ser chato”.

Ainda que não seja possível separar razão de emoção, existe no imaginário popular e é reproduzido pelas esferas sociais, um discurso de uma rígida separação entre racionalidade e prazer. A racionalidade impessoal dos aparatos institucionais não dá espaço para afetividade, “os espaços e tempos da experiência emocional, afetiva e corpórea são circunscritos, distinta e rigidamente separados daqueles da palavra ‘racional’” (MELUCCI, 2001, p. 103). Segundo Melucci (2001), a cultura juvenil nas sociedades pós-industriais no limite rejeita tal palavra, no sentido de não aceitar mais sua separação dos prazeres, tal fenômeno se traduziria nos conflitos contemporâneos.

Um protesto tem que ser excitante, movimentar-se em conjunto é uma forma de entretenimento proporcionado pelo encontro, no qual a disposição resultante pode

chegar a um prazer eufórico (JASPER, 2016, p. 139). Portanto, na interação entre manifestante e performance, quando o manifestante compreende que a performance é divertida tende a identificar-se, resultando no engajamento emocional positivo. Nos casos estudados a compreensão refere-se às performances caracterizadas pela arte.

Por outro lado, essa mesma compreensão de que a performance é divertida pode ser base para o manifestante atribuir o sentido de ineficácia, pois, como nos casos de João e Osmar, protesto não é lugar de diversão, tem outra funcionalidade. Assim, como resultado ocorre o engajamento emocional negativo.

e) A performance desmobiliza.

A maioria dos protestos não é tão empolgante, requer incentivos, podem ser percebidos como enfadonhos, não conseguem prender a atenção, logo, as pessoas começam a ir embora (JASPER, 2016). Sustentar um protesto é uma tarefa desafiante. Em um protesto deve haver satisfações,

[...] essas gratificações incluem o orgulho de uma nova identidade positiva e a satisfação imediata de protestar em grandes grupos. As organizações e seus líderes devem ter em mente tais incentivos se quiserem obter algum resultado. (JASPER, 2016, p. 136)

É comum em um protesto a disposição dos manifestantes não se manter durante todo período, no entanto, no limite, podem desmobilizar-se, ou seja, não mais estarem dispostos a continuar envolvidos com o protesto. Nos casos estudados a compreensão de que a performance desmobiliza tem como referência a interação com aquelas caracterizadas pela fala de representantes e as caracterizadas pela arte, geralmente quando essas provocam desgaste, cansaço, são enfadonhas. Nesses casos o manifestante compreende que a performance desmobiliza e, assim, atribui um sentido de ineficácia à performance, o que faz com que a rejeite (engajamento emocional negativo).

f) A performance choca.

A compreensão dos manifestantes sobre o impacto da performance diz respeito ao que é chamado na literatura especializada de choques morais. Os choques morais são perturbadores, abalam o senso de realidade e normalidade, surpreendem, atraem atenção das pessoas, afinal, demonstram que o mundo não é necessariamente como se imagina (GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2000; JASPER; POULSEN, 1995; JASPER, 2016). Os choques morais têm um duplo efeito,



podem impelir a ação, ou afastar. Para alguns pode provocar indignação, para outros medo ou incômodo. Nos casos analisados nessa pesquisa estão associados principalmente às performances que se caracterizam pela arte. Geralmente às intervenções cênicas, que nos protestos tendem a ser provocativas.

Assim, o manifestante compreende a performance como tendo um conteúdo perturbador. A partir dessa compreensão tende a interpretar como eficaz ou ineficaz, que resulta em atração ou rejeição, respectivamente. Como foi o caso descrito anteriormente de Luiza, que em uma manifestação de mulheres abalou-se com a representação da violência, ou de João, que ficou perturbado também em uma manifestação de mulheres na qual essas jogavam sangue (fictício) representando a menstruação. João e Luiza compreenderam que essas performances chocam, Luiza atribuiu o significado de eficaz, aderindo à performance, já João atribuiu o significado de ineficaz, rejeitando-a.

g) A performance é perigosa.

O perigo diz respeito aos custos da ação. Tais custos quando são aumentados devido a ação de outro grupo, chama-se repressão (TILLY, 1978). O sucesso da repressão pode produzir uma radicalização da ação coletiva e separar àqueles que de fato encaram o confronto e estão dispostos a agir com violência se necessário, daqueles que seriam mais moderados e se afastariam do confronto (TARROW, 2009). No entanto, os moderados tendem a ser maioria (JASPER, 2016).

O perigo, portanto, está principalmente nos efeitos da repressão. As performances tendem a ser compreendidas como perigosas, principalmente por poderem resultar em possíveis prisões ou ainda algum efeito sobre o corpo (como lesões e, no limite, a morte). Nessa pesquisa o perigo diz respeito à compreensão sobre as performances que se caracterizam por afrontar a legislação, que são aquelas que provocam ruptura e, no limite, violência.

A partir da compreensão de que a performance é perigosa os manifestantes tendem a agir principalmente interpretando-a como ineficaz ou não se identificando com tais ações performatizadas. Foram poucos os casos que houve atribuição de eficácia nessa pesquisa. Como resultado tende-se, portanto, a acontecer o engajamento emocional negativo.

...

Durante a interação entre manifestante e performance, o manifestante compreende a ação performada, sobre tal compreensão resulta sua ação. Assim,

dada sua capacidade de agir, quando essa se torna ação de fato, produz efeitos. Logo, ao compreender o que é performado o manifestante age, sua ação tem como consequência o engajamento emocional positivo ou negativo, que é expresso por suas emoções. Os mecanismos que explicam o engajamento emocional são, portanto, essas ações que relacionam causalmente o que o manifestante faz (a partir de sua compreensão sobre a performance) com a aderência ou a rejeição expressas pelas emoções (engajamento emocional positivo ou negativo).

Ou seja, quando durante a manifestação ouvindo representantes do Partido dos Trabalhadores falarem em cima do carro de som, Maria diz à pesquisadora estar com raiva, fica reclamando, e segundo ela “falação dá vontade de ir embora”: a raiva é a expressão do engajamento emocional negativo (existe primeiro um envolvimento com a performance, no entanto tal envolvimento resulta em rejeição). Como ocorre esse engajamento emocional negativo? Maria entende na interação com a performance que ela desmobiliza. Ela atribui um significado de ineficácia a essa ação performatizada. Quando Maria age interpretando-a como ineficaz, existe uma relação causal entre essa ação e a sua rejeição à performance.

Os mecanismos causais, no entanto, não ocorrem de forma isolada, ou seja, podem se combinar para a explicação. Osmar diz que tem confiança e gosta muito de ouvir o “Negão” falar (líder comunitário do bairro Restinga). Ele conta que o Negão pode falar qualquer besteira lá que ele vai tá totalmente vidrado, que “o cara tem muita bagagem e visão de mundo, eu me vejo muito nas coisas que ele fala, o cara dá aula, todo mundo tem que ouvir”. Ele diz ainda que o “Negão” costuma abordar questões que ele vive diariamente. Esse “gosto” e confiança é a expressão do engajamento emocional positivo: Osmar entende a ação que é performatizada pela fala de “Negão” como legítima, tem uma afinidade com ele. Dessa compreensão, interpreta como eficaz a performance e se identifica com o que é performado. Logo, a atribuição de eficácia e a identificação explicam a aderência à performance.

Nos casos estudados foram identificados três mecanismos principais que podem ocorrer de forma combinada ou não. Tais mecanismos serão descritos a seguir com o detalhamento de um caso empírico para elucidar como ocorre o fenômeno do engajamento emocional positivo e negativo.

### 6.2.1 Mecanismo causal – Enquadramento de Eficácia

Enquadramento interpretativo é um conceito que diz respeito a uma ação de simplificação e categorização do mundo, delimitando interpretações sobre os fenômenos, construindo significados (BENFORD; SNOW, 1992). Segundo Tarrow

[...] a cultura da ação coletiva é feita de quadros interpretativos e de emoções que visam tirar as pessoas de sua submissão, mobilizando-as para a ação em cenários conflituosos. Os símbolos são extraídos seletivamente de um reservatório cultural pelos líderes do movimento e combinados a crenças orientadas para ação, de modo a navegar estrategicamente em meio a um paralelogramo de atores, que vai desde estados e oponentes na sociedade até militantes e populações-alvo. O mais importante é que a eles é dada uma valência emocional que visa converter passividade em ação. (2009, p. 147)

Um desses quadros interpretativos é o de eficácia/ineficácia. Como já dito, durante a interação existe ação do manifestante, que parte da compreensão que ele faz do que está sendo performado. Uma das ações dos manifestantes que tem destaque na explicação do engajamento emocional é a atribuição de significado de eficácia ou ineficácia à performance.

Atribuir ou não eficácia tende à produção de engajamento emocional positivo ou negativo, respectivamente. Quando o manifestante na interação com a performance atribui eficácia, ou seja, avalia que tal ação performatizada tem potencial para atingir seu objetivo, a tendência é a aderência à performance. Quando ocorre o contrário, ou seja, avalia-se que tal ação performatizada não tem potencial para atingir seu objetivo, tende-se a rejeitar a performance. Nota-se, no entanto, que nos dois casos existe envolvimento máximo com a performance (engajamento emocional), porém seu resultado pode ser positivo, com a aderência, ou negativo, com a rejeição.

A atribuição de eficácia ou ineficácia se dá a partir da compreensão do manifestante sobre a performance com a qual interage. Na interação existe primeiro a compreensão do que está sendo performado e, logo, o manifestante age atribuindo significado (interpretando). Dessa ação resulta a aderência ou a rejeição à performance:

Assim como estudiosos explicam a ação interpretando o que todos os atores imaginam estar fazendo, suas expectativas, esperanças e desejos, os próprios atores também interpretam o que todos os outros estão fazendo. Observam, ouvem, tentam colocar-se dentro da cabeça dos oponentes ou observadores. Eles interpretam as ações uns dos outros e reagem da maneira que consideram mais adequada. [...] Esse tipo de interpretação está no cerne da cultura; é pela interpretação que constantemente impomos ao mundo um significado. (JASPER, 2016, p. 60)

Não é possível entender os processos de contestação sem entender os pontos de vista dos manifestantes, eles buscam se habituar à situação por meio de ações e decisões, expressando e criando seus próprios objetivos e avaliando uma diversidade de táticas para conseguir o que desejam (JASPER, 2016). Durante a interação, os manifestantes primeiro entendem a performance, em seguida agem a partir de tal entendimento, nesse caso, a ação nesse caso é a atribuição de significado de eficácia ou ineficácia.

Luísa conta durante a entrevista que existem algumas ações que “fazem toda diferença”. Quando questionada sobre quais seriam, ela disse:

Olha, acho que tem que causar um impacto, não pode ficar só na mesmice, afinal pra que serve, né? Sacudir, desestabilizar. Eu lembro de uma situação que eu tava em uma manifestação, acho que era um 8 de março, não lembro. Lembro que dizia respeito às mulheres. Aí tinha uma apresentação durante a concentração. Lembro que tinha uma galera ali, bem diversa, assim [...] aí o pessoal do grupo encenou assassinatos de mulheres, feminicídios, muito forte, forte mesmo, com tudo que tem direito, até sangue. A violência da coisa [...] os caras batendo nas mulheres, nossa foi horrível. Teve um pessoal que saiu, não quis ficar, reclamou [...] me lembro. Eu adorei. Adorei não por causa do que tava acontecendo, né? Mas do impacto que tinha aquilo. Manifestação tem que chocar as pessoas senão que diferença faz? [...] Fiquei com muita raiva, não das pessoas [risos] [...] raiva disso que nós mulheres passamos, podemos passar, raiva da possibilidade das nossas amigas, das mulheres da nossa família, de nós mesmas sofrermos com isso, uma coisa ridícula, como um homem se acha no direito de fazer aquilo? (LUÍSA)

Ela ainda continuou dizendo que geralmente em manifestações com questões feministas essas ações que desestabilizam o público são onde mais ocorrem e por isso ela gostava tanto de participar. Durante a manifestação contra os cortes na educação, na qual a pesquisadora a acompanhava, ela voltou ao assunto dizendo que, segundo ela, às vezes faltava um “sacode”, como acontece nas manifestações das mulheres: “só gritar não é suficiente, só levantar cartaz, tem que chocar as pessoas, pra elas saírem da zona de conforto, senão fica sempre a mesma coisa e não se chega a lugar nenhum. Minha visão, né?” (LUÍSA). Durante esse momento caminhavam Luísa e a pesquisadora sob o viaduto da avenida Borges de Medeiros.

Os manifestantes gritavam palavras de ordem contra o atual presidente Jair Bolsonaro. Ela seguia descendo a avenida, indiferente aos gritos, contando uma situação de outra manifestação:

[...] teve uma manifestação sobre aborto, se eu não me engano, que um grupo de gurias tirou a blusa e estava escrito “meu corpo minhas regras” na barriga. Quando elas tiraram a blusa a família tradicional brasileira “pira” [risos]. Eu lembro que eu era bem mais nova e estava com a minha mãe [...] minha mãe é professora, ela vai às vezes em manifestações e quando eu era mais nova ela me levava [...] minha mãe na hora até ficou meio assim, não deu tanta bola, mas eu [...] nossa, achei muito “afudê”, fiquei vidrada, queria fazer também. Era um choque, sabe? Eu sei que tem muita gente que não gosta, mas manifestação não é pra ser bonito, é pra mexer, abalar, se não nunca vai dar certo. Esse tipo de coisa me pega, não ficar gritando assim e já era (LUÍSA).

As falas de Luísa demonstram a atribuição de eficácia relacionada à compreensão da performance como perturbadora (choque moral). É tal ação da manifestante (atribuição de eficácia), o mecanismo que explica o seu maior nível de envolvimento (engajamento emocional) que resulta em aderência ao que está sendo performado (positivo). Essa foi uma tendência encontrada nos demais casos analisados por essa pesquisa. Ressalta-se que os mecanismos podem combinar-se para explicação dependendo do contexto da interação. No entanto, a fim de elucidar o fenômeno sistematicamente, o foco da análise são os mecanismos de forma isolada.

Por outro lado, quando ocorre engajamento emocional negativo, ou seja, temos o envolvimento do manifestante a nível máximo com a performance, no entanto de tal envolvimento resulta a rejeição a ela: o mecanismo então é a atribuição de ineficácia. Um exemplo é quando a ação do manifestante tem como referência sua compreensão de que a performance desmobiliza. As performances com características artísticas tendem a ser compreendidas como desmobilizadoras por alguns manifestantes. Osmar disse durante a entrevista:

Quando estou indo a uma manifestação meu objetivo é a reivindicação de direitos e não o entretenimento, entende? Claro que uma música enquanto as pessoas estão chegando ou a bateria chamando as palavras de ordem, é interessante. Mas de fato não pode ser o cerne da manifestação, porque não chega em seu objetivo. Eu vejo que muitas vezes as pessoas ficam fazendo qualquer coisa menos assistindo as intervenções. Eu posso até não achar adequado, mas eu assisto, fico junto, comento e tudo, mas ao mesmo tempo, lá dentro estou incomodado, dependendo do momento fico até com raiva [risos]. Uma vez na Esquina Democrática tinha uma menina cantando no carro de som, eu estava prestando atenção, cantando junto e tudo mais, mas nossa cada vez mais comecei a me incomodar, porque ficava só aquilo, eu queria sair, fazer a caminhada, comecei a me irritar mesmo. É isso, aquilo ali

não leva a nada, só pra distrair mesmo. Esse é um ponto que aconteceu de discussão em 2013 naquela manifestação na Praça da Matriz que eram só shows, uma proposta mais artística, até que o pessoal se rebelou. Porque é isso, tem que fazer algo que dê resultado, e na minha visão esse tipo de ação não dá. (OSMAR)

Osmar chama atenção para as diferenças entre resultado e função de um protesto. Enquanto a pesquisadora o acompanhava em uma manifestação referente a questões trabalhistas, durante a concentração na Esquina Democrática, no centro de Porto Alegre, algumas músicas tocavam no carro de som e algumas pessoas falavam representando suas organizações. Osmar, então, comentou com a pesquisadora:

[...] eu adoro essa música [estava tocando alguma música do grupo Pink Floyd]. Lembra que eu te disse que não gostava dessa coisa de shows e apresentações em manifestações? Então, assim eu gosto, porque tem uma função bem específica que pra mim é essa de ligação entre o que está acontecendo e o que vai acontecer, sempre tem um tempo no meio, é bom preencher com isso. Acho que é isso, uma coisa bem específica de ligação. Mas enquanto o que de fato afeta no objetivo da manifestação eu não entendo que tenha qualquer tipo de resultado, entende? Não muda em nada ter ou não ter música. Até, se tem muita, é um saco, parece que não acontece nada, eu fico irritado e dá até vontade de ir embora. Tem gente que nem dá atenção e passa batido, pra mim não, me atinge mesmo, sou chato [risos]. (OSMAR)

Esse é um exemplo da compreensão do manifestante de que a performance desmobiliza, ele então interpreta-a como ineficaz. Esse mecanismo explica, nesse caso, o engajamento emocional negativo. Há rejeição à performance, e ela está causalmente relacionada à interpretação que o manifestante faz.

## 6.2.2 Mecanismo causal — Enquadramento de Injustiça

Segundo William Gamson (1992), um tipo de discurso que é recorrente no confronto político é o que chama de quadro interpretativo da injustiça. Segundo o autor “emoções diferentes podem ser estimuladas através da percepção de desigualdades [...]”. A injustiça focaliza a indignação, a raiva, “que põe fogo na barriga e ferro na alma” (p. 32). Criam-se, portanto, significados no protesto que identificam uma injustiça, responsabilizam alguém (ou alguma coisa) por ela e se propõe soluções (TARROW, 2009, p. 145).

Quando o manifestante na interação com a performance alinha o enquadramento com o proposto, ou seja, constrói o significado de injustiça a partir do

que é comunicado pela performance, tende a ocorrer o engajamento emocional positivo. Geralmente, nos casos estudados, a atribuição de significado de injustiça ocorre quando a performance é compreendida como tendo seu conteúdo nocivo, que quando comunicado, criam-se vítimas (quem sofre) e vilões (quem é responsável) na narrativa. Existe nesse caso um envolvimento máximo entre manifestante e performance e desse envolvimento ocorre a aderência à performance. Como ocorre no caso narrado por Laura:

[...] nossa, se tem uma coisa que me deixa indignada é injustiça. Acontecem coisas surreais com as pessoas. Bom, eu advogando já vi de tudo, né? Acho que foi ano passado, eu estava escutando a Ni falar [...] sabe a Ni? Do MNLM [Movimento Nacional de Luta por Moradia]. Nossa, ela contando como foi a desocupação daquele prédio que ficava lá próximo a Mauá [...] me começou a subir o sangue [risos]. Eu trabalhei muitos anos com moradia, reintegração de posse, é muito sofrimento. Eu fico muito brava com a falta de humanidade nesses processos. Escutar ela falando da situação das crianças, então [...] a truculência dos agendas do estado [...] é horrível, dá uma vontade de fazer alguma coisa pra transformar isso. Claro que na minha atividade profissional eu tento fazer diferença, mas é mais que isso, entende? As pessoas têm que ouvir esses depoimentos pra entender as injustiças e tentar fazer alguma coisa pra mudar, eu acho pelo menos. (LAURA)

O quadro de injustiça é um dos mecanismos, portanto, que explica o engajamento emocional positivo. Ou seja, nos casos analisados os manifestantes tendem a compreender o conteúdo do que é performado como nocivo (com vítimas e vilões), de forma que é atribuído o significado de injustiça para a situação, causando aderência a performance. Acompanhando Laura em uma manifestação referente a questões trabalhistas, a pesquisadora percebeu que durante as falas, em sua maioria, a manifestante encontrava-se indiferente, ou seja, conversava com as amigas assuntos diversos e compartilhava situações com a pesquisadora diversas àquelas que eram abordadas pelos representantes que estavam no carro de som. Inclusive na maior parte do tempo encontrava-se de costas para a ação performatizada. No entanto, ao escutar uma narrativa sobre a trajetória de uma trabalhadora doméstica que, depois de muita dificuldade, já não tinha mais forças para trabalhar como antes e agora batalhava para conseguir se aposentar, Laura virou-se e passou a prestar atenção na fala e, enquanto a narrativa se desenvolvia, seus olhos encheram de lágrimas, e ela disse:

[...] nossa, eu me emociono, fico muito triste [...] reconheço a história da minha mãe ali, que também era doméstica. Uma pessoa que passa por todas essas dificuldades e na hora de descansar ainda é mais uma batalha [...] fica uma mistura de raiva com tristeza, né? Raiva porque principalmente isso é culpa do Estado que não garante o mínimo, sabe? Foi por isso que lá atrás eu me tornei advogada, pra brigar por essas pessoas [...] mas não tem como não se emocionar. São essas histórias que fazem acender aquele fogo na gente pra mudar, pra ter energia de fazer melhor, sabe? (LAURA)

Apesar de, geralmente nos casos estudados, o quadro de injustiça ser um mecanismo que explica o engajamento emocional positivo, também foram identificadas ocorrências referente ao engajamento emocional negativo, ou seja, que do envolvimento acontece a rejeição à performance. Um desses casos é referente à performance que tem como característica afrontar a legislação, especificamente a partir da compreensão de que a performance é perigosa. Joana conta que estava em Curitiba em 2015 acompanhando uma amiga também professora no protesto contra o projeto de lei que mudaria o regime de previdência social dos servidores estaduais do Paraná:

[...] acho que era um sábado, fui passar o final de semana com essa minha amiga que é professora do estado lá [...] nunca vi tanta covardia, que horror [...] muita gente machucada [...] bala de borracha [...] desesperador. Me dá uma raiva, mas ao mesmo tempo eu tive muito medo, muito mesmo. Não dá pra ter confronto com a polícia, não dá pra chegar no ponto que isso aconteça porque eles batem mesmo. Eles tem uma força que o povo não tem. São treinados e equipados para confronto, é muito injusto o que fazem porque não tem equilíbrio algum. É impossível que não tenha outra forma de conter a manifestação. Como tu vai lá com teu corpo contra uma arma, mesmo que de borracha. Tinha gente com marcas de tiro no rosto. Tinha muito sangue, muita covardia, muito injusto com a gente. Eu estava lá de boa [...] do nada achei que ia [...] sei lá. Horrível. Só queria ir embora e não voltar mais. (JOANA)

Ainda sobre performances com essa característica, Joana comenta outra experiência que vivenciou:

[...] essa questão é difícil, porque eu acredito que realmente tem que desestabilizar, e a violência faz isso, chama atenção, pro bem e para o mau. Mas tem uma coisa [...] uma atitude [...] uma forma [...] não sei chamar, mas é assim [...] vou contar uma manifestação que eu fui pra ver se tu me entende. Era uma daquelas de 2013, estávamos descendo acho que a João Pessoa, parecia tudo bem, de repente começaram a quebrar o comércio [...] não era banco, não era grandes lojas, era o pequeno comércio mesmo. Numa dessas saiu o dono de um prédio do lado e era um senhorzinho, ele estava desesperado [...] foi horrível, fiquei com uma espécie de raiva, desespero com o senhor e triste. Era meio que no fim, eu fiquei pra trás porque tinha parado para encontrar uma amiga e presenciei isso. Na hora pedi pra eles pararem [...] eu sou dessas, se me incomoda eu me meto. Acho muito louco



que as pessoas não estão nem aí, vários passaram batido, seguiram como se nada tivesse acontecido. Já eu fui lá, pedi pra pararem, que não era daquele jeito, que era perigoso e desrespeitoso, quase me peguei no pau com um dos meninos que estava com um tijolo na mão [risos]. Depois tentei acalmar o senhor, quando a polícia chegou eu fui embora. Muito injusto com o pequeno comerciante que não tem nada a ver com a história. Muito injusto mesmo. (JOANA)

Esse, entre outros casos, demonstra que o enquadramento que faz o manifestante, atribuindo como significado injustiça à situação, explica também a ocorrência do engajamento emocional negativo, o envolvimento com a ação performada na qual acontece a rejeição a tal ação. Nesse caso o conteúdo da performance não é uma fala nociva, mas uma ação violenta.

### 6.2.3 Mecanismo causal — Identificação

Como já mencionado durante a interação entre manifestante e performance, o manifestante entende a ação performatizada e, então, age. Essa ação, diferente das anteriores que era de interpretar (atribuir significado), pode ser identificar-se ou não com o que é performado. Do envolvimento com a ação ocorre a rejeição ou a aderência. O manifestante identificar-se ou não com a ação pode ter motivos variados, não é o objetivo fazer a análise de tais motivos, mas demonstrar que quando ocorre essa ação, ou seja, há identificação, ocorre engajamento emocional positivo.

Por mais que não se busque analisar as raízes da identificação do manifestante, é possível dizer que existem consensos sobre essa ação. As formas de ação não são neutras, têm implicações morais, diferentes pessoas têm diferentes inclinações, favorecendo algumas ações em detrimento de outras:

Grupos não violentos não adotariam a violência mesmo se isso garantisse vitória; grupos da classe trabalhadora sentem-se mais confortáveis marchando juntos em um piquete do que fazendo lobby, um a um, com seus parlamentares; um grupo de advogados vai concentrar-se em procedimentos jurídicos e evitar infringir a lei. [...] Elas [as pessoas] podem aferrar-se a suas atividades favoritas mesmo que estas não estejam funcionando. (JASPER, 2016, p. 158)

Mais do que uma “atração” às formas particulares de ação é necessário que haja também um “impulso” de solidariedade e identidade coletiva (TARROW, 2009, p. 250). Identificar-se ou não com uma forma de ação tende a estar associado a um

consenso em torno de significados e identidades comuns. Alexandre conta durante a entrevista sobre a importância que confere aos símbolos nacionais:

Olha, eu tenho um ritual antes de ir para manifestação: primeiro eu pego minha bandeira do Brasil, prendo em um caninho que eu faço de haste e coloco em um suporte no carro pra quando irmos ela ficar para fora, sabe? Toda família tem que colocar a camiseta da seleção, aqui cada um tem a sua. Isso é muito importante, porque se a gente quer mudar o país, se a gente tá na rua, é porque a gente é patriota. É porque a gente ama nosso país e quer que ele seja melhor para nossos filhos e netos. É uma responsabilidade mostrar o nosso amor e, por ele, tentar mudar o que não está certo, não acha? Mas deixa eu continuar te contando [...] já viste que eu gosto de falar, né? [risos] Pois então, quando a gente chega na manifestação, eu gosto de ter uma visão clara para o carro de som para curtir as atrações. Mas pra mim o mais importante mesmo é o hino. Porque é naquele momento que a gente coloca pra fora que estamos juntos buscando algo melhor pro nosso país, é nossa força, nossa potência, entende? Eu me emociono. Até tem uns piás que não dão bola nessa hora. Mas é porque eles ainda não entendem a importância disso.

Nota-se nesse caso que — em interação com as performances que se caracterizam por elementos de afirmação/construção de identidade — o manifestante, a partir do entendimento que a performance possibilita o compartilhamento de uma experiência comum, age identificando-se e assim ocorre o engajamento emocional positivo. A performance com essas características tende a identificar o grupo para fora (do protesto), ou seja, passar uma mensagem comum, isso tem efeitos internos nos quais se configuram principalmente a partir do entendimento que se tem da performance de compartilhar vivências e significados, possibilidades de identidade coletiva. Por outro lado, pode também ocorrer com tais performances o engajamento emocional negativo a partir da não identificação com tais ações performatizadas, com a rejeição da performance. Alexandre, enquanto a pesquisadora o acompanhava na manifestação, comenta que se incomoda com algumas referências que compõem a manifestação:

[...] nossa, não gosto mesmo daquilo ali [Alexandre aponta para uma faixa com alusão à ditadura]. Eu fico chateado, até bravo com isso, porque não é isso que eu quero passar, entende? Independente se eu concordo ou não, acho que não cabe agora. Uma coisa é denunciar o Lula e querer justiça e assim demonstrar que tipo de país queremos, outra coisa é impor uma forma de fazer esse país ser melhor mas sem um acordo, não sei muito bem como dizer [...] tipo, eu posso até com ele, mas minha mulher odeia essa questão da ditadura, como a gente se apresenta assim? Eu não me vejo dessa forma, me colocando dessa forma, e isso me dá uma coisa ruim, porque não quero ser visto a partir dessa [...] informação, não sei. Provavelmente se tu não estivesse aqui comigo eu já teria ido lá discutir com eles [risos].  
(ALEXANDRE)

O mecanismo de identificação talvez seja o que mais tem potencialidade de combinar-se com os demais mecanismos para explicação. Tanto a atribuição de eficácia, quanto de injustiça, de certa forma relacionam-se com a identificação do manifestante com determinadas propostas. Ou seja, os manifestantes tendem a atribuir eficácia a ações com as quais se identificam, assim como os manifestantes tendem a identificar-se com as ações que interpretam como injustas seu conteúdo. Um exemplo de engajamento emocional negativo que tem como mecanismos causais a atribuição de ineficácia e a falta de identificação é o que pode acontecer com a ação performatizada por falas de representantes de coletividades:

Meu Deus! Que saco isso! É muito desestimulante, desde quando ficar falando, falando, falando, muda alguma coisa? Me sinto meio trouxa aqui [...] querem falar façam um simpósio, congresso, seminário, sei lá. Protesto é ação. Isso faz as pessoas irem embora. Eu não gosto disso, não gosto de estar associado a isso, não faço parte desse povo, sabe? Ficaria até com vergonha se tirassem uma foto de mim aqui, sério. Vamos ali pegar uma cerveja e alguma coisa pra comer? Não quero ficar aqui agora, quando começar de fato, a gente volta, pode ser? (LUCAS)

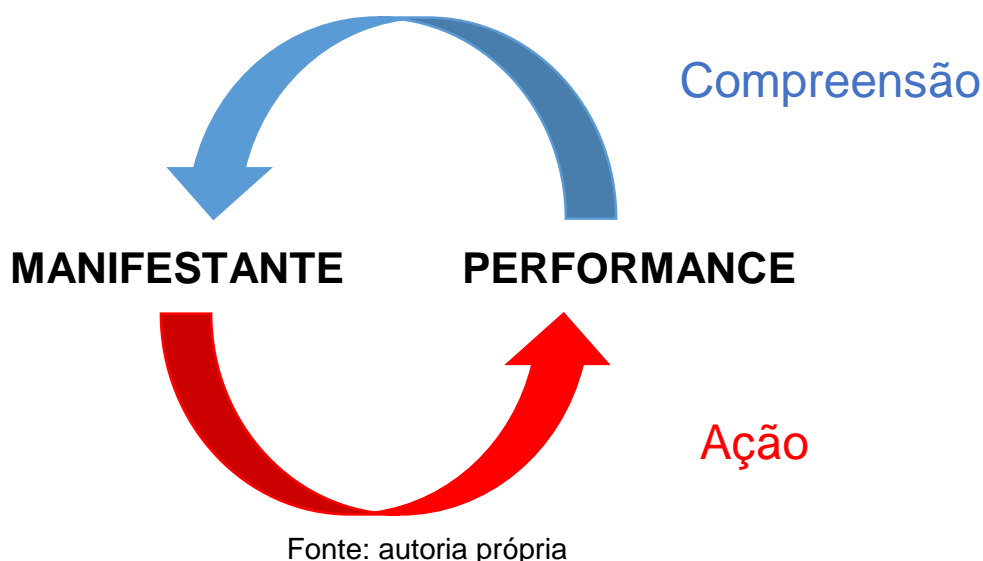
Nesse caso, durante a interação com a performance, Lucas a entende como desmobilizadora e age atribuindo ineficácia, além de não se identificar com o que é performatizado. Quanto aos casos de engajamento emocional positivo, um exemplo é com a performance caracterizada pela arte:

[...] essa coisa divertida, essa animação, sou eu, ou pelo menos é o que eu quero ser, quero fazer. É a minha forma de fazer alguma coisa. A alegria demonstra força também. Olha [...] a música, a cantoria, tudo isso, dialoga, as pessoas gostam, chega nas pessoas. (MARIA)

Maria, portanto, na interação com a performance artística entende-a como divertida, assim, identifica-se com a ação performatizada e, ainda, lhe atribui eficácia, aderindo-a. São diversas as possibilidades de combinações entre os mecanismos para explicação do fenômeno. No entanto, a proposta da pesquisa foi identificá-los de forma única, sem suas combinações, para melhor sistematização da explicação.

A Figura 6 sintetiza o processo de como ocorre o engajamento emocional:

**Figura 6:** Como ocorre o engajamento emocional



A participação contínua em eventos de protesto e eventualmente a busca por uma participação mais ativa em todo processo de mobilização, no limite organizar-se em um grupo, movimento, partido, entre outros, passa por uma experiência motivadora que pode ser promovida pelas ações que performatizam diferentes formas de expressar demandas coletivas. A interação entre os manifestantes e tais ações tende a ser uma experiência motivadora que possivelmente sustentará uma participação mais duradoura nos processos de mobilização quando existe engajamento emocional positivo. Quando isso ocorre

A intensa energia emocional que é gerada quando as pessoas se juntam para buscar um objetivo comum — a alegria, a solidariedade, o sentimento de fazer parte de algo que é maior que você — ajuda a explicar porque as pessoas se engajam nas ações coletivas mesmo quando elas poderiam facilmente “pegar carona”. (GOULD, 2002, 195, tradução própria)<sup>49</sup>

Nos protestos ocorrem diferentes níveis de envolvimento dos manifestantes com as performances (indiferença, observação e engajamento). Quando está em seu nível máximo (engajamento emocional), nem sempre é positivo. No entanto, quando ocorre o envolvimento em nível máximo do manifestante com a performance de forma positiva, são esses momentos que tendem a sustentar a participação dos

<sup>49</sup> Trecho original: The intense emotional energy that is generated when people join together in pursuit of a common end — the joy, the solidarity, the feeling of being part of something that is larger than yourself — helps to explain why people engage in collective action even when they could easily take a “free ride” (GOULD, 2002, 195).

manifestantes e, no limite, são a motivação para uma participação mais duradora e recorrente, mais ativa, em todo processo de mobilização. As emoções são grandes responsáveis pelas decisões dos indivíduos (JASPER, 1998; 2016; GOODWIN; JASPER; POLLETA; 2007).

A afirmação “acontece uma coisa que não sei explicar”, que dá título a esta pesquisa, predominante na fala dos manifestantes quando se referem ao que sentem durante os protestos, diz respeito, sobretudo, às suas interações com as performances que compõem tais protestos. Ainda que não se consiga nomear os sentimentos e sensações, esses são grandes responsáveis pelo desenrolar da ação coletiva contestatória.

## CONCLUSÕES

Os conflitos e suas diferentes fases têm variadas causas, efeitos e características, que têm implicações na motivação para ação e para o engajamento militante. Todavia é indiscutível que as emoções têm extrema relevância em todo processo. As emoções conferem às compreensões cognitivas o poder de atrair a atenção ou motivar a ação, ajudam a tomar decisões e perseguir objetivos (JASPER, 2016, p. 15). Demonstrou-se ao longo das seções a centralidade das emoções para ação coletiva, especificamente no que diz respeito às interações nos eventos de protesto.

O campo de estudos que tem como objeto a ação coletiva contestatória apesar de ter avançado nas análises sobre as emoções nos processos de contestação, no sentido de adquirirem centralidade para as explicações, em geral trata-as a partir de como são trabalhadas pelos movimentos sociais na promoção de suas ações (FLAM, 2005). Esse foco de análise sobre as emoções associa-se inclusive a como a literatura especializada também, no geral, tende a estudar os processos de contestação — com centralidade principalmente em movimentos sociais específicos. Por exemplo, suas formas de ação, como se relacionam com outros atores no conflito (Estado, mídia, entre outros), os enquadramentos interpretativos que produzem, estratégias de mobilização e o engajamento (militante) no movimento. A pesquisa apresentada nessa tese faz, principalmente, três deslocamentos de foco de análise na comparação com o que vem sendo produzido por esse campo de estudos.

O primeiro deslocamento feito na pesquisa foi centralizar a análise nos eventos de protesto, ou seja, não tratar de movimentos sociais específicos. Os eventos de protesto se desenvolvem nas interações entre os diferentes atores (DELLA PORTA, 2016). Existem atores (manifestantes) que são os promotores das performances, ou seja, performatizam ações que compõem o protesto e existem atores (manifestantes) que recebem tais ações, interagindo com elas. Durante o protesto todos os atores ora podem ser promotores de performances, ora podem interagir com as ações performatizadas. Assim, foram estudadas as interações em eventos de protesto.

O segundo deslocamento realizado na pesquisa diz respeito ao foco da análise dentro dos eventos de protesto: na interação entre manifestante e performance. Existe a intencionalidade das ações performatizadas e existe quem

recebe essa performance, no geral, a literatura aborda as performances: a intencionalidade dos atores que performatizam a ação, suas estratégias e como mobilizam emoções para atingir o público que desejam, por exemplo; por outro lado, as análises sobre aqueles que a recebem são periféricas (FLAM, 2005). Essa pesquisa deslocou o “olhar” para os manifestantes que recebem as performances. No entanto, entende-se que na interação entre manifestante e performance, os manifestantes têm agência e, eventualmente (não raramente) transformam essa capacidade de agir de fato em ação, produzindo efeitos sobre essa interação.

O terceiro deslocamento diz respeito a tais efeitos, o objeto empírico da pesquisa. Se a literatura especializada tem como objeto, no geral, as emoções mobilizadas pelos movimentos sociais na promoção de suas ações, esta pesquisa tem como objeto empírico o que foi chamado de engajamento emocional dos manifestantes com as performances públicas de contestação. Helena Flam (2005) afirma que os participantes do protesto se engajam emocionalmente com as ações que são promovidas em tais protestos. No entanto, a literatura especializada não sistematizou como ocorre esse processo de engajamento e, inclusive, não apresenta uma definição objetiva para esse fenômeno.

Durante os eventos de protesto, nas interações entre manifestantes e performances, foram identificados três níveis de envolvimento dispostos em uma escala: primeiro a indiferença, o nível mínimo de envolvimento, que no limite encerra a interação; em segundo está a observação, um nível intermediário de envolvimento; por fim o envolvimento máximo, chamado de engajamento emocional. A indiferença é quando o manifestante não tem atenção ao que está sendo performado, já no nível de observação existem para o manifestante, além da performance, outros focos de atenção. Nesse caso, ainda que o manifestante se envolva com a performance, também está se envolvendo em outras interações. Por fim, no nível máximo de envolvimento (engajamento emocional) toda atenção está na ação performatizada, a interação com a performance é o centro da vivência do manifestante naquele momento, e dela resulta a rejeição ou a aderência à performance, a partir da ação que o manifestante efetua na interação. O objeto dessa pesquisa foi o engajamento emocional, na qual buscou-se a construção de um modelo de explicação de como ocorre o fenômeno.

O engajamento emocional é expresso por emoções, ou seja, identifica-se se há engajamento emocional a partir da interpretação das expressões dos

manifestantes, que são categorizadas em um rótulo que designa um tipo de emoção. Foi utilizada a tipologia de James Jasper (2016): impulsos, emoções reflexas, estados de espírito, lealdades ou compromissos afetivos e emoções morais. Ainda, a partir da análise do contexto de interação e as emoções identificadas define-se se há engajamento emocional positivo ou negativo. Identificada a ocorrência de engajamento emocional com a performance, decorre a pergunta: como ele ocorre?

Logo, a primeira informação a ser analisada é qual a compreensão do manifestante sobre o que está sendo performado. Para isso olha-se para a emoção (que expressa o engajamento emocional) e pergunta-se: o que a tal emoção revela da interação entre manifestante e performance? Assim, é identificado o que o manifestante entende da performance. Como na linguística a compreensão está relacionada aos elementos do texto, ou seja, uma decodificação do que está escrito, a compreensão do manifestante é a leitura que ele faz da performance, uma decodificação dos elementos que a compõe. Foram sistematizadas as compreensões recorrentes dos manifestantes sobre as performances com as quais interagiram: (1) a performance possibilita o compartilhamento de uma experiência comum; (2) a performance tem um conteúdo nocivo; (3) a performance é entendida como legítima; (4) a performance é divertida; (5) a performance desmobiliza; (6) a performance choca; (7) e a performance é perigosa.

O manifestante não é passivo na interação, a partir do seu entendimento, ele age sobre a performance. Essa ação explica de forma causal o envolvimento que tem como consequência rejeição (engajamento emocional negativo) ou aderência (engajamento emocional positivo). Portanto, o que os manifestantes fazem na interação em função de sua agência, é o mecanismo causal que explica a ocorrência do engajamento emocional.

Foram identificados três principais mecanismos: enquadramento de eficácia, enquadramento de injustiça e identificação. A partir da compreensão que o manifestante tem da performance ele pode interpretá-la como eficaz ou ineficaz, pode também atribuir o significado de injustiça, e ainda identificar-se (ou não) com o que é performado. Resultando desse processo aderência ou rejeição à performance.

Diferente da compreensão que se apreende o que está no texto (nesse caso, na performance), a interpretação ultrapassa o texto: interpretar é a ação consciente de atribuição de significado. Quando o manifestante Alexandre compreende a ação performatizada pela fala de Marcel van Hattem como legítima (tendo por ele afinidade)



e assim lhe atribui o significado de eficaz, percebe-se que por causa dessa ação ocorre a aderência à performance. O contrário acontece, no entanto, quando há atribuição de significado de ineficácia, dessa ação do manifestante ocorre a rejeição à performance.

Também referente à interpretação, ou seja, a ação de atribuir um significado a partir da compreensão que se fez da performance, é o que ocorre com a injustiça. Gabriela na interação com uma performance caracterizada pela arte, na qual representavam-se cenas de violência contra mulher, fez a compreensão da performance como uma ação de conteúdo nocivo (no qual viu a mulher como vítima da sociedade machista). Dada sua compreensão sobre a performance, atribuiu o significado de injustiça ao que foi performado. Nesse caso específico, por causa dessa ação, foi aderida a performance.

Por fim, não necessariamente atrelada à interpretação, está a identificação do manifestante com o que é performado. Na ação de se identificar o manifestante desloca-se de indivíduo para coletividade, ou seja, se entende como parte de um “nós”. Como é o caso do Marcos na interação com a fala de Giovanni Culau (representante estudantil e em 2018 candidato a deputado federal pelo Partido Comunista do Brasil — PCdoB), que na manifestação chamada de #EleNão (como referência à contrariedade da eleição do atual presidente Jair Bolsonaro) narrava questões relacionadas aos LGBTQIA+. Marcos compreendeu da performance que havia o compartilhamento de uma experiência comum, logo, o manifestante identificou-se. Essa ação gerou a aderência a performance. Por outro lado, pode haver rejeição à performance quando há um processo contrário, um não se identificar, saindo o manifestante do “nós — coletivo”.

Apesar de na pesquisa serem tratados de forma única, os mecanismos causais podem se combinar na explicação do fenômeno, o que geralmente acontece. Por exemplo, a atribuição de eficácia tende a estar relacionada à identificação, percebe-se nos casos estudados que aquelas performances que os manifestantes interpretam como eficaz, também são aquelas com as quais se identificam.

Resume-se, portanto, a ocorrência do engajamento emocional da seguinte forma: na interação entre manifestante e performance, o manifestante compreende o que está sendo performado e age sobre a performance. Essa ação é o mecanismo causal que explica o envolvimento do qual é gerada a aderência (engajamento emocional positivo) ou a rejeição (engajamento emocional negativo) à performance.

A definição e sistematização do processo de engajamento emocional dos manifestantes e performances contribui para compreender uma questão chave da ação coletiva: a participação. O que faz as pessoas participarem de protestos? Os protestos, sobretudo, são expressões públicas das demandas coletivas e só são possíveis quando há, de fato, participação.

A escolha sobre participar ou não está relacionada principalmente aos sentimentos associados à decisão:

Evitamos algumas delas [escolhas] por medo, ou porque nos deixam moralmente desconfortáveis, por exemplo. Sentimentos a um grupo ou indivíduo — como confiança ou admiração — levam-nos a abraçar táticas que associamos a eles. Assim como os organizadores de protestos tentam estimular sentimento de orgulho, alegria e compaixão nos participantes, seus oponentes tentam inculcar resignação, depressão, vergonha, fadiga e medo. Chegamos à decisão muito mais pelo sentimento do que pelo cálculo. (JASPER, 2016, p. 60)

Como vimos, as emoções expressam o engajamento emocional, logo, quando há confiança ou admiração, significa que há engajamento emocional positivo. Quanto mais ocorrer a forma positiva de engajamento durante o protesto, a tendência é o manifestante motivar-se a participar de outras experiências similares.

O estudo do engajamento emocional abre caminhos para outras investigações, articuladas ou não, que tenham como objeto as emoções daqueles que participam de protestos, mas não necessariamente sejam seus promotores ou ainda representem uma organização específica. Apesar da centralidade das organizações, cada vez mais pessoas não organizadas participam de eventos de protesto. Também, o estudo do engajamento emocional incentiva conferir centralidade as interações e não necessariamente a um ator específico. Segundo Jasper (2016), “a ação política é sempre uma interação: é o envolvimento de dois ou mais atores em relação a alguma coisa que os interessa” (p. 58). Para a compreensão da dinâmica do conflito é necessário apreender as interações as quais o compõem.

Portanto, os resultados da pesquisa indicam pelo menos três possibilidades de desdobramentos para inclusão na agenda de pesquisa do campo de estudos sobre ação coletiva contestatória: (1) a relação entre engajamento emocional e o engajamento militante; (2) a relação entre engajamento emocional e energia emocional; e (3) o engajamento emocional de um público que vivencia o protesto, no entanto não são manifestantes.

A primeira possibilidade diz respeito ao que foi relatado anteriormente como uma questão central da ação coletiva contestatória, a participação. O engajamento emocional é situacional, pois tem como referência uma performance que compõe um evento de protesto. Já quando falamos em engajamento militante, esse é durável, ou seja, refere-se a uma atuação que é contínua na defesa de uma causa determinada que se expressa na identificação e inserção organizativa (SILVA; RUSKOWSKI, 2016). Os resultados da pesquisa indicam que quando há engajamento emocional positivo existe uma tendência do manifestante motivar-se a participar de outros protestos e, no limite, ter uma participação contínua. Logo, uma pergunta que emerge dos resultados é: em que medida o engajamento emocional positivo nos eventos de protesto pode vir a ser uma das causas do engajamento militante em algum tipo de organização?

O segundo desdobramento dos resultados da pesquisa refere-se à energia emocional. Esse é um conceito desenvolvido por Collins (2011) a partir do conceito de efervescência coletiva durkheniano. Segundo o autor, tal energia vem da transformação de uma emoção inicial para uma emoção que emerge da consciência de ser “arrastado” para dentro de um foco coletivo de atenção (COLLINS, 2011, p. 29). A energia emocional é resultado da transcendência do indivíduo ao coletivo, do senso de que se é parte de uma grande força maior que você: é empoderamento (EYERMAN, 2005, p. 46). Segundo Jasper (2016) existem picos de energia emocional durante os processos de mobilização. Os resultados indicam a hipótese de que quando há engajamento emocional positivo com a performance, principalmente causado pelo mecanismo de identificação, existe uma tendência do manifestante ter um pico de energia emocional, pois possibilita momentaneamente a transcendência do indivíduo ao coletivo. Assim, questiona-se a possibilidade do engajamento emocional positivo ser uma das fontes da energia emocional.

Por fim, uma terceira possibilidade de desdobramento da pesquisa diz respeito a um outro tipo de público relacionado ao evento de protesto, ou seja, não os manifestantes. Quando ocorre um protesto geralmente outras pessoas vivenciam a situação sem fazer parte de fato do evento. Por exemplo, os transeuntes ou os usuários de algum serviço o qual seja afetado de alguma forma pelo protesto. A análise dos dados da pesquisa indica que esse público também em alguma medida pode ter envolvimento com as performances (nos seus diferentes níveis: indiferença, observação e engajamento). Pergunta-se, então, se o público que não é manifestante

no protesto pode chegar a um nível máximo de envolvimento com a performance (rejeitando-a ou aderindo-a) e, caso seja possível, se esse processo é semelhante ao do manifestante.

Ainda que tenham sido identificados no mínimo três desdobramentos da pesquisa, é necessário também um aprofundamento sobre o fenômeno investigado: o engajamento emocional. Para refinar sua definição e expandir a explicação de sua ocorrência são necessárias novas pesquisas em diferentes contextos e com diferentes abordagens metodológicas.

A pesquisa apresentada por essa tese destaca a importância das emoções para motivação dos manifestantes. Destaca também que essa motivação — essencial para a participação na ação coletiva contestatória — é sustentada sobretudo na interação com as performances durante os eventos de protesto. A fala de Carolina durante a entrevista resume, de certa forma, esse argumento:

As vezes a gente vai no protesto e não interessa muito o que vai acontecer depois, interessa mesmo é o que vai acontecer nele, o que vai acontecer depois fica para depois [...] são as atrações, encontrar os amigos, ouvir quem tu gosta falar, caminhar do lado da bateria, gritar palavra de ordem, extravasar, passar no Túnel da Conceição, colocar aquela camiseta escrita #EleNão, escrever um cartaz com teus alunos, ver um teatro antes de sair a caminhada ou escutar um som, sei lá [...] tem muita coisa que acontece na manifestação, a gente vai com uma expectativa sobre tudo, às vezes se frustra porque é muito chato [risos] e a gente se distrai, fica feliz, triste, chora, canta, pula, fica bravo, xinga, nossa [...]. Depois que acaba até não tem nem como ir pra casa, sabe? Tu tá com a energia lá em cima, precisa sentar no bar e tomar uma cerveja [risos]. Mas aí é isso, depois de tudo, tu quer voltar e fazer de novo se tu teve uma boa experiência, a gente coloca na balança, né? Se foi massa, óbvio que eu quero repetir. Mas, claro, tem uns que não dá, são muito ruins, chatos mesmo, aí a gente quer fazer diferente, não repetir. Quando o protesto é bom, sei lá, *acontece uma coisa que eu não sei explicar*, parece que explode naquele momento e depois, bom, aí a gente avalia mais sério, né? Porque na hora é tudo pura emoção [risos]. (CAROLINA, grifo da autora)

O acontece que Carolina não sabe explicar? Por mais que não saibamos nomear o que sentimos, ou mesmo explicar as origens desse sentimento, demonstrou-se nos resultados da pesquisa que é sim possível explicar o que acontece nas interações entre manifestante e performance que possibilita o engajamento emocional expresso por nossas emoções.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERS, Rebecca; SERAFIM, Lizandra & TATAGIBA, Luciana. Repertórios de interação Estado-sociedade em um Estado heterogêneo: a experiência na Era Lula. **Dados**, 57/2, 2014, p. 325-357.

ALEXANDER, C. J. Cultural pragmatics: social performance between ritual and strategy. *In*: ALEXANDER, C. J.; GIESEN, B.; MAST, L. J. (Eds.). **Social Performance Symbolic Action, Cultural Pragmatics, and Ritual**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

ALEXANDER, C. J. **Performance and Power**. Cambridge: Polity Press, 2011.

ALONSO, A. Repertório segundo Charles Tilly: História de um conceito. *In*: **sociologia&antropologia**, v. 02.03: p. 21–41, 2012.

ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, 76: 49-86, 2009.

ANDRETTA; M.; DELLA PORTA, D. Surveying Protestors: Why and How. *In*: DELLA PORTA, D. (org.). **Methodological Practices in Social Movement Research**. Oxford University Press, 2014, p. 308-335.

BARBALET, J. M. (ed.). **Emotions and Sociology**. Oxford: Blackwell, 2002.

BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BENFORD, R.; SNOW, D. Master Frames and Cycles of Protest. *In*: A. MORRIS; C. M. MUELLER. (orgs.). **Frontiers in Social Movement Theory**. New Haven, Yale University Press, 1992, p. 133-155.

BENSKI, T. Breaching events and the emotional reactions of the public: Women in Black in Israel. *In*: FLAM, H.; KING, D. (orgs.). **Emotions and Social Movements**. London and New York: Routledge, 2005.

CADENA-ROA, J. Strategic framing, emotions, and superbarrio— mexico city's masked crusader. **Mobilization: An International Journal**, 2002, 7(2): 201-216.

CEFAI, D. Os novos movimentos de protesto em França: A articulação de novas arenas públicas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 72, Outubro 2005: 129-160.

CZARNIAWSKA, B. The Rhetoric of Emotions. *In*: FLAM, H.; KLERES, J. (orgs.). **Methods Exploring Emotions**. Routledge, 2015, p. 67-79.

CLEMENS, E. Repertórios organizacionais e mudança institucional: grupos de mulheres e a transformação política nos EUA, 1890-1920. **Revista Brasileira de Ciência Política**, 3, 2010, p. 161-218.

COELHO, M. C. Emoção, gênero e violência: experiência e relatos de vitimização. **Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, n. 5, v. 13, abril de 2006.

COLLINS, R. Social movements and the focus of emotional attention. *In*: J. Goodwin, J. Jasper and F. Polletta. (orgs.). **Passionate Politics**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

DELLA PORTA, D. Protest in Social Movements. *In*: FAHLENBRACH, K.; KLIMKE, M.; SCHARLOTH, J. (orgs.). **Protest Cultures: A Companion**. Berghahn Books, 2016, p. 13-26.

DELLA PORTA, D. *Social Movements, Political Violence, and the State: A Comparative Analysis of Italy and Germany*. Cambridge University Press, 1995, p. xviii-270.

DOHERTY, Brian. Tactics. *In*: Snow, David A. et al. (orgs.). **The Wiley-Blackwell encyclopedia of social and political movements**. Oxford: Blackwell Publishing, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As regras elementares do método sociológico**. São Paulo: Nacional, 1984.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

EYERMAN, R. How social movements move: emotions and social movements. *In*: FLAM, H.; KING, D. (orgs.). **Emotions and Social Movements**. London and New York: Routledge, 2005.

EYERMAN, R. Performing opposition or, how social movements move. *In*: ALEXANDER, C. J.; GIESEN, B.; MAST, L.J. (Eds). **Social Performance Symbolic Action, Cultural Pragmatics, and Ritual**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

EYERMAN, R.; JAMISON, A. **Music and Social Movements: Mobilizing Traditions in the Twentieth Century**. Cambridge University Press, 1998.

FLAM, H. Emotions' map: a research agenda. *In*: FLAM, H.; KING, D. (orgs.). **Emotions and Social Movements**. London and New York: Routledge, 2005.

FLAM, H. Introduction: methods of exploring emotions. *In*: FLAM, H; KLERES, J. (orgs). **Methods Exploring Emotions**. Routledge, 2015.

GAMSON, W. A. The social psychology of collective action. *In*: A. D. MORRIS, A. D.; MUELLER, C. M. (Orgs.). **Frontiers in social movement theory**. Yale University Press, 1992, p. 53-76.

GEERTZ, C. Um jogo absorvente: notas obre a briga de galos Balinesa. *In*: GEERTZ C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos, 2008.

GIDDENS, A. O amor romântico e outras ligações. *In*: GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993. p. 47-75.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOULD, D. B. Life during wartime: emotions and the development of act up. **Mobilization: An International Journal**, 2002, 7(2): 177-200.

HERITIER, A. Causal explanation. *In*: DELLA PORTA, D.; KEATING, M. (orgs). **Approaches and Methodologies in Social Sciences: A Pluralist Perspective**. Oxford University Press, 2008, p. 61-80.

HOCHSCHILD, A. Emotion work, feeling rules, and social structure. **American Journal of Sociology**, 1979, 85: 551–75.

JASPER, M. J. Emotions and Social Movements: Twenty Years of Theory and Research. **Rev. Sociol.**, 2011.37:14.1–14.19.

JASPER, M. J. Cultural Approaches in the sociology of social movements. *In*: KLANDERMANS, B.; ROGGEBAND, C. (Eds). **Handbook of Social Movements Across Disciplines**. New York: Springer, 2007.

JASPER, M. J. The Emotions of Protest: Affective and Reactive Emotions in and around Social Movements. **Sociological Forum**, V. 13, N. 3. (Sep., 1998), pp. 397-424.

JASPER, M. J. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

JASPER, M. J.; POLLETTA, F.; GOODWIN, J. Emotional Dimensions of Social Movements. *In*: **The Blackwell Companion to Social Movements**. Edited by David A. Snow, Sarah A. Soule, and Hanspeter Kriesi. USA:Blackwell Publishing Ltd, 2007.

JASPER, M, J.; GOODWIN, J.; POLLETTA, F. **Passionate Politics: Emotions and Social Movements**. London: Chicago Press, 2001.

JASPER, J. M.; POULSEN, J. D. Recruiting strangers and friends: Moral shocks and social networks in animal rights and anti-nuclear protests. **Social Problems**, 1995, 42(4), p. 493–512.

KATRIEL, T. Exploring emotion discourse. *In*: FLAM, H; KLERES, J. (orgs). **Methods Exploring Emotions**. Routledge, 2015, p. 57-67.

KEMPER, T. D. Towards a sociology of emotions: some problems and some solutions. **The American Sociologist**, 1978, 13: 30–41.

KOOPMANS, Ruud; NEIDHARDT, Friedhelm; RUCHT, Dieter. Introduction: Protest as a Subject of Empirical Research. *In*: KOOPMANS, Ruud; NEIDHARDT, Friedhelm; RUCHT, Dieter. (eds). **Acts of dissent: New Development in the Study of Protest**. Lanham: Rowman & Littlefield, 1999. p. 7-30.

LE BON, G. **Psicologia das Multidões**. Edições Roger Delraux, 1985.

LEFFA, Vilson J. Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre interpretação de texto. *In*: LEFFA, Vilson J.; ERNEST, Aracy. (orgs). **Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa**. Pelotas: Educat, 2012, p. 253-269.

LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. **Language and the Politics of Emotion**. New York. Cambridge University Press, 1990.

MACHAMER, Peter; DARDEN, Lindley; CRAVER, Carl F. Thinking about Mechanisms. **Philosophy of Science**, v. 67, n. 1, p. 1–25, 2000.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos. *In*: FIGUEIRA, S. (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, p. 56- 63.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. **Dynamics of contention**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

McCARTHY, J. D.; ZALD, M. N. Resource mobilization and social movements: a partial theory. **American Journal of Sociology**, 1977, v. 82, n. 6.

MEAD, M. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MELUCCI, A. Getting involved: identity and mobilization in social movements. **International Social Movements Research**, 1988, v. 1.

MELUCCI, A. **A invenção do presente**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLSON, Mancur. **A lógica da ação coletiva**. São Paulo, Edusp, 1999.

PEREIRA, Matheus Mazzilli; SILVA, Camila Farias da. Movimentos sociais em ação: repertórios, escolhas táticas e performances. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 615-645, Aug. 2020.

PERRY, E. J. Moving the masses: emotion work in the chinese revolution. **Mobilization: An International Journal**, 2002, 7(2): 111-128.

POLLETTA, Francesca. How participatory democracy became white: culture and organizational choice. **Mobilization**, 10/2, 2005, p. 271-288.

RADCLIFFE-BROWN, A. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes 1973.

REZENDE, B. C.; COELHO, C. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.



ROSALDO, Michelle Z. Toward an anthropology of self and feelin. *In*: SHWEDER, R; LEVINE, R. (orgs.). **Culture theory — essays on mind, self, and emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 137-157.

SCHECHNER, Richard. “A rua é o palco”. *In*: LIGIÉRO, Zeca (Org). **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012a, p. 155-198.

SCHECHNER, Richard. “Jogo”. *In*: LIGIÉRO, Zeca (Org). **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012b. p. 91-128.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?” *In*: **Performance studies: an introduccion. Second edition**. New York & London: Routledge, 2006, p. 28-51.

SILVA, Camila F. **Inovação nos Repertórios de Contestação: O confronto em torno do transporte público em Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado, 184f; il. Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PPG Sociologia, 2016.

SILVA, Camila F. **Dinâmicas da ação coletiva: as inovações nos repertórios de contestação nos eventos Defesa Pública da Alegria e Largo Vivo**. Trabalho de Conclusão de Curso. 44f.; il. Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva. Universidade Federal do rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

SILVA, C.; FERNANDES; E. G. Ciclo de protestos de 2013: construção midiática das performances de contestação. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, 53, 2017, p. 202-215.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 21, p. 187-226, Dec. 2016.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1971.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SIMMEL, Georg. **Conflict**. Nova York: The Free Press, 1964.

STEKELENBURG, V. *et al.* “Contextualizing Contestation: Framework, Design and Data”. **Mobilization**, 2012, 17(3): 249–62.

TARROW, Sidney. **O Poder em Movimento: Movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TAYLOR, V.; RUPP, L. J. Loving internationalism: the emotion culture of transnational women’s organizations, 1888-1945. **Mobilization: An International Journal**, 2002, 7(2): 141-158.

TAYLOR, V; VAN DYKE, N. "Get up, stand up": Tactical repertoires of social movements. *In*: SNOW, D. A. **The Blackwell Companion to Social Movements**, 2004, p. 262-293.

TILLY, Charles. **Regimes and repertoires**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

TILLY, Charles. **Contentious performances**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

TILLY, Charles. **From mobilization to revolution**. Addison-Wesley Pub. Co., 1978.

TILLY, Charles. Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834. *In*: TRAUGOTT, Mark (ed.). **Repertoires and cycles of collective action**. Durham: Duke University Press, 1995.

TILLY, C.; TARROW, S. **Contentious Politics**. Boulder: Paradigm Publishers, 2007.

WALGRAVE, S.; VERHULST, J. Selection and Response Bias in Protest Surveys. **Mobilization**, 2011, 16(2): 203-222.

WETTERGEN, A. Mobilization and the moral shock: Adbusters Media Foundation. *In*: FLAM, H.; KING, D. (orgs.). **Emotions and Social Movements**. London and New York: Routledge, 2005.

YANG, G. Emotional events and the transformation of collective action: the Chinese student movement. *In*: FLAM, H.; KING, D. (orgs.). **Emotions and Social Movements**. London and New York: Routledge, 2005.